

DM  
LEAL.1

---

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA  
MESTRADO EM PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

Edição de 2001/2003

DISSERTAÇÃO

CIÚME SEXUAL

- Percurso para um Delírio de Infidelidade -


Maria de Lurdes de Almeida Santos Galvão Leal e Leal -Nº1838

ORIENTADOR: Prof. Doutor Rui Aragão  
*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*



Outubro de 2005

---

	ISPA Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Gene de Documentação	
Registo:	16847
Data:	26/9/06
Tel: 21 011 17 50 • <a href="mailto:ispa@ispa.pt">ispa@ispa.pt</a>	

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Mestre, Prof. António Coimbra de Matos que, pela transmissão do seu saber e pelo exemplo do seu saber ser, me contagiou irremediavelmente com a sua fé no valor e na força da relação terapêutica como instrumento de dismantelamento da relação arcaica, patológica, patogénica e regrediente e de instauração da nova relação, sadia, sanígena e desenvolvutiva.

Ao meu Orientador de Seminário, Prof. Rui Aragão, cuja flexibilidade intelectual e relacional promoveram uma dinâmica de trabalho efectiva e proficua.

Aos meus professores em geral, acicates incontornáveis para o desafio permanente do meu enriquecimento profissional e da minha expansão pessoal.

A cada um dos meus pacientes, por comigo partilharem o seu mundo subjectivo, filão inestimável e inesgotável de aprendizagem.

À Cuca, minha irrepetível “irmã de coração”.

Ao Helder e à Maria Beatriz, pela afinação afectiva e sintonia emocional.

Ao meu homem, meu marido amante.

À minha filha, incondicionalmente amada e irrecusavelmente amável.

À minha mãe.

À memória de meu pai.

## ÍNDICE

<b>RESUMO</b> .....	6
<b>CAPÍTULO UM: Enquadramento</b>	
Objectivo .....	9
Método .....	10
<b>CAPÍTULO DOIS: Descrição do Ciúme</b>	
Sobre o Conceito de Ciúme.....	15
Ciúme e Inveja; Comparação e Diferenciação .....	16
Diferentes Tipos de Ciúme .....	20
É Normal Sentir Ciúme? .....	22
<b>CAPÍTULO TRÊS: O Ciúme À Luz das Principais Abordagens Psicossociológicas</b>	
Perspectiva Psicodinâmica .....	25
Perspectiva Sistémica.....	27
Perspectiva Comportamentalista.....	30
Perspectiva Evolucionista .....	31
Perspectiva Psicossocial.....	34
<b>CAPÍTULO QUATRO: Análise e Caracterização do Ciúme</b>	
Ciúme e Amor: Que Relação?.....	42
Ciúme e Género.....	45
O Medo da Perda e a Ilusão da Posse.....	47
Confiança <i>Versus</i> Desconfiança .....	50
Fundamento do Ciúme: Desconfiança e Suspeita .....	51
As Atitudes de Suspeita e de Susplicácia .....	52
O Objecto de Ciúme; Objecto Persecutório .....	54
A Relação Ciumento/Rival; Relação de Inveja.....	56
Delírio de Infidelidade (Delírio de Ciúme; Paranóia de Ciúme;).....	56
A Ocultação do Ciúme .....	58
<b>CAPÍTULO CINCO: Etiologia do Ciúme</b>	
As Raízes do Ciúme .....	61
A Organização de Personalidade Subjacente ao Ciúme.....	63
Ciúme e Homossexualidade .....	67
A Identidade do Ciumento .....	69

**CAPÍTULO SEIS: Finalidades do Ciúme**

Função Adaptativa ou Instrumental do Ciúme.....	72
Função Defensiva do Ciúme .....	73
Função do Delírio de Infidelidade.....	74

**CAPÍTULO SETE: Narrativa Comentada do Filme L'Enfer .....**78**CAPÍTULO OITO: Discussão.....**103**CAPÍTULO NOVE: Alcance e Principais Limitações do Presente Trabalho.....**119**CAPÍTULO DEZ: Questões para Futuras Investigações.....** 123**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FÍLMICA.....** 127

*“De tudo, ao meu amor serei atento  
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto  
Que mesmo em face do maior encanto  
Dele se encante mais meu pensamento.*

*Quero vivê-lo em cada momento  
E em seu louvor hei-de espalhar meu canto  
E rir meu riso e derramar meu pranto  
Ao seu pesar ou seu contentamento.*

*E assim, quando mais tarde me procure  
Quem sabe a morte, angústia de quem vive  
Quem sabe a solidão, fim de quem ama.*

*Eu possa me dizer do amor (que tive):  
Que não seja imortal, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure.”*

Vinicius de Moraes, *Soneto da Fidelidade*

## RESUMO

O ciúme sexual apresenta-se como inevitável, já que radica primordialmente em acontecimentos infantis associados ao conflito edipiano.

Na idade adulta, o sujeito repete com o parceiro amoroso a relação que teve com o objecto parental de amor e que o faz re-viver o sentimento de abandono, de traição, de frustração, de insegurança; por outro lado, repete com o rival a relação que viveu com o objecto parental rival e que o leva a re-sentir a raiva, o ódio, a vergonha, a inveja, a culpa, a humilhação, a ferida narcísica.

A experiência emocional do ciúme expressa o medo de perder o objecto de amor/o amor do objecto e a imensa fonte de satisfação a ele associada. Vivê-la de forma exacerbada constitui sinal de patologia; desconhecê-la é sintoma de imaturidade afectiva.

O ciúme competitivo ou normal surge como reacção à ameaça a uma relação afectivo-erótica que se valoriza, ou à qualidade dessa relação, ameaça essa representada pela intrusão do rival e apresenta-se como transitório, específico e ancorado em factos reais.

O ciúme patológico ou mórbido é produto dum medo desmesurado de perder o objecto para um rival, duma desconfiança excessiva e da suspeita infundada e decorre duma preocupação não fundamentada, absurda e emancipada do contexto da realidade objectiva.

Na etiopatogénese do ciúme encontra-se a falha falonarcísica, o mesmo é dizer, uma identidade de género ou imagem sexuada frágil. Sentindo-se sem suficiente valor sexual, muitas vezes o sujeito ciumento tenta compensar essa auto-desvalorização através da conquista de um objecto valioso, designadamente do ponto de vista erótico, o que vai potencializar a ansiedade narcísea, expressa na atitude hiper-vigilante contra a ameaça de perda do objecto investido a favor dum rival e no esforço para preservar a posse e

precar a ridicularização decorrente da eventual desapropriação e consequente degradação da sua imagem social.

O ciúme patológico actua como defesa contra a culpa ou o impulso para a infidelidade – ciúme projectado – e, para além disso, contra o impulso para a homossexualidade – ciúme delirante –.

O ciumento suspeita, enquanto o delirante de infidelidade "sabe" que é traído. O delirante de ciúme não é ciumento, porque a desconfiança e a suspeita inerentes ao ciúme deram lugar à certeza subjectiva, à "evidência"; reconhece-se vítima de enganos e de infidelidades que considera reais. Este paranóico, lê com clareza as intenções do comportamento dos outros, sabe qual é o significado de cada conduta, de cada gesto: significam o que ele os faz significar, o que quer que signifiquem. Para além de mandar nas suas próprias significações, ele manda também nas significações dos outros; Estes não se comportam com a intenção que dizem, mas com a que ele descortina.

No plano inconsciente, o paranóico ensaia a solução "homossexual" repetindo com o rival a relação que queria ter tido com o rival da relação anaclítica, numa tentativa desesperada de se libertar da relação objectal narcísica que o funde ao parceiro amoroso, com o qual repete a relação simbiótica oral-narcísica que teve com o objecto anaclítico.

A possibilidade de evolução para o delírio representa a última defesa contra a falha falonarcísica: não é o sujeito ciumento que é impotente para conservar o objecto amoroso, é o rival que se aproveita da ingenuidade ou da perversidade do objecto para ambos conspirarem na sua humilhação.

Para apoiar a nossa reflexão, elegemos o filme L'Enfer porque ele fornece um material de estudo singular, uma vez que, ao invés do que sucede na prática clínica:

➤ Em L'Enfer o paciente não surge com o delírio de infidelidade já instalado, antes assiste-se à construção progressiva e insidiosa da ideação delirante e a todo o cortejo de alucinações e comportamentos que a mesma condiciona até à rendição absoluta à lógica do delírio, que tem como corolário a descompensação psicótica;

➤ A patologia da personagem masculina evolui de ciúme patológico para delírio de infidelidade, de forma “livre”, isto é, sem a transformação que haveria de ser promovida pela relação psicoterapêutica nem a alteração que poderia ter sido induzida por terapêutica psicofarmacológica, se nalgum momento do processo de degradação psíquica, o ciumento tivesse recorrido a ajuda psicológica e/ou médica.

Porque proporcionam a análise da derrocada progressiva do aparelho psíquico do sujeito, casos como este permitem a formulação de hipóteses terapêuticas relevantes para tornar a prática clínica mais efectiva.

Traduzindo a falência do processo de separação-individuação, a estrutura borderline constitui um factor predisponente para o ciúme patológico, na medida em que aprisiona o sujeito à relação infantil dual e exclusiva, fechada sobre si própria e sobre o mundo e consequentemente lhe obstaculiza a triangulação dos afectos.

Sabendo que um factor patogénico reforçador da simbiose consiste na indisponibilidade afectiva, demissão ou ausência do pai e que a saída da anaclise se faz mediante o investimento no segundo objecto – o pai -, importará investigar se as famílias monoparentais, designadamente as constituídas em torno da figura da mãe, poderão representar um risco acrescido para o desenvolvimento de personalidades anaclíticas com predisposição para o ciúme patológico.

Palavras-chave: Ciúme. Amor. Falha falonarcísica. Identidade de género. Rival. Delírio de infidelidade.

## CAPÍTULO UM

### Enquadramento

#### Objectivo

*“O ciúme nasce sempre com o amor; mas nem sempre morre com ele.”*

La Rochefoucauld, *Réflexions ou Sentences et Maximes Morales*

---

O ciúme sexual goza de má reputação. Particularmente os anos 60 e 70, degradaram ainda mais a sua imagem. Eles marcaram uma época de libertação sexual e de contestação política em que o ciúme era as mais das vezes tido como uma fabricação de ordem burguesa, uma manifestação de alienação da sociedade capitalista, um sintoma de neurose e falta de confiança em si próprio. Ao indivíduo esclarecido era exigido que se abrisse a uma sexualidade livre e espontânea, exercida em comunidades nas quais se trocavam livremente ideias e parceiros sexuais e de onde o ciúme teria de estar o mais possível arredado.

Anna Segal, citada por Nancy Friday, comenta, a este respeito: “Crianças em flor disseram: “Façam amor, não façam a guerra.” Queriam afastar a agressividade e viver numa terra de Lótus. Mas o maior perigo da posição pacifista é a negação da agressividade. Temos que reconhecer a agressividade, pois há coisas pelas quais devemos lutar. ... Descartando a possessividade pessoal, jogaram fora o amor e a dependência. Assisti ao declínio deles. ... A noção de desistir da possessividade deve também ter sido uma defesa contra a tremenda ambição. Mas, quando as coisas não funcionaram, retornaram à ambição.”

Contudo, se o ciúme é, como julgamos, a emoção do amor, então é imprescindível que o tomemos sério, porque o amor é, e disso não é possível duvidar, a realidade de e para que nascemos, que nos faz querer viver e que, pela sua omissão ou rejeição, pode levar-nos a desistir – leia-se, deixar de existir -.

Ao eleger o ciúme sexual como questão de investigação, pretendemos aprofundar o entendimento de questões psico(pato)lógicas que julgamos de crucial importância para a vida relacional nas suas dimensões intra e interpessoal, com reflexos iniludíveis na relação amorosa.

Esta emoção reveste-se de primordial importância, ao nível da relação psicoterapêutica. Como lembra Glover, citado por Spielman, tratando-se de um afecto composto, é no decurso da psicanálise ou psicoterapia analítica de afecções mentais em que o ciúme tenha constituído um factor patogénico importante, que ele pode ser compreendido e regulado mediante o desmantelamento nos seus elementos constituintes.

Expandir a investigação dos factores etiopatogénicos do ciúme sexual, ajudar-nos-á a melhorar as nossas ferramentas de trabalho: Do conhecimento das falhas, dos défices, das incompetências do sujeito ciumento, sairá fortalecida a identificação homóloga com o paciente, fomentando uma relação mais empática, mais concordante, de maior afinção afectiva; resultará igualmente facilitada a identificação complementar com o objecto concebido do sujeito, ou seja, com o objecto mental criado pelo desejo do paciente, o que robustecerá a intersubjectividade da relação.

Por constituir uma obra paradigmática acerca do comumente designado Delírio de Ciúme ou, com maior rigor, como mais adiante teremos oportunidade de explanar, Delírio de Infidelidade, apoiámos a nossa análise no filme “L’Enfer” (1994), do realizador francês Claude Chabrol.

### Método

*“ O ciúme é uma forma de medo relacionado com um desejo de preservar uma possessão.”*

Descartes, *Paixões da Alma*  
(citado em *Romantic Jealousy – Causes, Symptoms, Cures*)

---

Desde logo pela mão do seu fundador, a psicanálise tem vindo a ser aplicada a um leque de ciências humanas onde figura, com notoriedade acrescida, a literatura e, duma forma geral, toda a criação estética de obras imaginativas, onde o cinema se inclui.

Freud considerava os grandes expoentes da literatura mundial como seus mestres e dizia dos relatos dos seus próprios casos clínicos que, para seu espanto, pareciam ser lidos como romances.

De resto, entre nós temos um exemplo paradigmático deste fenómeno: *A Vida Sexual*, compilação de histórias clínicas escritas com extrema acutilância e empatia por Egas Moniz, constituiu um sucesso de vendas sem precedentes, para um trabalho clínico publicado em Portugal, - foi editado dezanove vezes, com milhares de exemplares por edição -, só interrompido pela interdição de reimpressão e venda decretada nos primeiros anos do governo de Salazar.

Tal como a recriação dos incidentes da história clínica, também a definição dum personagem ou dum grupo de personagens, evoluindo dentro dos parâmetros da obra estética, literária ou filmica, encontra as suas raízes na vida real.

Verifica-se uma singular coincidência de temas, uma identidade de motivos entre o que acontece na vida dos indivíduos e o que os mestres da literatura e os contadores de histórias em geral, mestres de cinema incluídos, narraram ou imaginaram. Na base deste traço de união está o Inconsciente.

O carácter enigmático da escolha dum tema tão funesto como o de *Édipo Rei* (de Sófocles), acaba por ser desvendado por Freud quando este compreende que o destino e o oráculo não passam de expressões de uma necessidade interna; mais reconhece que o facto de o herói pecar sem consciência e sem vontade simbolizava a natureza inconsciente das suas tendências criminosas.

Quando Freud compreende que a tragédia grega mais não faz que apoderar-se de uma compulsão que todo o ser humano reconhece, porque todas as pessoas o sentem, descobre que uma lei universal da vida mental havia sido captada aqui em todo o seu significado emocional.

É assim que a mais célebre das suas psico-leituras, - *Édipo Rei* -, leva-o a estruturar a consciência, gradativamente despertada pelas suas observações clínicas, do que

inicialmente começa por designar de mito de Édipo (só a partir de 1919, complexo de Édipo), e que vem a revelar-se o núcleo da organização psíquica, da maturação afectiva, da neurose e da cultura.

Chegado à adultícia, o indivíduo começa a ocultar os desejos escondidos nas suas fantasias; fica-lhe o reduto da criação estética, a par das piadas e dos ditos de espírito, como contexto privilegiado para a expressão livre das suas fantasias.

Os desejos, as fantasias estão, por isso, presentes na literatura, bem como nas restantes criações estéticas imaginativas, designadamente no cinema, porque representam o elemento conflitual da vida das pessoas. Daí que essas obras forneçam uma alegoria da civilização e da história, das lutas travadas constantemente dentro do sujeito, dos conflitos entre partes antagónicas do *self*, das batalhas entre o sujeito e a sociedade, da luta travada no íntimo do sujeito entre recalçamento e recalçado.

A tendência para tratar personagens de ficção como se fossem figuras reais, está bem documentada: para citar apenas personagens das tragédias shakespearianas, lembremos como Hamlet, Othelo, Macbeth, Lear e Iago se converteram em perfis psicológicos clássicos e familiares, tanta tem sido a investigação psicanalítica a que têm dado lugar.

O que aproxima a psicanálise da criação estética, no domínio literário e fílmico, é a compreensão da história dos sofrimentos, dos afectos, dos pacientes e dos homens em geral.

A comparação entre a psicanálise clínica e a narrativa literária ou fílmica leva à identificação de afinidades entre elas: À história clínica reconstruída no processo analítico corresponde o enredo da novela/o argumento do filme; à definição de personalidade nos casos clínicos equivale a caracterização de personagens no romance/filme.

Elegemos o ciúme sexual como objecto de estudo; partimos da maturação teórica, ela própria motivada, imbricada na e interpenetrada pela nossa prática clínica, e apoiámos a investigação no filme *L'Enfer*.

A escolha dum filme e deste filme em particular, em alternativa a outros materiais de estudo como por exemplo, um caso clínico, foi estimulada pelos seguintes factores:

- Ao invés do que sucede na prática clínica real, em que a relação psicoterapêutica vai imprimir alterações no curso da doença, este filme fornece-nos um material de estudo singular, uma vez que a patologia da personagem masculina evolui de ciúme patológico para delírio de infidelidade, de forma “livre”, isto é, sem a alteração que poderia ter sido induzida por terapêutica psicofarmacológica nem a transformação que haveria de ser promovida pela relação psicoterapêutica, se nalgum momento do processo de degradação psíquica, ele tivesse recorrido a ajuda médica ou psicológica. Porque proporcionam a análise da derrocada progressiva do aparelho psíquico do sujeito, casos como este permitem a formulação de hipóteses terapêuticas consideradas relevantes para tornar a prática clínica mais efectiva.
- Contrariamente ao que habitualmente acontece na prática clínica, em que, com frequência, o paciente surge com o delírio de infidelidade já instalado, em L’Enfer assiste-se à construção progressiva e insidiosa da ideação delirante e a todo o cortejo de alucinações e comportamentos que a mesma condiciona até à rendição absoluta à lógica do delírio, que tem como corolário a descompensação psicótica;
- A verosimilhança do esquema relacional da história, aliada à vincada expressividade e intensidade emocional que os protagonistas principais – o par amoroso – imprimem às suas personagens, conferem ao filme uma mais-valia que, transcendendo o plano artístico, permite encará-lo como um documento clínico de inequívoco interesse;
- Do ponto de vista psicopatológico, a mensagem fílmica encerra um forte potencial didáctico e preventivo, já que, ao desencadear fenómenos psicológicos como os processos de identificação, torna-se um veículo privilegiado para o reforço da barreira diacrítica, promovendo assim a auto-crítica e a consequente consciência reflexiva, para além da consciência emocional, da vivência do ciúme.

*Amai-vos um ao outro,  
Mas não façais do amor um obstáculo:  
Deixai-o ser antes um mar vivo  
Entre as praias das vossas almas.*

*Enchei cada um a taça do outro,  
Mas não bebeis por uma só taça.  
Partilhai o pão;  
Mas não comais do mesmo pedaço.*

*Cantai e dançai juntos, sede alegres,  
Mas permaneça cada um sozinho  
Como estão sozinhas as cordas do alaúde  
Enquanto nelas vibra a mesma harmonia.*

*Dai os vossos corações,  
Mas não a guardar um ao outro.  
Porque só a mão da Vida  
Pode conter os vossos corações.*

*Mantende-vos juntos  
Mas nunca demasiado próximos,  
Porque os pilares do templo  
Elevam-se distanciados,  
E o carvalho e o cipreste  
Não crescem à sombra um do outro.*

*Kahlil Gibran, O Profeta*

## CAPÍTULO DOIS

### Descrição do Ciúme

#### Sobre o Conceito de Ciúme

*“Ciúme: sentimento doloroso que as exigências de um amor inquieto, o desejo de posse da pessoa amada, a suspeita ou a certeza de sua infidelidade, fazem nascer em alguém.”*

Aurélio Buarque de Holanda, *in Novo Dicionário da Língua Portuguesa*  
(citado em *O Pequeno Livro do Ciúme*)

---

A revisão bibliográfica empreendida permitiu a recolha de algumas das definições para ciúme sexual - também designado na literatura da especialidade por ciúme amoroso ou ciúme romântico - que se julga ilustrarem adequadamente o conceito.

Gregory White e Paul Mullen definem o ciúme como “...um complexo de pensamentos, sentimentos e acções desencadeado em resposta a ameaças à existência ou à qualidade do relacionamento, quando essas ameaças são geradas pela percepção de uma real ou potencial atracção entre o parceiro de alguém e um (talvez imaginário) rival.”

Roland Pierloot descreve o ciúme como “um estado emocional provocado pela ideia de que alguém tirou um objecto – em regra um objecto de amor – que por direito pertence ao indivíduo ou que, no mínimo, tem que partilhar esse objecto com outra pessoa.

Don Sharpsteen explica que o “Ciúme é desencadeado pela ameaça de separação ou pela perda de um parceiro romântico, quando a ameaça é atribuída ao eventual interesse do parceiro romântico por outra pessoa.”

Enrique Echeburúa e Javier Montalvo dão-nos conta de que “Os ciúmes constituem um sentimento ou uma emoção que surge como consequência de um exagerado afã de

possuir algo de forma exclusiva (*pertences-me, sou todo teu*, etc.) e cuja base é a infidelidade – real ou imaginada – da pessoa amada.”

Castilla del Pino caracteriza o ciúme como “... a expressão angustiada da possibilidade de não reter o objecto ante a real ou imaginada concorrência de um, alguns ou muitos rivais.”

Coimbra de Matos fornece uma noção integradora e abrangente do ciúme sexual, quando escreve: “O ciúme é um sentimento... originado no receio de perder o objecto de amor; a dificuldade no ciúme é a repartição do amor do objecto: o indivíduo pretende ser único e exclusivo depositário do amor do seu objecto.”

Por sua vez, Daniel Lagache adianta uma outra perspectiva: “...o ciúme é uma tentativa para resolver o conflito entre o amor ciumento e o parceiro real através duma conduta de dominação de estrutura regressiva e imaginária que tende a negar a existência e o valor do parceiro e a afirmar unilateralmente a existência e o valor da pessoa do ciumento.”

### Ciúme e Inveja: Comparação e Diferenciação

*“A inveja é um sentimento vivido na relação binária e que traduz uma incompletude narcísica. (...) O ciúme é um sentimento vivido na relação triangular e edipiana originado no receio de perder o objecto de amor; a dificuldade no ciúme é a repartição do amor do objecto: o indivíduo pretende ser único e exclusivo depositário do amor do seu objecto.”*

Coimbra de Matos, *O Desespero*

---

A confusão entre os conceitos de ciúme e de inveja não é apenas evidente na linguagem quotidiana mas também na terminologia clínica. Muitas vezes, o uso desses termos é feito de forma intercambiável ou conjuntiva.

Kleine e Riviere abordam a questão da confusão entre inveja e ciúme que se traduz as mais das vezes na incorrecta substituição do conceito de inveja pelo de ciúme, sugerindo que tal ficar-se-á a dever à necessidade ou desejo de negar a inveja, por ser

mais primitiva, malévola e reprovável, enquanto o ciúme surge relacionado com o amor e por isso aparece como mais maduro e ego-sintónico.

Também para Coimbra de Matos, o ciúme exalta o amor. Se provoca o ódio, é contra todos os obstáculos que impedem de possuir o outro totalmente. A inveja é mais uma pulsão de ódio. O outro, que representa o que o invejoso gostaria de ser, torna-se insuportável. É imperioso fazer tudo para o depreciar, o aniquilar e mesmo destruir.

- Melanie Klein postula: “ A inveja é o sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável sendo o impulso invejoso de tirar este algo ou de estragá-lo. Além disso, a inveja pressupõe a relação de um indivíduo com uma só pessoa e remonta à mais arcaica e exclusiva relação com a mãe. O ciúme é baseado na inveja, mas envolve uma relação com, pelo menos, duas pessoas; diz respeito principalmente ao amor que o indivíduo sente como lhe sendo devido e que lhe foi tirado ou está em perigo de sê-lo, pelo seu rival.”

Para Coimbra de Matos: “Na inveja há um défice (primário) narcísico, no ciúme, um ferimento (deficiência secundária, por espoliação); o invejoso sente-se pobre, o ciumento empobrecido”; “ ... na inveja (...) a insuficiência narcísea é mais global e básica, atinge todo o *self* e é de origem mais precoce – relaciona-se com a falha narcísica primária. Ao passo que no ciúme é quase apenas a auto imagem sexuada que está diminuída – é uma falha narcísica secundária ou falonarcísea; ...”

Couto Soares Pacheco, salienta que: “Na inveja sentimos que outros possuem um bem que desejamos para nós, enquanto que no ciúme defendemos um bem que julgamos nosso e que não desejamos ver partilhado com ninguém.”

Segundo Willy Pasini: “... o ciumento receia perder o que possui, enquanto o invejoso se atormenta por ver que o outro possui o que ele deseja (e não tem)”.

W. Gerrod & R. Smith advogam que a inveja ocorre quando alguém possui aquilo que ao invejoso faz falta, enquanto o ciúme se relaciona com a perda de uma relação que já se possuía.

A inveja remete o sujeito para a sua impotência, a sua mediocridade. Para recuperar a sua auto-estima, o invejoso tem necessidade de denegrir a pessoa invejada, de provar aos outros e a ele próprio que ela nada vale.

A inveja combina a frustração de não ser o que se deseja e o sentimento de desvalorização que se experimenta face àquele ou àquela que admiramos e que encarna o que gostaríamos de ser.

Francesco Alberoni afirma: “é uma impressão súbita de diminuição do ser ... sinto-me rebaixado, amesquinhado, incompleto. A plenitude do outro criou em mim um vazio. Esse vazio é a inveja”.

Na inveja, o indivíduo é infeliz porque outra pessoa possui algo que ele desejaria possuir porque admira e valoriza e sente-se inferior por o não possuir. Pode tratar-se de uma coisa, de uma pessoa ou ambas; ou pode ser uma qualidade como o sucesso, a reputação ou a felicidade.

A inveja resulta da admiração de um atributo ou bem do objecto invejado e pode envolver cobiça da coisa invejada, ódio ou ressentimento em relação ao objecto que possui a coisa invejada, um desejo de molestar o objecto e por vezes a ânsia de espoliá-lo da posse da coisa invejada e de destruir esta.

Coimbra de Matos distingue duas dimensões no afecto da inveja. Por um lado, a inveja-desejo, que remete para a ânsia de possuir o que se admira no outro; por outro, a inveja-ataque ou inveja maligna, associada ao desejo intenso de destruir o bem ou atributo que se admira/inveja, se o acesso à sua posse se revelar impossível.

Crucial para o conceito de inveja é que a configuração interpessoal que a caracteriza envolve duas pessoas, uma das quais possui o que a outra inveja.

No ciúme, o sujeito experimenta apreensão, ansiedade, desconfiança e/ou suspeita em relação à perda do afecto ou amor dum objecto de amor, a favor duma terceira pessoa.

O ciúme é frequentemente associado a uma atitude de guarda vigilante contra a ameaça de perda e a um esforço para preservar a posse.

A rivalidade com uma terceira pessoa está sempre presente e salienta um aspecto fulcral do ciúme; ele ocorre numa situação de três pessoas, na qual a pessoa ciumenta tem medo de que a terceira pessoa se intrometa na relação dual e lhe usurpe a posse.

Da comparação entre os sentimentos de inveja e ciúme ressalta outra diferença: a inveja desencadeia a culpa; o ciúme acarreta a vergonha.

O ciúme é um sentimento mais maduro que a inveja; está relacionado com os conceitos da criança de posse e perda e com a sua capacidade para relações de objecto triangulares, mais complexas.

Coimbra de Matos escreve, a este propósito: (o ciúme) “ É também o sentimento ... da relação de objecto total e perdurante ..., da verdadeira relação objectal – do laço ou vínculo que se estabelece entre duas pessoas; de uma relação em que é sempre mal tolerada a intromissão de um terceiro, a concorrência externa de um outro ao amor do mesmo objecto ou a fuga de afecto desse objecto para outra pessoa.”

É mais comum encontrar o ciúme como definição de inveja, o que deixa supor que o ciúme constitui um conceito mais abrangente e complexo, que pode conter a inveja.

Com efeito, na vida afectiva real, estes dois sentimentos aparecem, por vezes, mesclados, mais focalizados num ou noutro pólo.

Enquanto a inveja aparece muitas vezes isolada do ciúme, este surge frequentemente acompanhado da inveja.

Na concepção freudiana, o ciumento delirante, com uma forte componente de homossexualidade subjacente, na verdade inveja a mulher pela relação com o rival do seu sexo.

Se o sujeito vê o seu objecto de amor como mais competente que ele, designadamente ao nível das perícias relacionais e sociais, pode invejar-lhe esses atributos e sentir ciúme pelo facto de considerar que o seu parceiro terá muita facilidade em trocá-lo por outro.

Quando o objecto de amor dum sujeito concede atenção a um rival atractivo, o indivíduo vai sentir ciúme do seu parceiro e concomitantemente experimentará inveja do rival, pela sua competência erótica.

### Diferentes Tipos de Ciúme

*“O ciúme por amor é uma dor apenas, forte, fortíssima, porém apenas uma dor.  
O ciúme por amor-próprio também é dor, porém, mais do que isto, é ira, despeito,  
É reacção do orgulho viril no que ele tem de mais delicado e irritável.  
O ciúme por amor chora e pede; humilha-se e suplica.  
O ciúme por amor-próprio brada e amaldiçoa, fere e mata!”*

Paulo de Mantegazza, *A Arte de Escolher Marido*  
(citado em *Ciúme, O Medo da Perda*)

---

Em função do maior ou menor grau de crítica do sujeito que sente ciúme, é comum enquadrar o ciúme em diferentes classes.

Freud situa o ciúme em três níveis:

1. Ciúme competitivo ou normal, caracterizado pela dor causada pelo pensamento de perda do objecto amado e pela ferida narcísica, para além dos sentimentos de hostilidade para com o rival bem sucedido e duma maior ou menor dose de auto-crítica do sujeito relativamente à sua responsabilidade na perda;
2. Ciúme projectado, que deriva da projecção no parceiro de impulsos de infidelidade recalcados ou duma real infidelidade;
3. Ciúme delirante, em que os impulsos de infidelidade recalcados revestem uma natureza homossexual, uma vez que se dirigem ao rival e são projectados no parceiro.

Como sublinha Joan Riviere, nesta concepção, tanto o ciúme projectado como o delirante serviriam para defender o super-ego mediante a projecção no parceiro da culpa suscitada pela infidelidade do próprio sujeito.

White e Mullen repartem o ciúme em três categorias:

1. Ciúme reactivo ou normal, quando preenche uma função instrumental;
2. Ciúme patológico, que implica o sentimento de ser traído, quer isso envolva ou não um relacionamento sexual;
3. Ciúme sintomático, agregado a desordens mentais.

Coimbra de Matos enquadra o ciúme em três patamares:

1. Ciúmes neuróticos, de expressão mais ligeira;
2. Ciúmes mórbidos ou patológicos, associados frequentemente à estrutura depressiva;
3. Ciúmes delirantes, predominantemente ligados à paranóia.

Willy Pasini hierarquiza o ciúme da seguinte forma:

1. Ciúme normal, que faz emergir o desejo de conservar para si o objecto de amor;
2. Ciúme narcísico, que dá lugar a um controlo exacerbado da vida do parceiro amoroso; afecta normalmente personalidades narcísicas, que exigem que toda a atenção se concentre em si próprias.
3. Ciúme obsessivo, provocado pela projecção no objecto investido de impulsos de infidelidade recalcados ou duma infidelidade real;
4. Ciúme delirante, originado na imaginação; toda a explicação racional, toda a discussão é inútil porque este ciumento só dá ouvidos ao seu delírio.

### É Normal Sentir Ciúme?

*“O ciúme deve entrar no amor como nos alimentos, a noz moscada. Deve lá estar, mas sem se fazer sentir.”*

F. Algarotti, *Pensieri Diversi*  
(citado em Willy Pasini, *La Jalousie*)

---

O primeiro nível das categorizações citadas no ponto anterior, permite assumir como normal que uma pessoa se sinta enciumada em situações em que, de alguma forma, se veja excluída ou ameaçada de exclusão na relação com um objecto de amor.

Algumas reacções ao ciúme são tão naturais que alguém que as não demonstre parece pouco “normal”. Dificilmente concebemos que um marido cuja mulher o informa de que está enamorada de outro homem lhe responda: “ Ótimo! Fico feliz por ti, querida...”, porque esta seria uma resposta inadequada já que o marido não estaria a reagir a uma ameaça real que pende sobre a sua relação amorosa.

Designadamente para Freud, o “Ciúme” é um daqueles estados afectivos que ... pode ser descrito como normal”. Aduz, ainda, que a “imunidade” do indivíduo a este sentimento far-se-ia à custa de um severo recalçamento, o que conferiria ao ciúme um lugar de destaque na sua vida mental inconsciente.

Otto Kernberg alerta para os eventuais significados da ausência da capacidade de experimentar ciúme: “Um ... sintoma narcisista significativo é a ausência da capacidade para o ciúme, que reflecte frequentemente a incapacidade de se comprometer suficientemente com alguém, tornando, assim, irrelevante a infidelidade. A ausência do ciúme também pode traduzir uma fantasia inconsciente de ser tão superior a todos os rivais que a infidelidade do parceiro é inimaginável.”

Interessa realçar que o ciúme normal seria transitório, baseado em factos reais e cumpriria uma função instrumental, a de nos informar simultaneamente sobre uma necessidade frustrada e os obstáculos à sua satisfação.

De acordo com Couto Soares Pacheco, "... lança um grito de alarme: estou mal, a minha relação vai mal, sinto medo, que hei-de fazer?"

Este autor destaca ainda "a vulgaridade e, portanto, a normalidade do ciúme amoroso, que não é somente uma emoção muito frequente mas é, sobretudo, uma emoção que se estende por variadas sociedades e latitudes."

A esta perspectiva, opõe-se Castilla del Pino para quem "Não há ciúmes "normais".", fundamentando assim a sua posição: " Têm-se considerado os ciúmes anormais quando, primeiro, são intensos e, segundo, constantes. Basear a anormalidade em questões de grau é introduzir um critério de subjectividade inaceitável, no fundo um critério de autoridade. ... Os ciúmes são anómalos, ainda que não surjam com frequência e sejam "pouco intensos"."

Quanto a nós, revemo-nos na concepção de que mais patológico do que sentir ciúme ante a ameaça de perda do amor dum objecto de amor será reagir com apatia face a essa circunstância, já que essa resposta emocional revelar-se-ia inadaptaada e falha de maturidade afectiva correspondendo a uma espécie de fuga da realidade.

Como refere Roland Barthes, estaríamos a negar interesse ao nosso amor.

*“Eu sou! E tu és! E o amor;  
É tudo: Tudo o que importa!”*

Richard Bach, *The Bridge Across Forever*

## CAPÍTULO TRÊS

### O Ciúme À Luz das Principais Abordagens Psicossociológicas

#### Perspectiva Psicodinâmica

*“... (o ciúme) demonstra possuir profundas raízes no inconsciente e continua impulsos muito precoces da vida afectiva infantil.”*

*Freud, Certain Neurotic Mechanisms in Jealousy, Paranoia and Homosexuality*

---

O enfoque psicodinâmico pressupõe que as memórias precoces e as carências infantis, a maioria delas inconscientes, exercem uma poderosa influência sobre a forma como se experimenta o mundo e se vivem as relações; Em matéria de ciúme, como relativamente a tantas outras questões, os conflitos entre os elementos do casal constituem uma actualização de conflitos internos.

Freud inaugurou a concepção, ainda hoje partilhada pela maioria dos psicanalistas, de que o ciúme radica primordialmente em acontecimentos infantis relacionados com o conflito edípico. De acordo com o primeiro psicanalista, o menino enamora-se da mãe, enquanto a menina se enamora do pai. Mas, qualquer deles tem que enfrentar um rival temível: o menino, o pai; a menina, a mãe. O menino teme a ira do pai se descobrir que ele deseja a sua mulher; O modo de superar esta angústia consiste em identificar-se com o pai e converter-se num homem como ele; A menina inveja a vantagem de que a mãe goza e ultrapassa-a identificando-se com ela.

A tristeza, a dor da perda, o sentimento de impotência, a tomada de consciência de que não podem alcançar tudo o que desejam, a animosidade contra o rival bem sucedido que as crianças experimentam quando “perdem” neste triângulo original, ficam recalcados no seu inconsciente e expressam-se na idade adulta quando tomam parte num triângulo semelhante.

Freud distinguiu o ciúme “normal” do “projectado” e do “delirante”, e aos dois últimos considerou-os patológicos.

O ciúme projectado deriva de uma verdadeira infidelidade ou de impulsos para a infidelidade: Se um dos parceiros foi infiel ou desejou sê-lo, é provável que projecte essa infidelidade sobre o outro parceiro e reaja perante a ameaça projectada experimentando ciúme.

O objectivo da abordagem terapêutica psicodinâmica consiste em trazer à consciência os conteúdos recalcados, fazendo com que o paciente consiga compreender quais são os acontecimentos do passado que revive no seu ciúme actual, identificando assim as verdadeiras causas do seu ciúme.

Quando o sujeito ciumento compreende que o seu ciúme é produto dos seus próprios impulsos reprimidos para a infidelidade e que o seu parceiro é uma pessoa fiel, essa consciência costuma ser suficiente para resolver o problema de ciúme.

O ciúme delirante é uma forma de paranóia. Tem também origem em impulsos para a infidelidade que foram reprimidos, mas, segundo Freud, nestes casos o sujeito ciumento tem uma atracção homossexual inconsciente pelo rival, o que constituiria o traço fundamental do ciúme delirante. Na tentativa de defender-se de impulsos sexuais demasiado perturbadores, o homem ciumento diz: “ Não sou eu que o ama, é ela.”

A perspectiva psicodinâmica ajuda-nos a compreender o ciúme tornando-nos conscientes da existência de fenómenos inconscientes e destacando que as raízes do ciúme na idade adulta remontam às experiências afectivas infantis associadas ao conflito edípico.

Uma vez que os terapeutas de orientação psicodinâmica sustentam que o ciúme expressa e ao mesmo tempo disfarça alguns dos desejos e temores mais profundos do sujeito, tratam-no basicamente como um problema psicológico da mente do sujeito ciumento.

O enfoque psicodinâmico tem sido objecto de críticas diversas. Eis algumas das mais frequentes:

- Tendência para não considerar a realidade que pode ter suscitado o ciúme;
- Pouca atenção prestada à infidelidade objectiva;
- Demasiado ênfase no papel do inconsciente e insuficiente relevância às expectativas conscientes e aos acontecimentos reais que desencadeiam o problema de ciúme e o mantêm;
- Tendência para atribuir demasiado peso ao papel que as experiências infantis desempenham no surgimento do ciúme e subvalorizar as forças que operam na actualidade, nomeadamente a dinâmica da relação.
- Propensão dos terapeutas psicodinâmicos para ignorar o que o ciúme pode indicar acerca de qualquer outra realidade que não seja o sujeito ciumento.

### Perspectiva Sistémica

*“ (O ciúme) é um guião interpessoal dirigido e desempenhado por dois actores. As personagens que participam nos guiões de ciúme costumam sentir-se completamente apanhadas pelo argumento do ciúme, apesar de que, sem sabê-lo, também são seus co-autores.”*

Carlos Sluzki, *Jealousy*  
(citado em *Romantic Jealousy – Causes, Symptoms, Cures*)

---

Segundo o enfoque sistémico, o ciúme é produto da dinâmica interna de uma determinada relação e a melhor maneira de tratá-lo é considerando-o como um problema que o casal partilha.

Em termos psicológicos, um sistema é constituído por um conjunto de elementos que interagem e pelas relações que os organizam. Os afectos, as acções e os pensamentos são

os elementos que interagem num sistema designado pessoa. A pessoa é um subsistema de um sistema mais complexo que envolve uma relação íntima que é o casamento ou, mais genericamente, a conjugalidade.

Enquanto a abordagem psicodinâmica enfatiza a importância dos acontecimentos infantis, a perspectiva sistémica considera que o passado é quase irrelevante para o tratamento do ciúme; O que lhe interessa são as forças actuais que causam o problema e que o mantêm activo e não as raízes inconscientes do ciúme. O foco deixa de incidir na mente do indivíduo ciumento e passa a incidir no sistema de ordem superior, no todo de que ele faz parte.

Os sistemas de ordem superior, como o casal, influenciam e são influenciados por sistemas de ordem inferior como as acções, pensamentos e afectos da pessoa ciumenta. Esta influência recíproca pode gerar circuitos de retroalimentação negativa que se repercutem na manutenção do problema, ou criar circuitos de retroalimentação positiva que promovem mudanças. Desactivar um circuito de ordem negativa num sistema de ordem superior como a relação, pode envolver uma mudança num sistema de ordem inferior, isto é, na pessoa ciumenta.

Em vez de perguntar: “porquê? – porque é ciumento o indivíduo?”, os terapeutas sistémicos perguntam: “o quê? – O que é que causa o problema de ciúme? E, o que é que pode fazer-se para facilitar a mudança?”

Enquanto os terapeutas psicodinâmicos fornecem aos pacientes interpretações destinadas a outorgar novas significações ao seu ciúme, os terapeutas sistémicos facultam ao casal recomendações concretas destinadas a desactivar os padrões destrutivos que provocam o problema de ciúme e a ajudar a manter a mudança positiva. Desactivar os padrões destrutivos, em vez de desenterrar as suas causas, é o objectivo primordial da terapia sistémica.

Para conseguir que a pessoa ciumenta mude, deve mudar-se o seu sistema conjugal. O centro de intervenção terapêutica é a conduta dos dois elementos do casal, tida como a responsável pela manutenção do problema.

O núcleo básico da terapia sistémica é sempre o sistema e os processos circulares (circuitos de retroalimentação) que nele têm lugar. Os terapeutas sistémicos partem do pressuposto de que uma mudança numa das partes do sistema, por exemplo, num dos membros do casal, provoca sempre mudanças nas outras partes do sistema, por exemplo, no outro elemento do casal e, por conseguinte, todo o sistema muda.

Num sistema conjugal, segundo o enfoque sistémico, é impossível que um dos elementos do casal seja completamente passivo. Papéis como os de vítima e o de agressor são considerados como produto de uma decisão arbitrária na qual ambos os parceiros do casal participam. Por exemplo, se um marido desempenha o papel de vilão infiel, é provável que o terapeuta considere que a mulher está contribuindo para tal, ou que está obtendo algo do papel de vítima atraindo. Uma mudança na forma como o casal percebe uma sequência de acontecimentos (por exemplo, o que precedeu o conflito que possa ajudar a explicá-lo), pode mudar a dinâmica do casal.

Os terapeutas sistémicos consideram que o ciúme é causado por padrões de interação destrutivos que se reforçam a si mesmos e não por acontecimentos do passado do indivíduo. Quando um casal acorre à terapia e descreve as cenas que a mulher faz devidos ao seu ciúme patológico, o mais provável é que o terapeuta pergunte que elemento da conduta do marido a faz comportar-se dessa forma. Outra pergunta que o terapeuta poderia colocar prende-se com a resposta do marido, que poderia reforçar a conduta ciumenta da mulher.

Segundo o enfoque sistémico, o ciúme cumpre sempre uma função na relação. Ainda que só um dos elementos do casal o experimente e expresse, o ciúme faz parte de uma relação de casal e reflecte uma perturbação de uma família em particular.

É necessário que os dois elementos do casal estejam em “convivência” para que o ciúme se mantenha vigente na relação: Esta é a razão pela qual, segundo o enfoque sistémico, a melhor forma de tratar o ciúme é considerá-lo como um problema do casal, mesmo no caso de um dos seus elementos ser anormalmente ciumento.

Uma das principais críticas que se fazem ao enfoque sistémico dirige-se à sua subvalorização das contribuições das experiências infantis e dos processos inconscientes na origem do ciúme. Segundo os críticos, a maioria deles de orientação psicodinâmica, a patologia de ciúme não pode resolver-se nunca completamente se não se tratar estes conflitos mais profundos do indivíduo ciumento.

### Perspectiva Comportamentalista

*“Um dos contributos mais importantes do enfoque comportamentalista é a sua valorização da conduta observável e a noção de que o ciúme é uma resposta aprendida que pode desaprender-se.”*

Ayala Pines, *Romantic Jealousy – Causes, Symptoms, Cures*

---

Contrariamente à perspectiva psicodinâmica e à semelhança da abordagem sistémica, ao enfoque comportamentalista não interessa o inconsciente. Os comportamentalistas partem do pressuposto de que as causas do ciúme e as soluções para resolvê-lo existem no meio actual, mesmo no caso do acontecimento desencadeante de ciúme ter ocorrido noutra tempo e noutra lugar.

Para os comportamentalistas, todos os problemas psicológicos são produto de uma aprendizagem inadequada; uma vez que o ciúme é aprendido, também pode desaprender-se e é possível substituí-lo por uma resposta nova e melhor.

O objectivo da terapia comportamentalista consiste em ajudar as pessoas a modificar as respostas inadequadas e os hábitos disfuncionais através da desaprendizagem e substituição por respostas mais adequadas. O tratamento pode aplicar-se tanto individualmente como ao casal.

Uma das premissas básicas da perspectiva comportamentalista consiste na convicção de que se uma pessoa ciumenta puder controlar o seu comportamento ciumento e agir de maneira não ciumenta, pode aprender a perceber-se a si mesma como uma pessoa não ciumenta. Para além disso, ao comportar-se de uma forma não ciumenta poderá suscitar mais facilmente uma resposta mais favorável por parte do seu parceiro não ciumento.

Uma das principais críticas a esta abordagem repousa sobre o facto de ela não considerar o papel desempenhado pelas experiências infantis e pelos processos inconscientes no desenvolvimento do ciúme. Segundo os terapeutas de orientação psicodinâmica, as modificações que ocorrem através da aplicação das técnicas comportamentalistas são superficiais e circunscritas no tempo porque não têm em conta as experiências infantis e não trazem à consciência os processos inconscientes, única via válida para a resolução do ciúme.

### Perspectiva Evolucionista

*“O ciúme, segundo esta teoria, é uma adaptação. Uma adaptação, na linguagem da psicologia evolucionista, é uma solução evoluída para um problema recorrente de sobrevivência ou de reprodução”.*

David Buss, *A Paixão Perigosa*

---

Segundo a abordagem evolucionista, à medida que machos e fêmeas ascendem na escala evolutiva as diferenças entre eles tornam-se mais notórias, tanto do ponto de vista biológico como do ponto de vista comportamental: Os machos tornam-se mais agressivos e mais inteligentes; As fêmeas ligam-se mais à criança.

Um organismo em condições de sobreviver e de reproduzir-se é um organismo evolutivamente “superior”. Os que ganharam na luta pela posse das fêmeas foram os machos mais agressivos e inteligentes, que puderam assim transmitir as suas características à geração seguinte. Esses homens foram também os melhores caçadores, graças ao que puderam proteger e alimentar melhor as suas mulheres e a sua prole. Por razões similares, os filhos das mães mais dedicadas à criança tiveram melhores oportunidades de sobreviver e transmitiram as características destas mulheres à geração seguinte.

De acordo com Darwin, o ciúme tem uma razão evolutiva: ele constitui uma defesa instintiva, uma resposta protectora do laço que une o casal. Os sentimentos e os comportamentos associados ao ciúme serviriam para aumentar a probabilidade do casal permanecer unido e replicar os seus genes.

Os evolucionistas actuais consideram igualmente que o ciúme cumpre uma importante função na sobrevivência genética. Os machos que se mantêm vigilantes em relação aos seus rivais sexuais, sentem-se mais inclinados a criar a sua própria prole que a do rivais. Em consequência, a probabilidade de transmitirem os seus genes é superior.

Uma mulher não pode ser enganada da mesma maneira que pode sê-lo um homem: não se pode fazê-la desperdiçar o seu “investimento parental” num parasita. A noção de “investimento parental”, um conceito chave no evolucionismo, refere-se à energia que os pais consomem para ter e criar a sua descendência. Como é mais difícil que as mulheres corram o risco de ser enganadas relativamente aos seus descendentes, as coisas para elas são diferentes: Para as mulheres o que tem valor no que toca à sobrevivência não é necessariamente um marido fiel, mas antes uma relação de casal estável com um homem vinculado a ela e disposto a ser ele o sustento da sua família e a protegê-la. Assim, as fêmeas mais capazes de manter um vínculo de casal são as que mais probabilidades têm de transmitir os seus genes. Devido a esses diferentes riscos evolutivos, o ciúme dos machos centra-se nas ameaças sexuais enquanto que o das fêmeas se focaliza na manutenção e melhoria da relação.

Do ponto de vista da sobrevivência genética, o ciúme do macho é uma resposta ao perigo de que os seus genes não cheguem eventualmente a transmitir-se às futuras gerações. Para uma mulher, que está sempre segura de que o bebé que aninha no ventre tem os seus genes, o ciúme incide noutro tipo de ameaça, ou seja, na possibilidade de ficar sem um homem que se ocupe dela e do seu bebé.

Segundo a teoria evolucionista, o ciúme é não só um componente do sexo como também do investimento que se faz na prole. Em ambos os sexos, o ciúme nasce de uma necessidade de exclusividade: Nos homens trata-se de uma necessidade de exclusividade sexual; nas mulheres, de cuidado, de sustento económico e de compromisso.

Pelas razões aduzidas, os evolucionistas acreditam que homens e mulheres têm motivos para responder diferentemente à descoberta de que o seu parceiro tem uma relação extra-conjugal. Para um homem, respostas como a fúria, vingar-se ou abandonar a mulher que o traiu seriam razoáveis, do ponto de vista evolucionista. A traição não

afecta apenas a situação concreta como também as futuras gerações. Um homem enganado que não abandona a relação, poderia estar a ocupar-se do bem-estar dos descendentes e dos genes de algum outro homem. Na perspectiva evolucionista, a mulher que foi atraída enfrenta uma ameaça menos grave: O facto do seu homem andar a disseminar o seu sémén, não constitui uma ameaça à sua própria descendência e aos seus genes, desde que ele permaneça na relação e continue a assegurar o seu bem-estar. Assim, a motivação (consciente ou inconsciente) da mulher é afastar o seu marido da “outra” e mantê-lo ligado a ela e à família.

Os críticos do evolucionismo sustentam que a resposta dum indivíduo ao ciúme tem mais que ver com o poder que ela tem no seio da relação que com o género a que pertence: Quanto mais poder o indivíduo tiver na relação, seja homem ou mulher, mais propenso estará a responder à situação desencadeante de ciúme na forma “masculina”: com ataques de raiva e/ou abandonando a relação; A pessoa mais débil comportar-se-á de forma tipicamente “feminina”: chorando, pondo-se mais atractiva ou tentando despertar ciúme no parceiro. A pessoa menos dependente é a que tem mais poder na relação e que dispõe de mais alternativas fora dela.

As mulheres são socializadas para prestar mais atenção às relações e para desejar o compromisso, mais que os homens. O resultado é a sua perda de poder em relação aos homens. Estas diferenças de poder não são inatas, mas antes produto de diferenças de poder na sociedade que se reflectem em diferenças de poder no seio do casal.

Os evolucionistas crêem que se não houvesse alguma razão evolutiva para a sobrevivência de um determinado traço, este não teria chegado até à actualidade. Contudo, provar um fenómeno pela sua existência não é prova válida. Para além do mais, a noção evolucionista de que o ciúme é “natural” e reflecte algum tipo de imperativo biológico, pode justificar comportamentos inaceitáveis, designadamente a violência.

### Perspectiva Psicossocial

*“O ciúme é função de um acontecimento culturalmente definido e não a sua causa. É a situação que determina a ocasião para que o ciúme se manifeste. Não é o ciúme que cria a situação. O ciúme é um fenómeno social. Não é produto da mente de um indivíduo isolado.”*

Ralph Hupka, *Cultural Determinants*  
(citado em *Romantic Jealousy – Causes, Symptoms, Cures*)

---

O enfoque psicossocial considera o ciúme como um fenómeno social cujas raízes se encontram na cultura em que vivemos. Uma comparação das formas em que as pessoas experimentam e expressam o ciúme em diferentes culturas, mostra que as forças sociais exercem uma influência fundamental nas respostas a ele. Uma situação que provoca ciúme numa cultura numa determinada época da história, não provoca necessariamente ciúme noutra cultura ou noutra época; Uma resposta considerada normal e aceitável numa cultura pode ser considerada anormal e inaceitável noutra.

As culturas influenciam as respostas ao ciúme de duas formas fundamentais:

- Porque definem, ou não, um determinado acontecimento como uma ameaça, o que implica: a) a identificação dos acontecimentos desencadeantes de ciúme; b) a especificação de quando o indivíduo está autorizado a perceber uma ameaça; e c) a criação das condições que predisõem ao ciúme;
  
- Porque propõem ao indivíduo certas opções para responder quando um acontecimento é definido como uma ameaça.

Segundo a perspectiva psicossocial, é a cultura, muito mais que o indivíduo, que determina quando é suposto perceber uma ameaça ao casamento.

As culturas variam muito quanto ao que consideram uma prova aceitável para que o indivíduo possa deduzir que uma séria ameaça pende sobre a sua relação amorosa.

Segundo o enfoque psicossocial, o ciúme não é apenas um fenómeno psicológico que ocorre na mente do indivíduo; É também um fenómeno social, produto do crescimento da pessoa numa determinada cultura e está ancorado nas decisões básicas que se tomaram nessa cultura acerca de questões tão fundamentais como a sobrevivência física e a forma de procurar parceiro amoroso. Estas decisões indicam ao indivíduo o que deve ser valorizado e, por isso, deverá ser protegido contra uma possível perda; Assim, cada cultura define as situações passíveis de desencadear ciúme. Se reflectirmos sobre o que na nossa sociedade é valorizado, concluiremos que está associado com os factores mais comumente detonadores de ciúme.

As sociedades diferem enormemente no que respeita às condições que tornam os seus elementos susceptíveis de experimentar ciúme. Quanto mais os elementos de uma determinada sociedade dependem do seu parceiro para satisfazer as diversas necessidades ou para que os ajudem a enfrentar as ameaças à sobrevivência, mais elevada será a probabilidade de que surja o ciúme.

As respostas ao ciúme culturalmente sancionadas são tão variadas como as culturas que existem sobre o planeta. As formas sob as quais experimentamos e expressamos o ciúme reflectem as normas e a estrutura da sociedade.

Ralph Hupka, citado por Pines, levou a cabo a comparação entre os *apaches* e os *todas* para investigar quais as características das culturas que estimulam o ciúme.

Dois dos exemplos mais extremados da forma como as diferentes culturas se posicionam perante o ciúme são os *todas* do sul da Índia, nos começos do século XX e os *apaches* da América do Norte, na época que antecede as reservas. Os *todas* tendiam a minimizar a experiência e a exibição do comportamento ciumento; Os *apaches* expressavam o ciúme com frequência. O conhecimento destas duas culturas pode contribuir para explicar esta diferença fundamental na predisposição para o ciúme.

Os *todas* acreditavam que depois de morrer as pessoas cruzavam um rio caminhando sobre uma ponte feita de teias de aranha antes de chegar ao lar celestial do seu Deus. Os indivíduos que tinham sido ciumentos em vida tinham corações pesados, pelo que

rompiam a ponte e caíam ao rio onde eram mordidos por sanguessugas. Os habitantes do pântano retinham-nos ali pelo tempo correspondente à severidade do seu ciúme e egoísmo. Só depois de terem expiado desta maneira o pecado do ciúme, lhes era permitido chegar à morada divina.

Em contrapartida, para os *apaches* o ciúme eram um afecto culturalmente aceitável, pelo que não era necessário pedir desculpa por comportar-se de forma ciumenta nem arrependê-lo por experimentar ciúme.

Os *todas* eram fundamentalmente poliândricos. Quando uma mulher se casava com um homem, convertia-se automaticamente na mulher dos irmãos do seu marido, inclusivamente dos que ainda não tivessem nascido e tinha relações sexuais tanto com o marido como com os irmãos dele. A mulher e os seus “maridos” viviam juntos como uma única família. O casamento não era um requisito nem uma recompensa. As necessidades físicas de alimento e de abrigo eram satisfeitas pelo esforço conjunto de todos os homens da família. As necessidades afectivas de companhia também eram facilmente preenchidas. O casamento tinha que ser a sua própria recompensa.

Por seu turno, os índios *apaches* eram monogâmicos. Para um *apache*, o casamento era a chave do seu reconhecimento como adulto maduro e economicamente auto-suficiente. Os adultos sem companhia eram escassos e eram considerados anormais. Esperava-se que tanto o marido como a mulher contribuíssem para a economia familiar. Os homens caçavam e as mulheres recolhiam frutos e vegetais.

Para os *apaches*, o matrimónio era para além disso um pré-requisito para a gratificação sexual: Antes do casamento, eles não gozavam de liberdade para desfrutar o sexo. Em ambos os sexos, a virgindade estava associada à pureza e desencorajava-se o sexo pré-marital.

Os *todas*, em contrapartida, tinham poucas restrições sexuais e podiam aceder facilmente ao sexo tanto antes como depois do casamento. Era permitido ter amantes, tanto aos maridos como às mulheres. Quando um homem queria tomar a mulher de outro por amante, pedia o consentimento da mulher e do marido ou maridos. Se todos

aceitassem, os homens acordavam uma taxa anual a pagar ao marido ou maridos. A partir desse momento, o homem visitava a mulher em casa do marido ou maridos desta ou, em certos casos, levava-a para viver com ele como se fosse sua própria mulher. Uma vez que o amante da mulher não era percebido como uma ameaça para o casamento, não havia nenhuma probabilidade de que a relação suscitasse ciúme no marido ou maridos.

Entre os *todas*, o clã possuía colectivamente as propriedades mais valiosas: os búfalos sagrados e a terra. Cada família tinha a sua própria casa e os seus próprios búfalos não sagrados, cujo leite era a principal fonte de rendimento. Possuíam poucos bens materiais e não lhes atribuíam grande valor. Quase não tinham património pessoal e até mesmo coisas que pertenciam a um determinado indivíduo como peças de louça ou jóias eram partilhadas por toda a família.

Entre os *apaches*, todos os bens eram propriedade privada e não podiam ser usados senão pelo seu dono; Nem sequer um irmão ou um pai podiam usar esses pertences sem autorização prévia. O facto de manipular os pertences de outra pessoa pressuponha uma relação íntima e muito especial. As roupas de um homem, por exemplo, só podiam ser lavadas pela sua mulher, pela sua mãe ou pela sua filha. Se qualquer outra mulher lavasse a sua roupa, inferir-se-ia que tinha um caso com ele.

Os homens *todas* não se preocupavam demasiado em saber se uma criança que criavam era sua ou não. A paternidade era uma relação legal estabelecida através de uma cerimónia na qual o homem entregava um arco e uma flecha à mulher. Por vezes, esse homem não tinha nenhum contacto físico com a mãe antes da cerimónia. O marido mais velho da família costumava realizar a cerimónia quando a mulher estava no sétimo mês de gravidez, mas todos os maridos eram considerados igualmente pais da criança.

Para os *apaches*, as crianças eram um activo importante pois não só conferiam posição e prestígio social como também representavam uma forma de segurança social, uma vez que os filhos cuidavam e alimentavam os pais na velhice. As filhas recebiam valiosos presentes de casamento. Depois do casamento, os pais da noiva podiam exigir ao genro que trabalhasse gratuitamente para eles e tinham direito a porções das presas que os genros caçassem. Para além disso, a família e os filhos eram o veículo principal para

alcançar uma posição social elevada na tribo, visto que o tamanho da família era um indicador de riqueza. O facto de um homem poder sustentar uma grande família era um indicador de que era um bom caçador. Pelo facto de os *apaches* conferirem uma grande importância à linhagem pessoal, a confiança paterna era extremamente importante para eles e qualquer circunstância que a pusesse em perigo era um bom motivo para desencadear o ciúme. Quando um marido apache permanecesse longe da família, fosse qual fosse o período de tempo que durasse a sua ausência, pedia a um parente próximo que espiasse a sua mulher e se assegurasse de que ela não estabelecia relacionamento com outros homens.

Outra diferença entre os *todas* e os *apaches* tinha que ver com a importância da contribuição económica das mulheres. As mulheres *todas* contribuíam pouco. Os homens faziam praticamente tudo, incluindo cozinhar. As mulheres acarretavam água, bordavam roupas, trituravam o grão e limpavam a casa. Não se lhes permitia aproximar-se dos búfalos nem manipular o leite. Também estavam excluídas de todas as actividades políticas e religiosas. O que as compensava da posição política e económica subalterna a que estavam remetidas era a grande liberdade pessoal de que gozavam.

O marido e a mulher *apaches* contribuíam ambos significativamente para a economia familiar: os homens mediante a caça e as mulheres através da recollecção e preparando a comida.

Os *todas* e os *apaches* tinham diferentes opções para responder às situações que pudessem desencadear o seu ciúme, opções que correspondiam ao nível de ameaça inerente à situação. A um homem *apache* cuja mulher lhe tivesse sido infiel, permitia-se-lhe matá-la ou mutilar-lhe a cara e também matar o seu amante. Para os homens *todas*, a descoberta de que a sua mulher tinha tido relações sexuais com outro homem representava uma ameaça muito menos grave. De resto, tinha mesmo um lado positivo, já que estava permitido acordar com o amante uma taxa adequada pelo empréstimo da mulher. Por conseguinte, a pretexto algum se esperava que o marido se mostrasse ciumento.

A comparação entre os *todas* e os *apaches* sugere que a diferença mais importante entre uma cultura que maximiza o ciúme e outra que o minimiza não reside tanto nas normas sociais que favorecem ou desencorajam o ciúme, mas sobretudo na organização social que condiciona a probabilidade de que as pessoas percebam ou não ameaças às suas relações íntimas.

Na perspectiva de Ralph Hupka, citado por Pines, a comparação entre os *apaches* e os *todas* sugere que as culturas que incentivam o ciúme possuiriam as seguintes características fundamentais:

- Conferem importância ao direito de propriedade;
- Têm códigos sociais que dificultam o acesso ao sexo;
- Atribuem grande importância aos seus descendentes;
- O casamento é considerado importante para a sobrevivência económica e para a posição social.

A diferença mais importante entre uma cultura que estimula o ciúme e outra que o desencoraja não reside nas normas a favor ou contra a expressão de ciúme, mas antes na organização social que condiciona a possibilidade de aparecimento do ciúme.

As investigações actuais evidenciam que as mulheres que trabalham e são financeiramente independentes, são menos dependentes dos maridos e do casamento que as que são donas de casa: Entre as mulheres que trabalham, a probabilidade de abandonarem os maridos, se não se sentirem o casamento como satisfatório, é muito mais elevada que entre as donas de casa.

Na sociedade ocidental, ocorreu uma alteração de atitude face à virgindade: ela já não é considerada pelas mulheres jovens como necessária para o casamento e por isso são poucas as que se sentem obrigadas a mantê-la. Na actualidade, o prazer sexual deixou de ser uma recompensa ganha depois de um longo período de privação, como o era para os

*apaches*. Contudo, antes do casamento e muito mais depois dele, o comportamento sexual está sujeito a muitos mais restrições que entre os *todas*. As normas que restringem a liberdade sexual são as que reconhecem legitimidade ao ciúme. A monogamia continua a ser uma ideia moral vigorosamente sustentada, mesmo que alguns casais não se lhe subordinem.

A contribuição mais importante do enfoque psicossocial é a noção de que o ciúme é um fenómeno social, para além de psicológico. As diversas formas de responder ao ciúme nas diferentes culturas, ajudam a demonstrar que esta emoção está relacionada com a organização social e com os valores e as normas da cultura a que o indivíduo pertence.

A principal crítica que se aponta a esta perspectiva é a de que subestima a importância dos processos que operam na mente do indivíduo ciumento.

*“... - Homem, lembra-te bem!  
Sê viril,  
E leal,  
E limpo, na concisa condição.  
Traz à compreensão  
Todos os sentimentos recalçados  
De que te sentes dono envergonhado  
Leva, dourado,  
O sol da consciência  
Às íntimas funduras do teu ser,  
Onde moram  
Esses monstros que temes enfrentar  
Os leões da caverna só devoram  
Quem os ouve rugir e se recusa a entrar ...”*

Miguel Torga  
(Excerto de *Exortação*, in *Poesia Completa*)

## CAPÍTULO QUATRO

### Análise e Caracterização do Ciúme

#### Ciúme e Amor: Que Relação?

*“O ciúme é o dragão do paraíso; o inferno do céu; e a mais amarga das emoções porque está associada à mais doce”*

A. R. Orage, *On Love*

(citado em *Romantic Jealousy – Causes, Symptoms, Cures*)

---

Sobre a compatibilidade entre o amor e o ciúme, muito se tem escrito. Nos dois pólos da discussão situam-se, num dos extremos, os que crêem que o amor verdadeiro implica sempre ciúme e, no outro, aqueles que defendem que esse amor passa inevitavelmente pela confiança e aceitação das fantasias do outro.

David Buss é um dos principais expoentes da primeira corrente. Ele postula que “O amor e o ciúme são paixões entrecruzadas. Dependem uma da outra e alimentam-se uma da outra.”

Por seu turno, Mourão Cavalcante enfatiza: “No ciumento estaria mais evidente, não a presença do amor como tal, mas a posse.” E prossegue: “o ciumento tem a absoluta necessidade de ser amado. A intensidade do ciúme não corresponde em absoluto à intensidade do amor.”

A ideia de que o ciúme se encontra em estreita correlação com o amor de um sujeito a um objecto de amor, encontra-se largamente difundida.

Esta concepção do ciúme é partilhada por aqueles que se sentem ou julgam amados pelo sujeito ciumento: é-lhes gratificante converter-se aparentemente em dominadores da situação.

No entanto, quando mais tarde, no seio duma relação duradoura, o objecto de ciúme acaba por transformar-se em vítima do ciumento, constata que afinal não é o amor que

inspira o ciúme, tanto mais que, exceptuando as crises de angústia suscitadas pelo ciúme, o sujeito ciumento ostenta até alguma indiferença afectiva, mas não deixa, assim mesmo, de ser ciumento.

Daniel Lagache sintetiza as posições aparentemente antitéticas: "... se uns podem dizer que o amor implica o ciúme e outros que o exclui, é porque se referem a ideias diferentes de amor."

Lagache postula a existência de dois tipos de amor: o amor oblativo, - fundado na comunhão amorosa, na dimensão altruísta -, e o amor captativo – pautado pelo egoísmo e pela avidez de receber -, para concluir que o amor captativo implica o ciúme. Caracterizado pela avidez de ser amado, de possuir, de conservar e, conseqüentemente, pela exigência da presença total e contínua do parceiro, o amor captativo confunde-se com o amor ciumento que tende à possessão exclusiva do parceiro, encarado na sua totalidade.

Motivado ou imotivado, o ciúme amoroso representa o conflito do amante com uma realidade que não preenche as suas aspirações de amor ciumento.

Conclui então que ciúme e amor são compatíveis quando o amor assume a forma de amor captativo. Neste caso, o amor desenvolve-se numa estrutura de necessidade e de posse que são essenciais ao ciúme, donde decorre que o objecto de ciúme pode ser uma pessoa ou uma coisa. Com efeito, uma pessoa visada pela necessidade e pela posse é, em certa medida, tratada como um objecto; por seu turno, uma coisa investida pelas estruturas do amor captativo, da necessidade e da posse, "anima-se" e "personaliza-se".

Lagache salienta que os sentimentos amorosos concretos envolvem uma componente captativa e daí a emergência do ciúme.

Na sua perspectiva, o amor ciumento visa a possessão total e exclusiva do ser amado. Para o ciumento, trata-se antes de mais de possuir o parceiro e de ser por ele amado, admirado, estimado. O ciumento aspira à fusão amorosa, mas, acima de tudo, à

posse total da pessoa física e moral do parceiro. Nessa medida, envolve-se na manutenção do investimento amoroso e sexual.

Como destaca Nazaré-Aga: “ A exigência de “transparência” frequentemente exigida pelo ciumento traduz o seu desejo de possuir os menores recantos do pensamento do outro. Ele não pode tolerar nenhum “jardim secreto”.”

O parceiro ideal adequado para satisfazer as aspirações do amor ciumento, não pode ser senão um parceiro imaginário, já que um ser real não pode ser possuído integralmente. A ideia de possessão total de outro ser é inconcebível; nem mesmo na relação entre escravo e senhor, o escravo pode ser despojado de toda a sua autonomia tão só porque ele continua a ser um “outro”.

Em suma, o objecto do amor ciumento tem que ser um objecto ideal, pelo que, no contacto com um parceiro real, o amor ciumento só se viabiliza à custa da idealização do objecto.

Contudo, mais cedo ou mais tarde, o amor ciumento desemboca num conflito com a realidade. Quer seja o parceiro que se rebele, quer sejam as exigências do amor ciumento que excedam aquilo que o parceiro pode dar, acaba sempre por eclodir um desfasamento entre o anseio e a posse. O ciumento não renuncia e por isso não aceita a realidade insatisfatória. Não tem consciência da natureza exorbitante dos seus desejos, não pode render-se à constatação de que não é amado ou de que não é amado de forma exclusiva pelo parceiro; a decepção é projectada na atribuição ao parceiro duma indiferença culpada ou duma intenção maldosa. Ele fere a alteridade essencial da existência do parceiro que, a partir daí, se lhe afigura incompreensível, indecifrável, enigmático, desprendido.

O ciumento vive esta alteridade como fonte de sofrimento e medo. Em resposta, o seu comportamento assume um cunho de dominação que visa fundamentalmente a negação da alteridade do parceiro, da sua existência, do seu valor e de que decorre a afirmação narcísica da existência e do poder do ciumento.

Numa relação saudável, construtiva, a presença do parceiro só pode ser plenamente fruída no âmbito do amor comunhão; só este respeita a alteridade do parceiro – existência, espontaneidade, independência, valor -. É nesta alteridade que reside a pedra de toque das relações amorosas verdadeiras, mas é igualmente ela que obstaculiza de forma irredutível o amor ciumento.

Em síntese, quem verdadeiramente ama, cuida para que a pessoa amada se sinta bem, querida, reconhecida, acolhida, aceite, respeitada: é querer o bem do outro pelo outro e para o outro. Trata-se de um sentimento de altruísmo, isto é, voltado para o outro e não para si mesmo.

Para além disso, como sublinha Brenda Schaeffer: “O amor maduro permite a individualidade e a livre expressão de ideias e sentimentos; consente o debate de valores e, até por vezes, a confrontação.”

Por seu turno, o ciúme é um sentimento voltado para si mesmo, egocentrado, que radica no medo que o sujeito experimenta de perder o objecto de amor ou a sua exclusividade sobre ele.

### Ciúme e Género

*“... atingiu-se, entre os sexos, uma certa uniformidade de reacção – uma mudança de direcção, em suma, da teoria evolucionista. Com efeito, quando se fala de ciúme, nos dias de hoje, tanto os homens como as mulheres se preocupam com os dois tipos de traição; do coração e do sexo.”*

Willy Pasini, *La Jalousie*

---

Gregory e White salientam que, no que respeita à experiência de ciúme, a maioria das investigações não identificaram diferenças significativas entre os sexos. As investigações que encontraram diferenças não são consistentes na determinação de qual o sexo mais ciumento. Com efeito, enquanto algumas pesquisas concluíram que os homens são mais ciumentos que as mulheres, outras houve que apuraram que as mulheres são mais ciumentas que os homens.

Uma investigação conduzida por Ayala Pines explorou a natureza das diferenças de género no ciúme sexual, ao nível do ciúme relatado (frequência, duração e intensidade), estímulos desencadeantes de ciúme (ameaça sexual *versus* ameaça emocional), elementos da experiência emocional de ciúme (dor e tristeza *versus* raiva), foco do ciúme (ameaça à relação *versus* ameaça à auto-estima) e resposta ao ciúme (manutenção da relação *versus* preservação do ego).

Acerca dos resultados obtidos, comenta a autora: “Homens e mulheres quase não mostraram diferenças quanto aos componentes da experiência de ciúme, sua intensidade ou sua frequência e constataram-se poucas diferenças no que se refere aos factores desencadeantes de ciúme. Em contrapartida, houve grandes diferenças quanto à forma de homens e mulheres responderem ao ciúme.”

À descoberta de que o seu parceiro amoroso mantinha uma relação extra-conjugal, os homens tendiam a estalar de raiva, que em casos extremos se expressava de forma violenta, e a abandonar a relação.

Por seu turno, as mulheres tendiam a responder com depressão, culpando-se a si mesmas e tentando recuperar o homem, designadamente procurando tornar-se mais atractivas ou suscitando o ciúme dele.

Quando analisam as relações extra-conjugais mantidas pelos respectivos parceiros, homens e mulheres parecem privilegiar a pesquisa de aspectos diferentes: Os homens denotam tendência para interessar-se predominantemente pelos detalhes sexuais e “técnicos” da experiência e comparar-se com o rival; As mulheres mostram propensão para preocupar-se prevalentemente com a repercussão da experiência no futuro da relação, bem como com os danos causados à intimidade do casal.

Estas diferentes reacções ao ciúme poderão estar relacionados com os diferentes papéis sexuais de homens e mulheres: As mulheres estão mais predispostas que os homens a considerar a relação central para a sua identidade e a procurar encontrar nela um sentido que abarque a sua vida inteira; Os homens tendem a identificar-se predominantemente com os seus papéis profissionais.

As mulheres tendem a valorizar mais a relação que os homens e a ser mais habilidosas para as relações interpessoais, demonstram propensão para actuar como guardiãs da relação; Os homens estão mais orientados para a manutenção e protecção da sua auto-estima. Após uma relação extra-conjugal, as mulheres tendem a tentar reparar a relação, enquanto os homens se mostram mais inclinados a abandoná-la.

No âmbito da perspectiva evolucionista, diversas investigações empreendidas por David Buss e colaboradores levam a concluir que os homens são mais sensíveis à traição sexual e as mulheres à traição emocional. DeSteno e Salovey não subscrevem esta interpretação. Na sua óptica, a razão pela qual os homens ficam mais perturbados em relação à infidelidade sexual que em relação à infidelidade emocional reside no facto de acreditarem que uma infidelidade sexual resultará numa infidelidade dupla, o que engloba a infidelidade emocional. Por sua vez, as mulheres estarão convencidas de que se o parceiro se envolver emocionalmente com uma rival, também se envolverá sexualmente.

A análise dos resultados obtidos nas investigações mais recentes parecem sugerir que as novas gerações apresentam, face ao ciúme, uma atitude idêntica. Contudo, os factores desencadeantes desta emoção parecem ser diferentes: No homem, o ciúme eclode quando surge um outro, um rival porventura bastante semelhante a ele, mas aparentemente mais forte ao nível das competências atléticas e/ou do trabalho; A mulher sente-se ameaçada pela possibilidade de intromissão na relação amorosa de mulheres “diferentes”, particularmente se são mais jovens e/ou mais belas.

#### O Medo da Perda e a Ilusão da Posse

*“O ciumento aspira a uma fusão total. Exige que o outro se comprometa cada vez mais e nunca está satisfeito com o que recebe. Ignora a maior parte das vezes que este movimento possessivo é essencialmente egocêntrico e tende, na realidade, à destruição do outro.”*

Nazaré-Aga, *Os Manipuladores do Amor*

---

Só pode falar-se de ciúme quando surge ante o ciumento, concreta ou imaginariamente, um terceiro membro: o rival, que compete com ele pela posse do objecto amado.

Alberoni corrobora assim este ponto de vista: “Quando somos dominados pelos ciúmes, temos medo que o nosso amado ame outra pessoa, prefira outro a nós. Nos ciúmes existe um rival.”

Coimbra de Matos inscreve-se nesta linha de pensamento ao referir que: “(o ciúme) É também o sentimento – ou ressentimento, a repercussão – da relação de objecto total e perdurante (com continuidade no tempo, ultrapassando o objecto ocasional de satisfação instintiva), da verdadeira relação objectal – do laço ou vínculo que se estabelece entre duas pessoas; de uma relação em que é sempre mal tolerada a intromissão de um terceiro, a concorrência externa de um outro ao amor do mesmo objecto ou a fuga de afecto desse objecto para outra pessoa.”

Otto Kernberg formula o conceito de triangulação directa para descrever a fantasia inconsciente de ambos os parceiros de um terceiro excluído, um objecto idealizado do género do sujeito – o temido rival -, que replica o rival edípico. Todos os homens e todas as mulheres, inconsciente ou conscientemente, receiam a intromissão de alguém que possa ser mais satisfatório para o seu parceiro sexual. Este terceiro temido está na origem da insegurança emocional na intimidade sexual e do ciúme, assumido como protector da integridade do casal.

O medo de perder o objecto de amor, leva o ciumento patológico a encarar as relações como válidas apenas se forem eternas, permanentes, imutáveis. E como tudo é transitório, como tudo é mutável, como tudo é passível de transformação, o medo de perder leva-o a um estado de contínuo sofrimento.

Castilla del Pino sustenta que a dependência afectiva existe na relação amorosa e que consiste na dinâmica do proteger/ser protegido que a par com o altruísmo, constituem as duas dimensões básicas do amor.

Assim sendo, se por um lado esta dependência pode constituir uma fonte de prazer, por outro, elicit também o medo: o medo de que o objecto de amor possa deixar-nos, abandonar-nos, trocar-nos. O medo do poder desse objecto sobre a nossa vida, sobre a nossa felicidade.

Para Ferreira-Santos, "... o ciúme, tenha a forma que tiver, está sempre associado a esse sentido de possuir, da ameaça de se perder o que, em nossas cabeças, nos pertence."

O que é inquietante no sujeito com quem se interage é o facto de sabermos apenas da sua parte observável, da sua expressão verbal e não verbal, não das suas motivações, intenções, desejos, que permanecem necessariamente ocultos, apesar de serem precisamente aqueles em que há-de basear-se a relação e, por maioria de razão, a relação amorosa. Como ter a certeza do desejo por nós próprios, da prova de que conseguimos enamorá-lo? Esta impossibilidade conhece-a sobejamente o enamorado e vivencia-a angustiadamente o ciumento.

Dessa angústia, dá-nos conta Otelo que, na peça de Shakespeare com o mesmo nome, exclama: "Oh, maldição do casamento, podermos nós chamar nossas essas delicadas criaturas e não os seus apetites!"

Com efeito, do desejo dos outros não podemos extrair senão inferências e hipóteses.

Na relação sujeito amante/objecto amado, a confiança por parte de cada um é um ingrediente imprescindível da inevitável desinformação e o único fundamento da dita relação.

Uma relação amorosa baseada na desconfiança está, de antemão, desvirtuada, uma vez que terá que focalizar-se na vigilância, em vez de dedicar-se à relação ela própria.

A angústia face à eventual perda do objecto de amor é, pois, o preço que o sujeito amante paga pela fruição e pelo benefício da sua retenção.

De qualquer forma, em todas as situações de interacção amorosa há que aceitar a incerteza relativamente ao presente e ao futuro dessa relação sujeito/objecto, bem como gerir o medo de perder esse objecto de amor para um rival. Para se manter a relação amorosa, impõe-se conceder um aval de confiança, arriscando-se à infidelidade daquele a quem o concedemos.

### Confiança Versus Desconfiança

*“Se queres prolongar o amor, não permitas que a desconfiança te domine em relação à pessoa amada.”*

Ovídio, *A Arte de Amar*  
(citado em *O Pequeno Livro Do Ciúme*)

---

Ao apostar na confiança, a informação não obtida acerca do parceiro é suprida pela informação provável que se obteria se fosse factível evidenciá-la e que temos de imaginar; quer dizer, mediante uma hipótese acerca da intencionalidade do outro.

Quem não confia, apesar do risco de poder ser enganado, priva-se de qualquer interacção que não seja pontual e superficial. É o que acontece ao desconfiado: dá e toma do outro a informação banal necessária para uma interacção superficial e momentânea, uma vez que não se autoriza confiar em ninguém o suficiente para entrar em relação com aquele de quem não sabe nem pode saber tudo.

A confiança é a atitude mediante a qual nos disponibilizamos para a interacção como se soubéssemos do outro mais do que aquilo que podemos saber, isto é, a intenção que o leva a iniciar ou manter essa interacção.

Embora necessitemos de confiança, usamo-la prudentemente, concedendo-a em maior ou menor grau àqueles com quem nos relacionamos. O grau de confiança deve entender-se como a quantidade daquilo que se diz directamente a outro e que, se não fosse por nós, nunca saberia. Assim sendo, o que falta até fazer da confiança uma confiança total, é a desconfiança. Logo, se a confiança total não é possível, existe sempre alguma desconfiança, maior ou menor.

Em toda a interacção, existe um pacto implícito imprescindível para a existência de graus de confiança, é o pacto de fidelidade ou sinceridade que pode enunciar-se desta forma: “uma vez que de ti não posso obter toda a informação de que preciso, tenho que confiar e exijo que não me enganes”.

Enquanto que o pacto de sinceridade é um pacto de cooperação, pelo contrário, quando se opta pela desconfiança espera-se que o outro não nos diga a verdade, não nos seja sincero e nos engane logo que possa, donde resulta que a interacção não é cooperativa.

### Fundamento do Ciúme: Desconfiança e Suspeita

*“O ciumento sempre espia, sempre duvida, sempre sofre; indaga do passado, do presente, do futuro; nas carícias busca a mentira; no beijo procura a indiferença; no amor teme a hipocrisia.”*

Paulo de Mantegazza, *A Arte de Escolher Marido*  
(citado em *O Pequeno Livro Do Ciúme*)

---

Quando a relação amorosa se baseia na desconfiança, existe a conjectura de uma elevada probabilidade de ser enganado.

É sobre a desconfiança e a suspeita a ela agregada que se constrói o ciúme. A desconfiança é condição necessária, mas não suficiente para a relação ciumenta.

O ciúme surge quando à desconfiança sobre a posse do objecto se soma a hipótese – a suspeita – de que o objecto de amor poderá enamorar-se de outro sujeito, o rival.

O ciúme ocorre não principalmente pelo facto de o objecto ter deixado de amar o sujeito a quem até então amava, mas sobretudo pela eventualidade de vir a amar um rival.

O sentido de propriedade do objecto e o medo face à expropriação por um rival, é fulcral no ciúme.

Na relação ciumenta, a maioria das vezes o rival é alguém em concreto, mas também pode não ter qualquer relação com o casal, desde que ao ciumento se afigure provável que seja com ele que possa dar-se a transgressão do pacto de fidelidade.

Noutras situações, o ciumento é-o de “muitos”, de “todos”, de “quem quer que passe” (pela sua mente...).

O ciumento gostaria de ter respostas precisas às suas dúvidas, que permitissem dissipar a sua angústia face à temida expropriação do objecto. Para além da desconfiança e da suspeita que presidem às suas interacções, o ciumento revela uma reduzida tolerância perante a incerteza. Ele tem uma necessidade compulsiva de saber acerca daquilo que não é possível saber do parceiro, quer dizer, se realmente o ama e se o ama só a ele. E do amor, da lealdade, da fidelidade, afinal pode falar-se, mas não fornecer-se garantias, exhibir-se provas irrefutáveis ...

#### As Atitudes de Suspeita e de Susplicácia

*“Meu Deus, livrai-me do ciúme! É um monstro de olhos verdes, que escarnece do próprio pasto que o alimenta. Quão felizado é o enganado que, cónscio de o ser, não ama a sua infiel! Mas que torturas infernais padece o homem que, amando, duvida e, suspeitando, adora.”*

Shakespeare, *Otelo*

---

A desconfiança é condição necessária para a suspeita; contudo, não é condição suficiente e, portanto, não pode identificar-se com ela. Prova disso é o facto de que nem todo o desconfiado suspeita. O desconfiado pode ser apenas prudente, precavido; contudo, o que suspeita tem que desconfiar.

A atitude de suspeita, deve:

- Fundamentar-se numa hipótese plausível; Deve poder dizer-se que está justificada;
- Constituir uma atitude posterior, não prévia; Deve basear-se em indícios previamente conseguidos;
- Ser focalizada; Ninguém é generalizadamente suspeito, mas é-o antes em relação a algo em concreto.

Esta caracterização é útil para diferenciar a atitude de suspeita da atitude de suspicácia, de consideração primordial na génese do delírio.

Na suspicácia, a atitude de suspeita:

- Não é plausível, simplesmente tende a desconfiar-se da intencionalidade da actuação do outro;
- É prévia a qualquer interacção;
- É generalizada. Aplica-se a toda a interacção e qualquer que seja a pessoa com quem se interage.

A suspicácia funciona como uma teoria sistematizada baseada na crença de que qualquer interacção, com qualquer membro da espécie humana, é hostil.

Assim como o que aposta na confiança crê ter razões de sobra para confiar de antemão no outro e as experiências em contrário são assumidas como excepções, o que opta pela suspicácia crê tê-las para não confiar em ninguém.

Tanto na confiança como na desconfiança, o sujeito lida com a ambiguidade e a incerteza da interacção e corre o risco de perder, tal como noutra qualquer aposta.

Não obstante, existem sujeitos para quem a ambiguidade e a incerteza inerentes ao mundo objectal, são intoleráveis. A este propósito, La Rochefoucauld sustenta: “O remédio para o ciúme é a certeza do que se teme, porque redundará no fim da vida de alguém ou no fim do amor; este é um remédio difícil, porém mais doce do que a dúvida e a suspeita.”

Para suprimir a angústia deste processo, estes indivíduos transformam as suas interpretações, verosímeis e hipotéticas, em exactas e precisas e conferem-lhes a categoria de explicações objectivas. É o que se passa com os sujeitos que funcionam no registo da suspicácia. Para estes, as interpretações adquirem o nível lógico de

explicações, para eles evidentes, ainda que não com o carácter de fixidez que assumem no delírio.

Trata-se de sujeitos pré-delirantes, para quem os desígnios dos demais são “visíveis” e se não proclamam ainda a sua total evidência já lhes atribuem uma elevada probabilidade de que sejam como eles imaginam.

### O Objecto de Ciúme; Objecto Persecutório

*“Aliás, se o ciúme nos ajuda a descobrir certo pendor para a mentira na mulher que amamos, centuplica ele esse pendor quando a mulher descobre que somos ciumentos.”*

Marcel Proust, *A Prisioneira*  
(citado em *O Pequeno Livro do Ciúme*)

---

Na relação amorosa, em que o objectivo da relação é a relação em si mesma, pela gratificação que esta proporciona, a desconfiança não pode verificar-se sem prejudicar o objectivo da própria relação.

Nesta perspectiva, a desconfiança é inconciliável com a relação amorosa, em que se pressupõe a entrega total.

No momento em que desconfiamos de alguém estamos impossibilitados de o amar, porque tememos que nos possa ferir onde mais nos doa.

Por isso, o desconfiado está incapacitado, em maior ou menor grau, para a amizade, enquanto o ciumento o está para o amor. Porém, o ciumento quer amar, mas é ele mesmo quem se sabota porque, ao desconfiar, converte o objecto amado em objecto temível, predador, persecutório.

O sujeito que suspeita tem um medo difuso, inconcreto acerca do que dele se sabe e sobre se se divulga ou não. É isso que transforma o objecto em persecutório: sentimo-nos perseguidos por aqueles de quem suspeitamos.

Para o sujeito que suspeita de todos e *apriori*, todos os objectos são persecutórios, o mundo está presumivelmente contra ele.

Para este ciumento não existe uma atitude alternativa à desconfiança e à suspeita em relação ao objecto amoroso.

Sumariamente, as dúvidas do ciumento decorrem:

- Da inacessibilidade à intimidade do parceiro amoroso e da impossibilidade de confirmar ou infirmar o presumível engano;
- De que cingindo-se ao discurso do objecto, já que não tem outra possibilidade, mesmo que este assegure dizer-lhe a verdade, pode mentir-lhe;
- De que, mesmo admitindo que o objecto lhe seja sincero, pode estar enganado em relação aos seus próprios sentimentos e, nesse caso, poderá desejar ou amar o rival, sem que disso tenha consciência.

No sujeito ciumento, a escolha do objecto, ao mesmo tempo que satisfaz as suas pretensões erótico-afectivas, cumpre a função de ocultar a imagem desvalorizada de si próprio perante os outros. Por isso, é-lhe gratificante que o seu objecto de amor seja objecto de desejo para outro e, mais ainda, para outros.

O carácter de possuidor do objecto passa para primeiro plano. Desapossá-lo, numa primeira etapa, significaria subtrair-lhe o objecto amado; mas igualmente privá-lo dos atributos sociais da sua identidade de género.

A partir do momento em que surge a desconfiança, ao ciumento preocupa tudo o que acentue o potencial erótico do objecto, porque suspeita que assim procura acicatar o desejo dos outros. Exige-lhe então que não se embeleze, evita as situações de exposição, chega a impedi-lo de sair.

O objecto de ciúme converteu-se – quer o ame ou não – num objecto que pode feri-lo, que pode questionar a sua identidade e num parâmetro tão vital como é a identidade de género ou imagem sexuada, é um objecto presumivelmente persecutório, ou, mais rigorosamente, suspeito de que possa sê-lo.

#### A Relação Ciumento/Rival; Relação de Inveja

*“Sempre foi um dos aspectos mais misteriosos do ciúme que quanto menos respeito o ciumento sentir seu pelo seu rival, mais ele é torturado pelo seu ciúme.”*

Leslie Farber, *The Wings of the Will*  
(citado em *O Pequeno Livro do Ciúme*)

---

Do rival, o ciumento inveja a competência para enamorar o objecto que ele não é capaz de reter, a não ser através da força ou pelas convenções. Neste sentido, rival é, para o ciumento, todo aquele por quem ele (ciumento), pelo menos no que respeita à identidade sexual, se mudaria para alcançar a possibilidade de conseguir uma imagem sexuada plena.

No entanto, a inveja precisa de ser negada pelo invejoso para camuflar o seu défice de auto-estima. Assim, o ciumento passa por cima do ódio ao rival, não lhe reconhecendo superioridade alguma. Na impossibilidade de odiar o rival, desloca o ódio para o parceiro que, pelo menos na sua fantasia, se entrega a quem não tem “razões” para isso.

#### Delírio de Infidelidade (Delírio de Ciúme; Paranoia de Ciúme;)

*“Segui-la. Esconder-se. Abrir as cartas dela. Colá-las de novo.  
Pegar no segundo telefone e ouvir as suas conversas.  
Ficar em pânico se ela se levanta de noite (...)  
Estou louco. Estou ciumento.”*

Denise Desjardins, *O Pequeno Tratado da Emoção*  
(citado em *O Pequeno Livro do Ciúme*)

---

Nalguns ciumentos, a experiência emocional do ciúme desemboca no comumente denominado delírio de ciúme que, conjuntamente com o delírio de perseguição, a

erotomania e a megalomania, dão corpo à paranóia. Esta caracteriza-se por envolver um delírio sistematizado, a predominância da interpretação e a ausência de degradação intelectual.

Fora do tema sobre o qual delira, o sujeito não se comporta como delirante, embora existam traços característicos de todos os paranóicos como sejam a insegurança numa determinada área da sua identidade, a sua não aceitação da mesma, a projecção nos outros dessa insegurança que ele não reconhece – pelo menos enquanto delira -.

Este delírio é uma das formas mais frequentes de paranóia, em que o tema é a infidelidade do parceiro; recebe ainda, por isso, a designação de paranóia de ciúme.

O delirante de ciúme não é ciumento, porque a desconfiança e a suspeita inerentes ao ciúme deram lugar à certeza subjectiva, à “evidência”; reconhece-se vítima de enganar e de infidelidades que considera reais. É por isso que Castilla del Pino propõe a designação de delírio de infidelidade, em alternativa à clássica denominação de delírio de ciúme.

No delírio de infidelidade do paranóico, a suspeita sobre a fidelidade do objecto de amor instala-se a partir de um gesto, de um olhar, de um aperto de mão, julgados insólitos, mas significando algo entre o parceiro e o rival, para se converter depois em evidência.

As coincidências transformam-se em provas irrefutáveis, as impossibilidades materiais são negadas e o adultério imaginado faz-se uma certeza absoluta. O sentimento de frustração, de desapropriação suscita múltiplas investigações, dá lugar a interrogatórios frequentes, implacáveis e redundantes infligidos ao parceiro “infel”.

As interpretações delirantes não são hipóteses mais ou menos prováveis e, como tal, mais ou menos duvidosas, mas explicações, resultado de deduções baseadas em dados, a partir dos quais se concluem evidências. O discurso do delirante pode até ser lógico, porém a premissa é falsa.

O delirante de ciúme não duvida da infidelidade do seu parceiro; ao invés, tem provas de que lhe é infiel. Essas provas nem sequer são necessárias para si, rendido que está às “evidências” da infidelidade. São necessárias sim para os outros, para que se convençam “do que não querem ver”: a natureza perversa, luxuriosa e maligna da(o) adúltera(o).

### A Ocultação do Ciúme

*“O que torna a dor do ciúme tão aguda é que a vaidade  
Não pode ajudar-nos a suportá-la.”*

Stendhal, *Do Amor*  
(citado em *O Pequeno Livro do Ciúme*)

---

Há ciumentos que ocultam o ciúme dos outros, são ciumentos na privacidade e, assim, quando eclode o delírio de infidelidade causam perplexidade nos amigos e conhecidos, se bem que não no parceiro.

A ocultação faz sentido: “se vem a saber-se que a minha mulher me é infiel, sou cornudo e ainda por cima complacente (vulgo, “manso”): é melhor que ninguém saiba.”

Colocamos o enunciado no masculino, uma vez que, culturalmente, a imagem social da mulher traída resulta bem menos desvalorizada junto da comunidade.

A este respeito, Coimbra de Matos fornece uma explicação acutilante: “ O ciúme, emanado da ameaça de perda do objecto em benefício do rival, é factor de vergonha, ruína narcísica, ridicularização. De facto, o medo do rizível, a ansiedade narcísea atormenta o enciumado. Salvar o brio é tanto ou mais importante que sustentar o objecto.”

O ciúme manifesta-se de duas maneiras: de modo indirecto, e é a vítima quem os infere, ou de maneira explícita, designadamente sob a forma de acusação.

Esta última é adoptada geralmente quando o sujeito “não aguenta mais” e a sua angústia, derivada da suspeita, atinge um nível de tal forma intenso que faz com que declare o seu ciúme abertamente.

No entanto, mesmo neste caso é frequente que o ciumento, pelo menos aparentemente, “volte atrás”; reconheça ter ido demasiado longe nas suas acusações e recriminações, tome por verdadeiras, nesse momento, as explicações da inocência do parceiro, e, face ao receio de que o seu próprio ciúme precipite aquilo que quer evitar a todo o transe, peça perdão pelo que elas representam de ofensivo e tente reparar os danos causados à relação (vã tentativa ...).

A ocultação do ciúme visa os seguintes objectivos:

- Evitar o reconhecimento do sentimento de inferioridade/inveja do sujeito ciumento em relação ao rival e a conclusão daqui inevitavelmente decorrente: o reconhecimento implícito da superioridade deste.
- Evitar a deterioração da relação, despoletada pela explicitação verbal da desconfiança do ciumento;
- Impedir que a assunção do ciúme redunde na degradação da sua auto-imagem perante o seu parceiro e os outros.

As “inferioridades” que se ocultam são fundamentais para a construção da imagem pública do sujeito e dão lugar a contra-actuações. Deste modo, a identidade que se representa, na qual se exibem “superioridades”, vem a ser, antes de mais a super-compensação da que se oculta, neste caso a sua imagem sexuada ou identidade de género desvalorizada.

É por isso que o ciumento controla a sua desconfiança relativa ao objecto e, sobretudo, qualquer manifestação de inveja face a supostos rivais.

*“Uma importante indicação do verdadeiro amor é a nossa capacidade de cultivar a recordação do amante ausente para podermos aceitar e desfrutar o tempo que passamos a sós. Embora possamos querer estar com o amante ausente, temos confiança que ele ou ela há-de voltar. Entretanto, as recordações dos bons momentos são suficientes para nos satisfazer. O amor maduro pressupõe que as pessoas envolvidas tiveram, durante a infância, uma resposta satisfatória para as suas necessidades e que será fácil saber o que precisam e obtê-lo. Estas pessoas afortunadas aceitam o direito de serem amadas; são abertas, confiantes e modestas.”*

Brenda Schaeffer, *Is it Love or Is it Addiction?*

## CAPÍTULO CINCO

### Etiologia do Ciúme

#### As Raízes do Ciúme

*“O ciúme é um prolongamento das manifestações mais precoces da vida afectiva da criança e tem origem no Complexo de Édipo ou complexo fraternal do primeiro período sexual.”*

Freud, *Certain Neurotic Mechanisms in Jealousy, Paranoia and Homosexuality*

---

Do ponto de vista desenvolvimental, os principais investigadores psicanalíticos do ciúme cindem-se em duas correntes quanto à origem do ciúme: uns atribuem-lhe uma raiz oral, enquanto os outros advogam a sua raiz edipiana.

Spielman cita Jones que, tal como Freud, salienta a origem edipiana do ciúme; alude também a Fenichel e a Riviere, do lado dos defensores da sua raiz oral.

Na base desta divergência, presume-se que esteja a discordância sobre o surgimento das capacidades desenvolvimentais da criança, designadamente sobre a sua capacidade para as relações de duas ou as relações de três pessoas.

A intrusão de um terceiro na díade constituída pela mãe e pela criança, tal como o pai, os irmãos ou outros, é inevitável. Assim, toda a criança experimenta o sentimento do ciúme logo que o seu equipamento psíquico lhe permite conceptualizá-lo, o que pressupõe que, por essa altura, a criança deva ser capaz de distinguir-se a si dos outros, de estabelecer um certo grau de constância do objecto e de formular um conjunto rudimentar de auto-representações e de representações do objecto.

Pela sua consistência e coerência, explanamos o pensamento de Coimbra de Matos sobre a experiência do ciúme no palco do conflito edipiano.

Perante os amores entre o pai e a mãe, a criança sente-se:

- Privada de uma parcela de amor a que se sente com direito;
- Frustrada, ao ver-se espoliada dum expectativa acalentada por si própria e, de algum modo, veiculada pelo objecto parental;
- Humilhada, porque o pai (caso se trate de um rapaz) ou a mãe (se for uma rapariga) a levou de vencida. Com efeito, foi o objecto parental rival que alcançou os favores – sexuais e amorosos – do objecto parental de amor.

Em face da privação, a criança reage com dor e progressivamente tende a desistir: frustra-se, irrita-se e fica triste, sente-se abandonada, humilhada, com raiva e desejo de vingança.

Saliente-se o carácter relativo desta privação, já que o que despoleta o ciúme não é a falta, mas antes a dádiva a outro que assume, então, o papel de rival. Esta experiência é vivenciada pela criança com o sentimento de humilhação, de ferida narcísica, que acicata o ciúme.

Sobrepondo-se à privação, impõe-se a frustração resultante do facto de não se cumprirem as expectativas do fantasma onnipotente de desejo da criança e que o objecto, pela sua atitude, parecia estar disposto a satisfazer.

O ciúme assume-se, assim, como o sentimento mais característico e nuclear do conflito edipiano e reflecte a dificuldade de superar a relação dual com o objecto de amor, em ordem a promover a integração do sujeito na vida social e grupal, tendo como modelo a relação triangular no seio do grupo original da família.

## A Organização de Personalidade Subjacente ao Ciúme

*“Mas eu sinto ciúme de tudo o que te toca.  
Do ar que tantas vezes, entra e sai da tua boca;  
A tua sombra segue o teu corpo perto do meu, suponho,  
Pois somente nós dois juntos, temos um sonho.”*

Théophile de Viau, *Pyrame et Thisb*  
(citado em *O Pequeno Livro do Ciúme*)

---

O ciúme não é uma doença psíquica; é um sintoma e, nessa condição, pode manifestar-se em qualquer uma das patologias do espectro sindromático da psicopatologia.

Nesse *continuum*, destacam-se duas entidades nosológicas perfeitamente isoláveis e diferenciadas: a psicose e a neurose.

Segundo Coimbra de Matos, “O mundo da psicose é dominado pela clivagem do próprio (*self*), do objecto e da relação; ...” e nele “... predomina o ódio, a posição narcísea e a dispersão.” Por seu turno, no mundo da neurose, impera o “... recalçamento de tudo o que é sentido como desagradável ou perigoso; representação, fantasia ou pensamento, desejo, impulso ou afecto.” e prevalece o “... amor, a posição objectal e a integração.”

No âmbito de cada um destes dois grandes territórios clínicos, distinguem-se sub-classes. A saber: No domínio da psicose encontramos a psicose propriamente dita e a psicose minor, pré-psicose, psicose latente ou patologia borderline, para citar algumas das designações correntes; Ao nível da neurose, situam-se a neurose propriamente dita e a neurose major ou depressão (introjectiva, por oposição à depressão anaclítica, associada à patologia-limite ou borderline).

A angústia de separação é um sinal patognomónico da patologia borderline. Esta ansiedade é suscitada pelo medo da perda do objecto, assumido aqui como objecto de apoio, objecto de segurança do sujeito, objecto externo de função anaclítica.

Trata-se duma ansiedade invasiva, incorporando ameaça de desintegração. De facto, o desaparecimento do objecto é vivido como uma perda da funcionalidade do próprio, uma vez que estes objectos estão investidos duma forma narcísica, como parte da relação com o próprio e por isso a perda do objecto é experienciada como perda duma parte da dimensão do sujeito.

Sem a presença do objecto, o borderline sente-se desamparado, desesperado, abandonado, o que poderá despoletar episódios psicóticos comumente denominados de estados confusionais ou baforadas delirantes.

De acordo com Heinz Kohut, no início da vida os pais são experienciados como “*self-object*”, ou seja, como partes do *self*. Uma vez que as necessidades de empatia e de identificação sejam satisfeitas, gradualmente a criança experiencia os pais como objectos separados. Porém, se essas necessidades básicas não forem satisfeitas, as outras pessoas permanecerão “*self-object*”, vividas como partes do *self*.

O borderline estabelece com o objecto uma relação de dependência, parasitária, adesiva, no dizer de Esther Bick. Ele “cola-se” de tal forma aos objectos que a separação destes implica uma rasgadura da sua fronteira psíquica com os consequentes sentimentos de desorganização e perda dos limites do *self*.

Assim sendo, as experiências de espacialidade e de temporalidade só podem ser concebidas na presença do objecto; é como se esta referencialidade só pudesse existir entre as duas peles mentais. Isso explica que quando estas pessoas vivem intensos sentimentos de perda, desencadeiem experiências de desorientação espaço-temporal, de confusão.

Para Coimbra de Matos, a patologia-limite traduz a falência do processo de separação-indivuação, resultante não só de “... um período simbiótico infantil insuficiente ou insuficientemente vivido – por carência sistemática, abandonos drásticos ou frequentes -, mas também da traça simbiótica do objecto parental, que impede o desprendimento evolutivo e favorece o laço simbiótico.”

Outro factor patogénico reforçador da simbiose reside na ausência, indisponibilidade afectiva ou demissão do pai.

Nas personalidades-limite, o lugar para o terceiro, para além da díade, não está constituído; estas pessoas não fazem triangulações edipianas propriamente ditas. Em vez disso, fazem o que pode designar-se por triangulações narcísicas e a este nível o que conta não é tanto a natureza ou a qualidade do objecto que retira a mãe à criança, mas essencialmente o que é vivido como um terceiro que exclui o sujeito da relação dual.

Spielman cita Jones e Fenichel que apoiam a ideia da dependência narcísica do indivíduo predisposto para o ciúme patológico. Fenichel concretiza, sublinhando a tendência das personalidades predispostas para o ciúme para relações de objecto narcísicas, nas quais os suprimentos narcísicos externos são constantemente necessários para regular a auto-estima do sujeito.

Riviere, salienta: “ ... as situações triangulares, ... podem, contudo, radicar no narcisismo... Em pessoas cuja constituição psíquica inclui o ciúme ou a inveja como padrão relevante, a minha conclusão é que a “perda do amor” ou a “busca do amor” em questão se refere, em última instância, a algo mais profundo que uma relação genital com a figura parental desejada. Para além disso, a qualidade da vinculação nessas pessoas é frequentemente do tipo de relação de objecto parcial, facilitando assim a mudança de objectos reais e explicando a relativa indiferença evidenciada na sua personalidade.”

Fenichel, citado por Spielman, corrobora esta posição: “ ... pode assumir-se que em pessoas nas quais o ciúme ou a infidelidade compulsiva são traços essenciais da sua personalidade, a perda de amor e o desejo ardente de amor não têm tanto um carácter genital, mas resultam antes da ânsia de tomar posse de objectos parciais, por forma a incorporá-los. Isto torna compreensível a relativa irrelevância dos objectos e das suas frequentes mudanças.”

Willy Pasini subscreve este ponto de vista e di-lo de forma particularmente sugestiva: “... existem pessoas que acreditam amar tanto mais quanto mais

experimentam a necessidade do outro, mas este desejo está para o desejo como a fome está para o apetite. Geralmente, não se torna muito agradável comer sob o impulso da fome: atiramo-nos sobre a comida com um sentimento de urgência, vorazmente, sem nos preocuparmos com a qualidade ou o gosto. Ora, é o apetite que nos permite degustar os pratos com a lentidão apropriada. Outro tanto se passa com o amor. A necessidade nasce da angústia de satisfazer uma ligação afectiva e atira-nos para pessoas que por vezes não são as mais adequadas. Com o desejo, não: Ele tem outros ritmos, pode ser retardado e intensificar-se sem nos deixar a braços com a angústia de abandono.”

O mecanismo de defesa por excelência desta síndrome, é a clivagem afectiva: o sujeito oscila entre um objecto interno bom ou mau, sem conseguir introjectar o bom objecto ou objecto libidinal.

Fica assim dependente do objecto externo de apoio, da presença concreta do objecto, porque tem dificuldade em evocá-lo durante a sua ausência, dada a precariedade da constância afectiva ou permanência no mundo interno.

Mesmo na presença do objecto, desde que este revele facetas sentidas como negativas pelo sujeito, este passa a vê-lo como completamente mau; é como se o bom objecto se convertesse todo ele em mau objecto, nada preservando do bom objecto. De objecto de apoio, transmuta-se em objecto persecutório.

O mecanismo de clivagem está na origem da típica relação alternante da personalidade borderline, balançando entre a efusão passional e o ataque de raiva, entre a relação boa e a relação má.

Coimbra de Matos escreve, a propósito, que a conduta flutuante do borderline desorganiza o raciocínio e desnorteia a tomada de decisão do seu objecto, resultando em “ ... perplexidade-confusão e passividade ...” que, enquanto persistem, levam ao domínio do borderline e à conseqüente submissão do objecto.

As personalidades-limite podem experimentar arrependimento pela agressão infligida ao objecto; porém, não conseguem aceder à experiência de culpabilidade reconhecida, não podem entender a sua própria culpabilidade.

### Ciúme e Homossexualidade

*“... em certas pessoas, o ciúme é experimentado bissexualmente, isto é, um homem não sofrerá apenas pela mulher que ama e odiará o homem seu rival, mas sentirá também desgosto pelo homem, a quem ama inconscientemente, e ódio pela mulher, como sua rival.”*

Freud, *Certain Neurotic Mechanisms in Jealousy, Paranoia and Homosexuality*

---

Na literatura psicanalítica, prevalece a tese de que a homossexualidade constitui um factor subjacente à manifestação do ciúme, designadamente do ciúme delirante.

Esta concepção, inaugurada por Freud, tem vindo a ser subscrita pela generalidade dos investigadores, alguns dos quais a tornam mesmo extensiva a todos os tipos de ciúme.

É o caso de Fenichel, citado por Spielman, para quem: “... um pouco da projecção desta homossexualidade é encontrada em todos os casos de ciúme. Geralmente pode ser demonstrado que o homem ciumento fica irritado não meramente porque a sua parceira está interessada noutro homem, mas também porque esse homem presta atenção à sua mulher e não a ele.”

Luísa de Urtubey, que cita André Green para sublinhar que todo o ciúme, mesmo o mais comum, encerra o germe do delírio, perfilha esta perspectiva: “... podemos supor que existe uma relação estreita entre ciúme e homossexualidade, sendo o ciúme, certamente, o germe do delírio, mas também uma “fermentação” da homossexualidade.”

Para Glover, citado por Spielman, a tensão existente no ciúme é devida à homossexualidade inconsciente que “... é activada quando um esforço árduo no sentido da heterossexualidade é ameaçado pela frustração.” Partindo deste pressuposto, envolvendo dois objectos, geralmente um homem e uma mulher, o ciúme inclui

necessariamente um impulso homossexual e um impulso heterossexual, ainda que o impulso homossexual seja tendencialmente inconsciente.

Reportando-se à homossexualidade latente do ciumento, Coimbra de Matos destaca que: "... quando o indivíduo tem inveja do rival (...) o rival é admirado; sendo, portanto, também ou principalmente, objecto da sua libido-sexual (objecto propriamente dito) ou narcísica (objecto/modelo de identificação)".

Ao reflectir sobre o movimento libidinal homossexual subjacente ao ciúme, Coimbra de Matos avança uma interpretação que, pela sua potência explicativa, nos parece fundamental não apenas como dispositivo epistemológico, mas também e sobretudo como ferramenta clínica.

Para este investigador, "... o paranóico avança a solução "homossexual" (*in mente* e no plano inconsciente) para não vivenciar a perda objectal narcísica ..."

Nesta linha de pensamento, o investimento num objecto exterior à relação que o adstringe ao parceiro sexual, - relação objectal prevalentemente narcísica – deriva da necessidade imperiosa de escapar à dependência inapelável dessa relação simbiótica oral-narcísica que se lhe impõe como vital, mas que ele sente como totalitária e agrilhoante.

No investimento narcísico do objecto, o sujeito assume-o como uma parte de si próprio, da qual não pode separar-se, vendo-se a si mesmo como o centro de actividade do objecto, ou seja, como uma fonte de atenção, apreço e amor.

O ciumento repete, assim, com o parceiro sexual a relação que teve com o objecto anaclítico.

Por seu turno, com o rival ele repete a relação que teve ou quis ter com o rival da relação anaclítica, ou com o objecto que potencialmente poderia ter quebrado essa relação.

É por isso que, no desenvolvimento do ciúme, o objecto investido fora da relação sexual é do mesmo sexo que o sujeito; pela imposição de não repetir o mesmo esquema relacional, o tipo de relação que o liga ao parceiro sexual.

Refém duma relação anaclítica, o ciumento visa desesperadamente realizar o movimento edipiano, que exige o investimento no segundo objecto – o pai, que viabilizaria o processo de separação-individação e a conseqüente saída da anaclise.

A história relacional infantil do indivíduo, assume uma importância fulcral na compreensão do ciúme, já que se esta passagem proto-edipiana não teve lugar, o Édipo que se construiu é falso, porque apenas aparente.

Estas circunstâncias condicionam uma relação objectal de tipo anaclítico, que vedam ao indivíduo o acesso à autarquia narcísica e à parceria genital.

A passagem ao investimento objectal do objecto reclama um exigente percurso maturativo do Eu, mediante o qual o sujeito assume o objecto como o centro da sua actividade e vê-o como um ser separado, com desejos e vida própria.

### A Identidade do Ciumento

*“Despreza-se um homem que tem ciúmes da sua mulher, porque isso é uma prova de que ele não a ama como devia e de que tem má opinião de si mesmo ou dela.”*

René Descartes, *Paixões da Alma*  
(citado em *O Pequeno Livro do Ciúme*)

---

O ciumento não reconhece qualquer superioridade a quem considera seu rival. Todavia, à classificação de rival subjaz a sua capacidade de enamorar e de lhe espoliar o objecto. É afinal o reconhecimento implícito da superioridade do rival, em termos de competência erótica.

E é justamente a este nível que reside o problema do ciumento: a desvalorização da sua imagem sexuada ou identidade de género, que origina a chamada falha falonarcísica. Na génese desta, encontramos como factores causais prevaletentes e, em geral,

cumulativos, um défice de narcisização da identidade de género e/ou episódios de desnarcisização ou humilhação narcísica.

Devido à auto-desvalorização da sua identidade sexual, o sujeito duvida da sua capacidade para constituir um objecto erótico valioso, susceptível de enamorar e como tal de possuir, reciprocamente, objectos com valor erótico e, se for caso disso, de os conservar.

Ainda que o sujeito não ame o objecto, necessita dele para suprir a deficiência de que padece. Isso traduz-se, por um lado, na sua aspiração a objectos valiosos para os critérios do grupo social e, por outro, na sua atitude ciumenta -no sentido de zelosa, vigilante – da sua propriedade.

A posse de um objecto erótico valioso representa para o ciumento um triunfo sobre a sua falha narcísica secundária, mas acarreta a contrapartida ansiosa, patente nas suas atitudes de vigilância, desconfiança e suspeita.

O rival desempenha um papel crucial para o ciumento porque pode desapossá-lo do objecto. E enquanto a propriedade, ainda que seja a legal, contribui decisivamente para a preservação da sua imagem social, a expropriação redundará na desvalorização do seu papel de parceiro e dono e, conseqüentemente, da sua identidade de género.

*“O passo mais importante é aprender a estar sozinho sem ler, ouvir rádio, fumar ou beber ... Esta capacidade é precisamente uma condição para poder amar.”*

Erich Fromm, *The Art of Loving*

## CAPÍTULO SEIS

### Finalidades do Ciúme

#### Função Adaptativa ou Instrumental do Ciúme

*“Um pouco de ciúme é um grão de sal que dá gosto a um amor insípido.”*

Jean Commerson, *Pensées d'un Emballeur*  
(citado em *O Pequeno Livro do Ciúme*)

---

Entendido como uma reacção emocional ao que se percebe como uma ameaça a uma relação afectivo-erótica que se valoriza, ou à qualidade dessa relação, o ciúme cumpre uma função protectora do amor.

O ciúme pode constituir um precioso aliado, não só ao nível do crescimento pessoal do sujeito ciumento como do enriquecimento da relação amorosa.

Com efeito, esta emoção cumpre, para o sujeito que o experimenta, a função instrumental de:

- Informá-lo sobre o seu grau de investimento na relação, o seu desejo de preservá-la, as suas necessidades e carências afectivas, servindo igualmente para aquilatar do grau de envolvimento e compromisso do objecto de ciúme e da qualidade e viabilidade da relação.
- Despertá-lo para a necessidade de reconhecer e contactar com os “ingredientes” do seu ciúme nomeadamente a dor, a ferida narcísica, eventualmente a humilhação e a raiva para com o rival e reflectir sobre as causas subjectivas na sua origem, não se deixando ludibriar pelo ciúme sintoma.
- Alertá-lo para a necessidade de comunicar com o parceiro sobre os aspectos do comportamento daquele que desencadeiam o seu ciúme, sobre os motivos em que se baseia o seu medo de ter perdido ou vir a perder o seu amor, sobre as razões

concretas da sua desconfiança e/ou suspeita, sobre a sua estrutura afectivo-emocional, autorizando-se um funcionamento relacional assente na autenticidade, na confiança e na intimidade.

- Confrontá-lo com a imprescindibilidade de averiguar dos fundamentos do seu medo, da sua desconfiança, da sua suspeita para concluir se são infundados ou, pelo contrário, se os confirmar, dispor-se a aceitar a reparação da relação ou a rotura.
- Acordá-lo para o imperativo de procurar ajuda psicoterapêutica desde que constate que a experiência emocional do ciúme escapa ao seu controlo, invade a sua mente, mortifica o seu corpo e devasta a sua alma.

#### Função Defensiva do Ciúme

*“... o ciúme intervém como uma defesa contra o interesse homossexual pelo rival.”*

Daniel Lagache, *De l'homosexualité à la Jalousie*

---

Para Freud, o ciúme projectado cumpre uma função defensiva que consiste em reprimir a culpa ou o impulso para a infidelidade enquanto que o ciúme delirante serve, para além disso, para recalcar o impulso homossexual.

Por sua vez, Klein postula que o ciúme pode servir como defesa contra a inveja, uma vez que o ciúme é sentido como mais aceitável para o ego que a inveja e desencadeia menos culpa que aquela. Por outro lado, com a introdução duma terceira pessoa o ciúme permite uma difusão dos sentimentos intensos contra a mãe e um deslocamento desses sentimentos para o pai ou irmãos.

De acordo com Lagache, o estudo psicanalítico do ciúme evidencia a sua intervenção como defesa contra o interesse homossexual pelo rival, esclarecendo que a designação de homossexualidade engloba não só uma conduta como também uma motivação.

Jones, citado por Spielman, salienta o carácter invasivo e tenaz do ciúme e atribui-lhe uma função defensiva contra o medo, a culpa e a vergonha inconscientes, originados no Complexo de Édipo. Oferecendo uma “justificação para o ódio”, o ciúme ajudaria o ciumento a restaurar a sua auto-estima, preservando-se da culpa e da inferioridade.

Segundo Coimbra de Matos, o ciúme cumpriria para o sujeito a função de “... fugir à absorção e imperialismo da relação simbiótica oral-narcísica. Relação que se apresenta, por um lado, como imprescindível, por outro, como esmagadora; ...” A “criação” do objecto-rival representaria, deste modo, “... a necessidade reiterada de encontrar um personagem que sirva de escudo de defesa e – no desejo mais profundamente escondido – um personagem que promova, pela sua aliança e amor, uma almejada separação, uma saída da anaclise.”

No caso concreto do ciúme delirante, julgamos que a evolução para o delírio constitui ainda a última defesa contra a desvalorização da identidade de género ou imagem sexuada, na base da falha falonarcísica.

#### Função do Delírio de Infidelidade

*“Pelo menos no sofrimento físico, não temos que escolher nós próprios a dor.  
Mas no ciúme, temos de alguma maneira de experimentar sofrimentos de todo o género  
E de toda a intensidade antes de nos fixarmos naquele que nos parece convir.”*

Marcel Proust, *Em Busca do Tempo Perdido*  
(citado em *O Pequeno Livro do Ciúme*)

A possibilidade de evolução para o delírio representa a última defesa face à desvalorização da identidade sexual.

Para o delirante de infidelidade, enquanto objecto de atracção erótica, ele não é impotente para reter o parceiro, são os outros elementos da tríade que se empenham em proceder como se o fosse. Estes, convertidos agora em objectos persecutórios, conspiram na sua humilhação.

Isto não sucede com o ciumento, disposto que está a expor o seu protesto por ter sido preterido por um ou mais rivais e que culpa o parceiro pela atenção que dispensa aos outros.

No caso do delirante de infidelidade, de modo nenhum o rival é superior a ele, simplesmente se aproveita ou da ingenuidade ou da perversidade do objecto, da sua falha moral.

Por vezes, a necessidade do delirante se eximir a qualquer responsabilidade na infidelidade do parceiro, pode levá-lo a considerar que este é, de certo modo, irresponsável, dada a extrema degradação a que chegou no plano sexual.

Nalguns casos, verifica-se mesmo a exculpação do objecto, baseada na sua imaturidade, na sua puerilidade; outras vezes, uma “justificação” fundada na constatação da compulsiva perversão sexual que revela nos últimos tempos.

Enquanto no ciumento, a aniquilação do parceiro acaba com o problema, no delirante de infidelidade a atribuição ao parceiro e ao rival ou rivais de intoxicações que o adormecem e acabam com a sua potência sexual, a mera perversão sexual do parceiro, a sua degradação moral, desresponsabilizam-no pelo curso dos acontecimentos.

Habitualmente vemos o delirante com o delírio já constituído, mas noutras ocasiões assistimos progressivamente à sua implantação, como no caso do ciumento do filme em análise.

Castilla del Pino cita Kretschmer que denominou vivência-chave à experiência que, num determinado momento, faz saltar a centelha que encerra o pré-delírio e desencadeia o delírio. Nem sempre isto acontece, mas ocorre com bastante frequência.

Para o paranóico - o que passou da suspicácia ao delírio - os desígnios do comportamento dos outros deixam de ser problemáticos porque sabe como descobri-los até torná-los evidentes. De repente, para ele faz-se luz, tudo se torna claro, evidente e constatável. Encerra-se o sistema de conjecturas até aí desconexo e encontra-se a

solução reveladora. Que os outros não compartilhem o seu ponto de vista “é lógico”: são os “interesses em jogo”. A incerteza cessa para ele. Ele está contra os outros, mas detém a razão frente ao mundo.

Este delirante lê sem erros, com clareza, as intenções do comportamento dos outros, sabe qual é o significado de cada conduta, de cada gesto: significam o que ele os faz significar, o que quer que signifiquem. Não tem qualquer problema na interpretação da realidade; ela é clara para ele. Para além de mandar nas suas próprias significações, como todos nós, ele manda também nas significações dos outros. Estes não se comportam com a intenção que dizem, mas com a que ele descortina. Para o delirante, a relação com os outros não levanta qualquer problema, visto que ele não suspeita – porque “sabe” –; o delirante afirma – porque “sabe”.

O ciumento suspeita, enquanto o delirante de infidelidade “sabe” que é traído.

Cabe sublinhar que no delírio existe a convicção inquestionável do sujeito, a certeza subjectiva, somada a uma impermeabilidade à experiência, à argumentação lógica e à inverosimilhança do seu conteúdo.

O delirante não tem capacidade para tolerar a ambiguidade inerente a toda a interpretação da realidade, designadamente a relacional.

Incapaz de suportar a dúvida, impossibilitado de a resolver de forma viável, acaba por atribuir a si próprio a certeza absoluta de que o objecto lhe é, na realidade, infiel.

A angústia que a dúvida provoca supõe um enorme esforço mental; exige a observação e vigilância constantes, a dissimulação da mesma e a ocultação da ansiedade. Neste aspecto, o delírio é bem menos custoso. O delirante já sabe tudo e sabe-o de fonte segura, sem margem para dúvidas. Subjectivamente implica o desaparecimento da angústia, a favor da resignação ou da indignação.

*“... na situação delirante, a crítica do espírito desapareceu. O doente tem a certeza da traição da mulher e para a demonstrar arquitecta provas com factos mais insignificantes, interpreta falsamente factos reais, realiza no seu espírito acções culposas materialmente impossíveis e transforma em factos reais as simples fantasias do seu espírito, para as quais nenhuma prova, nenhum indício mesmo, serviu sequer de ponto de partida.”*

Miguel Bombarda, *O Delírio do Ciúme*

## CAPÍTULO SETE

## Narrativa Comentada do Filme “L’Enfer”

*“ O ciúme é irracional: alimenta-se do seu próprio sofrimento e é como se só conseguisse saciar-se e acalmar-se quando tudo o que de pior imaginou se torna real e nítido e visível. O ciúme é uma dúvida doentia que cresce como um cancro e a que só a certeza de já não haver lugar para dúvidas pode trazer, pelo menos, o bálsamo de pôr fim a essa angústia, a esse enxovalho de viver permanentemente à procura de sinais de traição. Quanto mais chocante for a evidência, quanto mais real for o real da traição, mais o ciúme se sente recompensado, redimido, quase digno de respeito.”*

Miguel Sousa Tavares, *O Equador*

---

No início do filme, assistimos à ultimização dos trabalhos de remodelação de uma estalagem da cadeia de turismo de habitação “Logis de France”, designada “Hôtellerie du Lac”. O proprietário, Paul Prieur, é entretanto visitado por duas jovens mulheres: Marilyn, sua conhecida e Nelly, amiga desta, por quem se mostra muito atraído e com quem, sugere-se, acaba por encetar uma relação amorosa.

A cena seguinte inicia-se com Paul e Nelly recém-casados, dirigindo-se para o banquete da festa de casamento, transbordantes de alegria e de esperança.

Nelly é uma mulher jovem, bela, sensual, espontânea, extrovertida, atraente, que irradia vivacidade e alegria.

A passagem subsequente leva-nos a inferir do nascimento de um filho – Vincent -, que Nelly passeia alegremente num carrinho de bebé, em frente à esplanada do hotel.

Ao choro nocturno do filho, acorre Nelly solícita ao seu quarto, a serená-lo.

Nelly vivencia esta faceta da sua função maternal com absoluta tranquilidade e jovialidade, regressando prontamente à cama do casal, exibindo uma atitude terna e emocionalmente receptiva para retomar a relação erótica com o marido.

Ao invés, quando Vincent reclama a presença da mãe, Paul fica contrariado, agita-se e experimenta marcada ansiedade que se expressa somaticamente numa respiração curta e acelerada e em insónia.

Perante a angústia do marido, Nelly revela-se bastante contentora. Quando o questiona sobre as causas do seu mal-estar, ele responde que o problema reside na insónia. Em face disso, ela sugere-lhe que tome um hipnótico, ao que ele adere.

A noção de tempo não está explícita no filme. Ela é-nos comunicada por alguns elementos da realidade externa, o mais pregnante dos quais é o crescimento de Vincent

Entretanto, o médico de família, Dr. Arnoux, desloca-se ao hotel para observar Vincent que se encontra doente e diagnostica-lhe uma amigdalite.

Nelly comenta que afinal não se confirmam as apreensões de Paul que imaginava que o filho tivesse um cancro na garganta; acrescenta, a propósito, que ele ultimamente tem tendência para empolar tudo. Paul crispá-se e riposta garantindo que não o faz por prazer, ao que ela sugere que ele necessita de descansar, de relaxar. Paul assevera que o remédio não passa pelo descanso, mas quando Nelly pretende saber em que consiste, ele responde que não sabe.

Nelly propõe que Paul aproveite a boleia do Dr. Arnoux que regressa à cidade, onde a receita deverá ser aviada e onde deverá recuperar o carro deles que se encontra a reparar na oficina do pai de um dos seus clientes, Martineau.

Paul e o médico encaminham-se para o estacionamento e cruzam-se com um pequeno grupo de hóspedes, composto por Marilyn, a amiga de Nelly, que os havia apresentado, o namorado desta e Martineau.

Envergam todos fato-de-banho, porque regressam da praia que serve o hotel. Marilyn pergunta a Paul por Nelly e Martineau adianta que, de manhã, ela estava boa. Paul sabia, pela recepcionista, que a mulher havia passado a manhã na praia.

Crispado, Paul informa que Nelly tem que ficar com o filho, mas Marilyn faz menção de ir convidar a amiga a juntar-se-lhes para fazer esqui aquático, ao que Paul se opõe respondendo agressivamente que a mulher tem que fazer, que se divirtam eles.

Durante o trajecto até à cidade, Paul parece tenso. O Dr. Arnoux adverte-o para a necessidade de controlar o uso excessivo e sistemático de hipnóticos e ele replica que tomaria poder prescindir deles.

O médico aborda seguidamente a questão dos seus hábitos em termos de consumo de álcool e ele esclarece secamente que uma bebida, pontualmente, faz parte do seu trabalho.

O clínico pergunta-lhe então como lhe corre a vida, se o negócio vai bem, se enfrenta problemas. Paul adopta uma atitude defensiva respondendo evasivamente e garantindo que não está doente.

A certa altura do percurso, avistam um grupo de excursionistas junto de um estabelecimento hoteleiro onde se preparam para se instalar.

O Dr. Arnoux questiona Paul sobre a questão da concorrência e este responde-lhe, com desdém, tratar-se de amadores. Apesar disso, sublinha o médico, “parece estarem a sair-se bem”. Paul explica então que o sucesso desses concorrentes se apoia na fórmula simples de subornar os motoristas e servir trampa como comida.

Visivelmente indignado, vitimiza-se pelo facto de, à custa de tantos anos de trabalho árduo ter conseguido implantar um negócio sério que começa a tomar caminho e aparecerem agora uns pulhas quaisquer que lhe roubam clientes.

Paul regressa da cidade com os medicamentos e Clothilde, a recepcionista, informa-o das reservas entretanto efectuadas. Ele pergunta se a mulher está ao corrente e a empregada esclarece que não conseguiu encontrá-la.

Ao começar a subir as escadas, apercebe-se de clarões intermitentes que perpassam através das vidraças da porta do salão do hotel, imerso na escuridão. Abre a porta e depara com a mulher e Martineau.

Acende a luz e, atónito, interpela-a sobre o que se passa ali. Ela explica-lhe que Martineau estava a projectar uns “slides”. Paul estranha o facto de estarem a fazê-lo às escuras, mas Nelly elucida-o, com naturalidade, que a projecção no escuro ganha uma qualidade muito superior.

Ela pergunta-lhe se ele trouxe os remédios e ele censura-a chamando-lhe a atenção para as horas que são: - 8 e 15 da noite - e para o atraso que isso implica no serviço do jantar.

Manifestando surpresa pelo adiantado da hora, Nelly retira-se com um trejeito travesso.

Movendo-se de forma mecânica e absorto em relação à realidade externa, incluindo a interacção verbal proposta por um jovem casal de hóspedes com quem se cruza, Paul dirige-se para a praia onde fica isolado, no extremo do cais.

Devastado pelo sofrimento, chora dolorosamente enquanto na sua mente se digladiam a interpretação distorcida pelo ciúme *versus* a interpretação racional da situação: “-Sabes o que deves esperar agora; -Ela não parecia culpada; -De facto, mas isso faz-me sentir melhor?; -Mas, no salão? Mas ela não é estúpida! Não, ela não é estúpida.”

Entretanto, no restaurante do hotel, Nelly atende os pedidos para o jantar.

Aparentemente recomposto, Paul regressa e Nelly interroga-o sobre onde esteve ao que ele responde ter ido dar um passeio porque não se sentia bem.

Ela questiona-o sobre o que se passa e ele diz que está apenas cansado, mas que já passou. Nelly beija-o com ternura.

Nelly regressa radiante da cidade acompanhada por Duhamel, um hóspede apaixonado pelo cinema amador, que a ajuda a transportar os embrulhos de compras.

Enquanto Nelly dá banho a Vincent, Paul entra no quarto de banho e submete-a a um interrogatório exaustivo.

Começa por perguntar-lhe se pagou ao tipógrafo e como ela lhe responde tê-lo feito após o almoço, ele confronta-a com o facto do tipógrafo ter telefonado às três horas a reclamar o cheque. Ela admite que deve ter passado por lá um pouco depois. Paul pergunta-lhe, em seguida, se ela almoçou com a mãe e ela esclarece que não, que petiscou alguma coisa com Marilyn, na loja. Ele pede informação sobre como foi isso compatível com o atendimento dos clientes e Nelly diz ter-se tratado de um dia fraco, em termos de clientela, não apareceram clientes.

Esta conduta inquisitiva do marido leva Nelly a despertar para a consciência de que ele tem ciúmes dela, o que lhe suscita grande regozijo que ela verbaliza explicitamente: “Espera um pouco; não é verdade!...Estás com ciúmes. Isso faz-me feliz porque prova que me amas!”

Nelly propõe ao marido que venha tomar duche com ela, o que ele recusa.

Enquanto Nelly toma duche no quarto de banho do quarto da suite do casal, Paul, sentado na cama, vasculha a mala de mão da mulher. Em seguida, despedaça o papel que reveste um vistoso embrulho que Nelly trouxera da cidade e encontra uma moderna mala de mão.

Nelly acaba por surpreender Paul enquanto este inspecciona avidamente o interior desta mala e este justifica-se alegando que se trata de mera curiosidade.

Paul, que supõe que a mala custou bastante caro, interroga Nelly sobre como foi que ela a pagou. Afinal, garante Nelly, a mala foi bem menos cara que a importância que Paul supunha que ela valia.

Na cena seguinte, Nelly encontra-se junto a uma janela, lendo uma carta. Paul quer saber de quem é e ela informa-o ser do irmão, que está na Alemanha. Ela recorta o selo do envelope e guarda-o dizendo que é para o filho da sua costureira que é colecionador.

Paul pergunta à mulher se vai sair e ela lembra-lhe que o avisara na véspera que precisava de visitar a mãe, por esta se encontrar doente.

Paul afirma que não se recorda de ela lho haver dito, o que leva Nelly a comentar: “O Dr. tem razão, tu não estás bem!...”

Chega, entretanto, o autocarro e Nelly precipita-se escada abaixo para o apanhar, em direcção à cidade.

Paul recupera do cesto do lixo o envelope amachucado, mas fica frustrado quando verifica que não possui remetente.

Corroído pela dúvida, Paul desloca-se de carro até à cidade e segue a mulher furtivamente, enquanto esta passeia sozinha, tranquila e descontraidamente.

Nelly entra na loja de Marilyn, mostra-lhe a mala nova e a carta do irmão que as duas ficam a ler uns momentos, rindo divertidas.

Ela deixa a loja da amiga e ele retoma a perseguição, mas acaba por perder-lhe o rasto quando Nelly se mistura por entre a amálgama de pessoas que frequentam o movimentado mercado local.

Ao focar um letreiro indicativo da Garagem Martineau, a câmara remete-nos para a suspeita que devasta Paul e que se agiganta à passagem de Martineau filho, seu hóspede, buzinando ao volante de um carro desportivo.

Com o desespero estampado no rosto, Paul atravessa a estrada atabalhoadamente, num estado de completa desorientação. Chega, por fim, à porta da casa da sogra onde

toca insistentemente até que uma vizinha o informa de que ela saíra muito cedo, para uma lição de piano.

Cada vez mais desvairado, Paul acaba por “esbarrar” com a mulher serenamente sentada à mesa de uma esplanada, depois de quase haver sido derrubado por uma bicicleta, quando se dirigia para junto de Nelly que, tendo-o avistado, o havia chamado.

Ele pergunta-lhe o que faz ela ali e Nelly explica-lhe que espera pela mãe.

Por sua vez, também ela pretende saber porque se encontra Paul na cidade e depois de lhe colocar duas ou três perguntas pertinentes e incisivas chega à conclusão óbvia e inequívoca de que ele a seguiu.

Quando lho comunica, ele pergunta-lhe se tem motivos para a seguir e ela responde: “Não. Mas, se continuas assim talvez eu venha a dar-tos”.

Paul e Nelly regressam a casa e no percurso, enquanto conduz, assistimos pela primeira vez ao desfilar das alucinações ao serviço das ideias delirantes que começam a tomar conta do universo mental de Paul: Nelly é-lhe infiel com Martineau e entrega-se fogosamente ao amante.

Nelly tenta apaziguar o clima de tensão que paira entre eles e reaproxima-se agarrando-lhe a mão disponível, que acaricia e beija, ao mesmo tempo que lhe pede que lhe diga algo gentil.

Ele corresponde a esta solicitação sorrindo e pede-lhe que lhe leia a carta do irmão. Ela faz menção de procurar a carta na mala, mas ocorre-lhe, entretanto, que não a tem consigo e explica que a entregou à mãe.

Ele replica que pensava que a mãe dela tivesse saído, mas Nelly esclarece que deixou a carta na caixa do correio.

A partir deste momento, no domínio da comunicação, Paul abandona o registo da dissimulação para abrir o da acusação explícita, que irá desenvolver-se, embora intermitentemente, mas numa espiral de agressividade destrutiva: “-Tens sempre uma boa desculpa, é como da mala. Telefonei e sei que pagaste muito mais por ela.”

Nelly reage comentando em tom sarcástico a falta de confiança, mas confessa que joga de vez em quando com Marilyn e que só não lhe disse porque sabe que ele embirra com a amiga dela.

Paul pergunta-lhe, então, onde é que jogaram e ela indica-lhe o café onde o fizeram. Vemo-lo, mais tarde, em mais um comportamento de verificação, a passar sozinho pelo café; só que este está encerrado provisoriamente.

A cena seguinte é determinante na construção do delírio de ciúme ou de infidelidade de Paul.

Paul encontra-se emboscado na parcela de mata contígua à praia e avista Nelly a fazer esqui aquático, rebocada por um barco pilotado por Martineau.

Na vã tentativa de acompanhar a trajectória do barco, Paul, totalmente descontrolado, corre desvairado por entre as árvores, parando, de vez em quando, para recuperar o fôlego.

Depara, por fim, com o barco vazio ancorado na ilha e decorridos alguns momentos, avista Martineau que, acompanhada por Nelly, ajuda-a a subir, após o que põe a embarcação em marcha.

Paul atira-se para o chão, como quem se afunda num precipício, devastado pela certeza subjectiva da infidelidade da mulher e ali fica, derrotado e abandonado à sua loucura.

Noite cerrada, Paul regressa a casa, arranhado, esfarrapado, sujo, desgrenhado, amarfanhado, prostrado.

Nelly, que o espera ansiosamente, desfeita em lágrimas, sai ao seu encontro, enquanto ele sobe as escadas na cadência arrastada de um ser totalmente desvitalizado.

À medida que se vai encaminhando para o quarto, Paul fecha as portas atrás de si; portas que ela abre para o acompanhar enquanto insiste suplicantemente para que ele conte o que se passou, em que pode ajudá-lo.

Nelly cuida dele e dá-lhe conta das diligências infrutíferas que empreendeu para o localizar e do desespero em que isso a mergulhou.

Paul quebra o mutismo em que se tinha encerrado, quando Nelly profere: “Estás aqui e isso é que importa”. Aí, Paul vocifera que se deixe de coisas, que a viu na praia com Martineau, juntos.

Nelly, que ama Paul e lhe guarda fidelidade, não percebe como pode isso estar na origem desta reacção: “E daí?”, interroga com genuína inocência.

Paul reage com fúria: “Não pretendo discutir isso, eu segui-vos, preciso de continuar?”

Agarra-a violentamente e quase lhe desfere uma bofetada; consegue conter-se a escassos centímetros do rosto de Nelly. Paul atira-lhe em cara, com imensa raiva: “Vi-te, vi-vos aos dois!”

Ela pergunta-lhe o que viu ele afinal e se foi por isso que ele fugiu deixando-a preocupada daquela forma.

Nelly agarra Paul pelos colarinhos e obriga-o a encará-la, incitando-o a reconhecer o amor dela e que as lágrimas dela são derramadas por ele.

Assumindo esta interpretação como caluniosa, Nelly rebela-se e diz que isso constitui a prova de que ele não a ama e que então a deixe em paz.

Profundamente feridos, cada um para seu lado, acabam por cair nos braços um do outro, soluçando e reafirmando reciprocamente o seu amor na tentativa de reparar os danos infligidos à relação. Acabam a fazer amor sofregamente.

Paul acorda antes de Nelly e fica a observá-la, como que a perscrutar o sono e o sonho dela, a quem pergunta, quando acorda, com o que sonha ela.

Ela agita-se ante a recordação da véspera, mas ele abraça-a e tranquiliza-a, garantindo-lhe reiteradamente que está tudo ultrapassado.

Passeiam-se alegremente na praia, acariciam-se com ternura, deitam-se no bosque e envolvem-se eroticamente.

Nelly está com Clothilde na recepção, quando Paul entra e lhe oferece uma pulseira de ouro, o que a deixa muito feliz. Ela prepara-se para subir quando Clothilde atende um pedido telefónico de reserva para o fim-de-semana e esclarece não poder satisfazê-lo porque o hotel está completo. Nelly apressa-se a informar que há um quarto livre – o de Martineau – que telefonara a cancelar.

Paul mostra-se intrigado e sobe atrás de Nelly em busca de informação adicional sobre o cancelamento de Martineau.

É então que ela lhe confia que o que acontecera na realidade é que tinha sido ela a telefonar a Martineau para que não voltasse mais, porque era melhor assim: o marido não gostava da atitude dele. Segundo Nelly, ele havia compreendido.

Paul reage com extrema irritação e pergunta-lhe se ela é louca para ter feito isso; o que irão as pessoas dizer, parecerá que ele não confia nos dois juntos, ele irá parecer totalmente ridículo.

Ela fica desconcertada e diz que procedeu assim para eliminar as preocupações dele. Revoltada com a incompreensão de Paul, pergunta-lhe se o que o preocupa é a má-língua e se é a isso que ele chama amor.

Magoada, Nelly propõe-se devolver-lhe a pulseira, mas não consegue abrir o fecho. Ele pede-lhe desculpa, reconhece que estava errado e reconciliam-se.

Após o jantar, Duhamel, o cineasta amador, promove a projecção dos filmes realizados durante a sua estadia no hotel.

A sala está cheia de hóspedes que convivem alegremente e aguardam o início da exibição.

Nelly e Marilyn encontram-se entre a assistência. Paul, de pé na fronteira entre a sala e o bar, sorve de um trago um balão de conhaque, que o veremos esvaziar algumas vezes mais.

Na tela, começam por aparecer imagens de construções e paisagens da região envolvente.

A câmara passeia-se um pouco ao longo das ruas da cidade e detém-se na “Garage Martineau”, o que arranca a Duhamel o comentário desconsolado de que aquela cena era dedicada a Martineau, que já ali não se encontra.

Paul, desde o início defensiva e estrategicamente distanciado, como que num posto de vigia, parece estremecer interiormente. Vai olhando as imagens de soslaio, até que surgem na tela Nelly e Martineau, na praia, nos momentos que antecedem a visão de Nelly a esquiatar descontraidamente na laguna.

Esta cena faz detonar a alucinação.

Paul não olha mais para o ecrã; a partir daqui, retira-se para o seu mundo mental, cada vez mais dissociado da realidade externa.

Na sua fantasia delirante, Martineau usurpa-lhe literalmente o lugar de parceiro amoroso de Nelly: Paul revê mentalmente as cenas de amor que vivera na véspera com Nelly, mas quem está com Nelly não é ele, é Martineau.

A tensão emocional domina-o num crescendo avassalador: transpira abundantemente, respira com dificuldade, cerra os maxilares com violência, contrai a face em esgares contorcidos, esmaga entre os dedos o balão de vidro que conserva na mão, com a tensão muscular que sobre ele exerce. A voz interior exorta-o: “Tem coragem, enfrenta a verdade!”.

No ecrã, assiste-se a uma sucessão de cenas sem compatibilidade alguma com o conteúdo do delírio.

Este, entretanto, progride impiedosamente na tela mental de Paul: Nelly, languidamente estendida em cima da cama, segura o auscultador e segreda ao amante: “Quase que fomos apanhados, meu amor. Não podes vir aqui, ele está com os olhos postos em nós. Na cidade é melhor. Posso inventar uma história e ele acredita. Vou dizer à Marilyn.” Voluptuosamente, suplica-lhe: “Pára...eu também te quero, sabes que sim. Oh...pára...”

O tempo mental do delírio transporta-nos de imediato até à loja de Marilyn: Nelly entra impetuosamente, cumprimenta a amiga sem detenções e sobe apressadamente as escadas que conduzem ao sótão, onde Martineau a aguarda. Os amantes abraçam-se e beijam-se fogosamente.

Aqui, o dique da tolerabilidade à dor mental de Paul cede e ele irrompe desabridamente pela sala, numa agitação extrema e grita estridentemente: “Parem, parem!”

Perplexa, Nelly abeira-se dele, pede-lhe que se acalme, mas Paul não se detém e prossegue a marcha em direcção às escadas. Ela pergunta-lhe o que se passa de errado. Ele volta-se subitamente e sacode-a com uma bofetada.

Paul refugia-se na escuridão duma sala e fica ali, a um canto, abatido numa cadeira.

Nelly entra e insta-o a que lhe forneça uma explicação. Ele, pela primeira vez, assume: “Tenho ciúmes”. “De quem? De quê?” pretende ela saber. “Não sei, mas isto está a matar-me!...”, confessa Paul.

No quarto, profundamente angustiado, Paul acerca-se da janela que abre sofregamente e exclama que, por vezes, lhe apetecia saltar dali abaixo.

Nelly confessa-lhe o quanto a magoa vê-lo naquele estado e propõe-lhe que lhe bata, que a esbofeteie, porque isso é preferível a vê-lo assim.

Paul, num assomo de lucidez, afirma: “O que é que isso alterava? Está tudo na minha cabeça...”

Paul sofre de insónia. Durante a noite, enquanto Nelly dorme, a seu lado, pergunta-lhe se ela tornou a ver Martineau. Ensonada, ela diz que está a dormir, mas ele insiste na pergunta e ela acaba por responder que não, que lhe disse que não voltasse mais.

Paul passa à acusação directa: “É demasiado perigoso aqui. Vocês vêm-se na cidade. É lógico.”, ao que Nelly retorque: “É lógico, mas não é verdade!”

Paul persiste na sua lógica delirante: “Podes prová-lo?”. A Nelly não resta senão render-se: “Como posso prová-lo?”

Encurralada pela loucura de Paul, Nelly lança mão do que supõe ser o recurso que lhe resta para reverter a situação: “Olha, se tu não consegues ser razoável, eu serei. Se te perturba que eu vá à cidade, então não irei mais. Nunca”. Ele questiona: “Nunca?”, ela reitera “Nunca. Estás satisfeito agora?”. E a resposta de Paul é ditada pela irredutibilidade da instalação do delírio: “Quase”.

A progressão do delírio é implacável: na cena seguinte, Nelly, sentada no chão, encostada à cama, visivelmente derrotada, interroga-se sobre o que pode fazer mais.

Paul martiriza-a com perguntas sobre assuntos que se converteram em elementos obsessivos da sua realidade mental, como a viagem à Ilha, o que fez ela enquanto lá esteve com Martineau, o tempo que lá permaneceu, etc.

Porque as respostas dela não conferem com a sua interpretação delirante, Paul acusa-a, de forma veemente e furiosa, de ser mentirosa: “Estás a mentir. Estou cansado e farto das tuas mentiras. Responde-me!”

Na ânsia de lhe arrancar a pretensa verdade, resvala para a coacção física: sacode-a violentamente, atira-a e imobiliza-a contra a parede.

Torturada e ferida pela calúnia, Nelly “confessa” aquilo que parece que ele quer ouvir: “Sim, eu dormi com o Martineau! Na ilha, no carro, na casa dele e na tua cama, quando estavas fora!”. Solta-se e tranca-se na casa de banho. Paul volta a mostrar-se arrependido, jura-lhe amor e suplica-lhe que abra a porta. Ela acaba por fazê-lo, mas denota um desgaste emocional cada vez mais profundo, associado a um correspondente desinvestimento na relação.

Paul aperta o controlo a Nelly. Espreitando por entre as persianas, avista a mulher que passeia no jardim. Sai ao seu encontro e pergunta-lhe o que está ela a fazer, se foi dar um passeio.

Tensa, ela responde, com sarcasmo, que saiu para tomar ar e espera que isso lhe seja permitido. Saturada, lastima-se: “Não posso ver a Mãe; A Marilyn nem se fala... Até um passeio é assunto!...” Num crescendo de revolta, profere: “Não suporto mais isto. Se pensas que te engano, então enganar-te-ei. Não sei com quem, onde e como, mas enganar-te-ei!”

Paul regressa de carro, debaixo de forte temporal. Toda a região está mergulhada na escuridão da noite devido a uma falha na energia eléctrica, provocada pela tempestade.

Julien, o barman, explica-lhe que já havia verificado a caixa de fusíveis e que era da tempestade.

De repente, os olhos de Paul incidem sobre a porta do salão onde encontrara a mulher com Martineau, iluminado intermitentemente pelos clarões dos relâmpagos. Pergunta a Clothilde se viu a mulher e ela informa-o que já não a vê há algum tempo.

Abre a porta do salão e encontra o filho ao piano. Pergunta-lhe pela mãe. Duhamel, até então oculto, diz-lhe que estão só os dois homens e acrescenta que a mulher desapareceu na noite.

Paul dirige-se aos pisos superiores, com a frase de Duhamel a ecoar-lhe na cabeça: “Desapareceu na noite”.

Percorre os corredores dominado por enorme ansiedade e encontra Nelly a distribuir velas à porta dos quartos dos hóspedes. Esconde-se e fica a vigiá-la furtivamente. Aguarda que ela saia dum quarto onde havia entrado e, sem se conter, sai-lhe ao caminho, de surpresa, para averiguar o que tinha motivado a sua entrada naquele quarto.

Paul chama a atenção de Nelly para a presença de cera na parte traseira da saia que enverga e ela aventa a hipótese de isso ter acontecido na cave.

Enquanto Nelly dá o jantar a Vincent, Paul, sentado, aparentemente a ler o jornal, mas entregue às suas rumações, indaga: “Foste à cave?”. Ela responde afirmativamente e explica que foi verificar os fusíveis. Paul observa que Julien lhe tinha dito que fizera isso. Nelly comenta que ambos haviam tido a mesma ideia.

Paul levanta-se e os clarões dos relâmpagos que iluminam a noite transportam-no outra vez até à cena de Nelly e Martineau, no salão. O “interruptor do delírio” acende-se, de novo, mas desta feita o rival que figura na alucinação é outro: na cave, Nelly e Julien fazem amor ardentemente.

A pretexto de fechar uma janela que, por incúria, permanecia aberta e estava a provocar uma pequena inundação, Paul acorre ao sótão cujo espaço revista minuciosamente. Encontra no chão a pulseira de ouro que oferecera a Nelly e a voz interior faz eco da interpretação desse achado: “Ela foi amante de todos”.

Os seus olhos recaem sobre uma cama instalada no sótão e o delírio conhece novo alastramento: alucina que Nelly se entrega sexualmente a todos os hóspedes do hotel, num festim de sensualidade devassa e libertina.

Uma vez no quarto com Nelly, Paul sujeita a mulher a novo interrogatório: “Estiveste no sótão hoje?”. Ela começa por afirmar que não e ele, de dedo em riste, acusa-a de estar a mentir. “Pensa com cuidado!”, vocifera. Ela reafirma a resposta anterior, mas lembra-se, entretanto, que foi lá buscar uma lanterna.

“Sozinha?”, investiga Paul. Nelly confirma: “Sim, sozinha”. Paul arremessa: “Estás a mentir; eu encontrei-a no sótão”.

Remexe os bolsos freneticamente em busca da pulseira e não a encontra. Entre atemorizada e incrédula, ela profere: “Deves estar doido”. “Cala-te”, ordena-lhe ele. “Tudo o que sai da tua boca são mentiras”, inculpa-a Paul, fremente de raiva. Nelly extravasa a verdade amarga que a corrói: “ Sim, eu minto porque estou cansada das tuas fantasias extravagantes. Tenho que examinar sempre o que digo. Eu diria qualquer coisa para pôr fim às tuas perguntas. Sim, eu minto e não me importo nada com isso”.

Paul desafia-a a confessar que o odeia e obtém como resposta: “ Se eu tivesse dinheiro suficiente, não ficaria nem mais um minuto”.

Durante a noite, Paul acorda sobressaltado e descobre que a mulher não está a seu lado, na cama. Começa por procurá-la na casa de banho e no quarto do filho, sem sucesso. Completamente desesperado, percorre os corredores, descalço, escutando sorrrateiramente às portas. Cada vez mais asfixiado pela ansiedade, abre a porta do quarto de Julien, que dorme tranquilamente. Como detecta luz no quarto de Duhamel, abre a porta de rompante e pousa os olhos sobre dois copos servidos e uma garrafa de vinho do Porto encetada, em cima de uma mesa. Descontrolado, esquadrinha o quarto, perante o olhar espantado e inquiridor do hóspede, contra quem investe a sua fúria acusando-o de andar ”enrolado” com a mulher dele.

Duhamel recomenda-lhe calma e pergunta-lhe o que se passa com ele. Explica-lhe, ainda, a presença dos dois copos e da garrafa de vinho: Lenoir havia passado por lá para um jogo de cartas, depois do jantar.

Mas, Paul está completamente invadido pela lógica do delírio e, por isso, irredutível: “Estou a falar a sério. Isto já durou tempo suficiente. Claro, quando eu estou fora, começa a festa!...Mas, amanhã eu expulso toda a gente”.

Por seu lado, Duhamel não consegue contemporizar mais tempo com a loucura de Paul: “Já ouvi quanto baste. Você está mesmo a enervar-me. Amanhã, de manhã, partirei para não regressar. Agora, desande!” e expulsa-o do quarto.

Quando Paul regressa ao quarto, Nelly já lá se encontra e explica-lhe que ouviu o gato miar e foi abrir-lhe a porta. Paul, desvairado, ironiza: “Claro! Fazendo caminho pelo quarto do Duhamel. Não negues!...”

Agarra-a pelos pulsos, com enorme violência, e ela exclama, estarecida: “Perdeste o juízo!”

Paul sacrifica Nelly à vastidão da sua loucura continuando a verter sobre ela o ácido do delírio: “Tiveste-os a todos esta noite: novos, velhos, até empregados” e continua a violentá-la, também fisicamente, empurrando-a contra a parede. Ela debate-se, enquanto ele reivindica: “E eu? Agora é a minha vez!” Surdo às súplicas pungentes de Nelly para que pare, Paul subordina-se ao comando da voz interior: “ Não te deixes enganar por esta puta...”. Subjuga-a pela força, atira-a ao chão e viola-a sadicamente. Nelly chora dilacerada.

Na cena seguinte, Paul invade abruptamente o consultório do Dr. Arnoux, vociferando que sabe que o médico esconde a mulher e que pode processá-lo por cumplicidade no crime de abandono do domicílio conjugal.

Acaba por ceder à insistência do médico para que se sente. A extrema agitação que o domina tem a sua expressão motora nas estereotípias que exhibe.

Abandona o registo da hostilidade e tenta o da cumplicidade: “ Sei que não devia zangar-me. Mas, se ela me deixa, não me resta nada. Eu não posso viver sem ela. Não compreende?”. “Claro. Acalme-se”, responde-lhe o Dr. Arnoux. “Por favor, doutor. Restitua-ma!”, implora Paul.

O médico abre a porta da sala de observações e surge Nelly, profundamente abatida: A vida que habitava aquela mulher parece ter sido vampirizada para dar lugar a um fantasma de si.

Enquanto se “arrasta” até à sala de consultas, Nelly acaba de apertar o fecho das calças. É quanto basta para que Paul “fabrique” mais um rival: “Ah, você também a teve!...”. “Isso não tem graça. Você magoou-a muito. Tive que examiná-la”, repreende-o o médico. “Profundamente, pelo que vejo!”, replica Paul ironicamente. “Pare ou serei obrigado a expulsá-lo”, adverte-o o clínico.

Paul persevera no delírio e “desmascara” Nelly: ”Não vê o jogo dela? Está a mentir-lhe também. Ela é uma mentirosa compulsiva”.

O médico chama-o à realidade: “Paul, você bateu-lhe!”, ao que ele responde: “Em seis anos, esbofetei-a uma vez e ela mereceu. Faria o mesmo de novo, se tivesse que fazê-lo”. O Dr. Arnoux continua a espicaçar-lhe a consciência: “ Você quase a estropiou!...”

Paul justifica-se, exaltado, fazendo eco do delírio de infidelidade que o invade: “Você não pode imaginar o que eu tive que suportar. Ao princípio, acreditei nela, mas depois percebi! Mas perdoei-lhe. Perdoei-lhe. Quando a sua mulher se levanta durante a noite, para ir ao sótão enrolar-se com todos os hóspedes às duas da manhã... O que faria você? Levou algum tempo a apanhá-la, porque ela é muito astuta...Ela fazia parecer que estava a dormir, mas eu regulei o meu relógio interno para acordar. Eu senti os pés dela; estavam frios! Percebe o que quero dizer? Isso prova que estive a pé, certo?...”

O médico assente: “Claro”. Nelly, desabada numa cadeira, a um canto, esboça um protesto: “Mas, doutor...”. Contudo, o médico ordena com veemência: “Deixe-o continuar, é muito interessante!...”

Paul prossegue: “Eu sei que não é culpa dela. Ela ama-me, à sua maneira. Faz isso com todos! Os hóspedes, o mecânico, o barman. Ela é doente. Olhe para ela: é uma sombra daquilo que foi. Tem um péssimo aspecto. Ela está mentalmente doente. Ela é histérica. Doutor, sei que acha difícil acreditar nisto!...”. O médico simula acreditar: “Não Paul, eu acredito em si”. Nelly profere, estarecida: “É monstruoso. Ele é louco!” Paul reage: “Vê? Ela quer enclausurar-me. Isso prova que ela é doida!”

O Dr. Arnoux pretexta: “Tem razão, Paul. Ela precisa de ajuda, agora”.

O médico prepara-se para estabelecer um contacto telefónico e enquanto aguarda explica que está a ligar para uma clínica porque Nelly precisa de um psiquiatra.

Na interlocução com o pretenso colega, o médico informa tratar-se de um caso muito urgente de uma paciente que o marido é muito categórico em diagnosticar como histérica e que os manda na manhã do dia seguinte.

Paul esbraveja e afirma que não vai a clínica nenhuma e que Nelly também não irá.

O Dr. Arnoux acerca-se de Nelly, completamente arrasada e incute-lhe ânimo: “É duro, mas é a única maneira. Seja corajosa”. Paul instiga-a a que se rebele: “Não lhe dê ouvidos. Eu proteger-te-ei. Ele não pode forçar-nos”.

O médico avisa-os de que irá buscá-los às 7 horas da manhã do dia seguinte.

No quarto, à noite, Nelly coloca o despertador para as seis da manhã. Paul diz-lhe que talvez devesse dar-lhe outra oportunidade, que lhe perdoa e farão como se nada se tivesse passado. Mas, adverte-a de que será mais severo, da próxima vez. “Trancar-te-ei!”, ameaça-a.

Nelly pede-lhe hipnóticos e ele quer saber para que necessita deles. Ela explica que quer dormir e aconselha-o a dormir também. Ele enfurece-se: “Não preciso de conselhos de quem quer que seja”. Ela aquiesce: “Claro que não, faz como quiseres”. Ele leva-lhe os comprimidos e comenta: “Já percebi que te instruíram para não me contrariar”. “Quem?”, pergunta ela. “Arnoux”, responde Paul. Nelly assevera que não, que esteve ali toda a tarde. “Podias ter-lhe telefonado”, aventa Paul. Nelly desafia: “Vai acordar a Clothilde e pergunta-lhe, se quiseres. Vem, vamos acordá-la!” Dirige-se para a porta e quando se prepara para a abrir, descobre que a porta está fechada à chave.

Paul justifica-se num tom mordaz: “Fui eu que a fechei. Compreendes!...Tenho que tomar precauções, não vás tu voltar a andar por aí a enrolar-te com outros. Há uma hora que me aconselhas a ir dormir...já vi o teu jogo todo!”.

Nelly argumenta: “Escuta Paul, Vincent tem febre e tenho que ir vê-lo. Abres a porta?”. Ele mostra-se impositivo: “Tens dois minutos!” e abre a porta.

Assim que transpõe a porta, Nelly exige que Paul lhe entregue a chave, sob ameaça de gritar por socorro se ele o não fizer. Ele resiste bastante, mas ela mostra-se de tal forma determinada na sua intenção que ele acaba por ceder.

Durante a ausência de Nelly, Paul volta a encher o copo de água e coloca-o na mesa-de-cabeceira da mulher, junto a mais duas cápsulas de hipnótico. O despertador assinala 22h45.

A partir do regresso de Nelly, Paul mostra-se totalmente obcecado pela recuperação da chave. Tanto assim que nem mesmo o estado de saúde do filho parece interessar-lhe, o que suscita que a mulher comente: “Não me perguntas pelo Vincent?”.

Nelly constata a presença dos hipnóticos em cima da mesa-de-cabeceira e confere com Paul a sua dúvida sobre se não os teria já tomado. Deliberadamente, ele indu-la a ingerir nova dose: “Claro que não! ...”.

Paul vai reclamando obsessivamente a devolução da chave e a oposição de Nelly torna-o cada vez mais colérico.

Enquanto isso, ele confessa a sua intenção de boicotar a ida para a clínica: "Então, eu tenho que ir sozinha", concluiu Nelly. Ele assegura: "Não te preocupes, tu também não vais". Ela objecta: "Mas, se eu estou doente ...". Paul riposta: "A tua doença pode ser tratada aqui, com umas boas tareias. Não é necessário uma clínica. Aposto que adorarias fazer *strip* para aqueles médicos ... pior para o Arnoux!".

Ela propõe-lhe que diga isso ao médico, mas, como ele se mostra inabalável na decisão de não o ver, ela, desesperada, agarra no auscultador para lhe telefonar. Ele saca-lho com violência e impede-a de concretizar a comunicação.

A espiral de violência refina-se no sadismo do interrogatório: "Tens medo?", "Não, não tenho", responde Nelly. Paul não se autoriza a consciência da sua loucura: "Eu não sou louco, querida. Mete isso na cabeça".

Nelly, cada vez mais esgotada pelo suplício das acusações, ameaças e sevícias, vai sucumbindo também à pesada dose de hipnóticos.

Paul, numa escalada de agressividade, sacode-a do torpor, grita-lhe, coage-a a dizer-lhe onde está a chave.

De posse desta, ele volta a trancar a porta e atira-a para debaixo dum tapete. Isto já não é testemunhado por Nelly que jaz inerte sob o efeito do hipnótico.

A partir de agora, a noção de tempo está totalmente subordinada ao tempo mental de Paul. As referências externas desaparecem para dar lugar a uma sequência de alucinações ao serviço do delírio de Paul e que nos conduzem através do labirinto da sua loucura.

Vemo-lo deambular agitadamente. Ouve (-se) a sirene duma ambulância e avista (-se) a sua chegada, através da janela.

Paul está absolutamente refém da lógica do delírio; apesar de totalmente afundada sob a acção do hipnótico, no seu delírio Paul alucina que Nelly avisa o médico através do telefone: “Olá Doutor, eles estão a chegar. Ele fechou-nos dentro do quarto. A chave está debaixo do tapete. Ele está louco. Logo que ele adormeça, eu deixo-os entrar”.

A voz interior reage, imperativa: “É uma besta perigosa e às bestas perigosas é preciso atá-las. Queres deixá-los entrar?”.

Paul saca o cinto do roupão de Nelly e, com ele, ata-lhe os pulsos à cabeceira da cama, enquanto profere raivosamente: “Bem, badalhoça, tu estás a pedi-las!”.

Arranca o fio do telefone. Abeira-se de novo da janela e observa (-se) os paramédicos a saírem da ambulância.

O delírio revela a sua impenetrabilidade ignorando a impossibilidade material de Nelly estabelecer qualquer espécie de comunicação e, neste momento, de poder utilizar a via telefónica; na cabeça de Paul, Nelly retoma a conversação telefónica com o médico: “Doutor, ele atou-me. Venha depressa”.

Ouve (-se) pancadas na porta. Paul barrica-se na sua loucura e obstrui a entrada da porta com um móvel.

O delírio de Paul reforça-se a cada nova alucinação. Agora Nelly pede ao médico que venha resgatá-la: “Arrombe a porta e venha buscar-me”. Uma vez mais, Paul sonda o exterior através da janela e constata(-se) o desaparecimento da ambulância.

Paul fixa Nelly afundada no sono profundo induzido pelo hipnótico e olha em redor, perplexo.

Dirige-se à mulher, com terna delicadeza, e tenta despertá-la: “Acorda, querida. Acorda. São 6 da manhã, ouves-me?”. “Deixa-me, estou a dormir”, resiste Nelly. Paul insiste: “Vem. Podes dormir no carro. Não há muito tempo. Vem querida”. Beija-a e continua a persuadi-la: “O Dr. Arnoux estará aqui em breve”. “O que aconteceu?”,

interroga Nelly. “Explico-te depois”, promete Paul. “Está escuro e a chover. Fico com medo quando chove”, confessa Nelly. “Sim, amor. Está a chover. Não te preocupes, eu conduzo devagar”, alenta-a Paul.

Paul ampara Nelly carinhosamente até à casa de banho, prepara-lhe o banho e ensaboa a cara, para se barbear.

Parece feliz e descontraído. Enquanto ele afia a navalha de barba, Nelly envolve-o num olhar carregado duma espécie de ternura nostálgica, que leva Paul a interrogá-la: “Porque estás a olhar-me dessa maneira?” “Tu pareces diferente. Há tanto tempo que não te via assim. Se fosse verdade!...”, murmura Nelly. “É verdade”, garante Paul. “Levou tanto tempo. Eu pensei que não havia esperança”, desabafa Nelly, com os olhos marejados”. “Não chores”, serena-a Paul, afagando-lhe a face com doçura. “Não estou a chorar. Estou feliz”, assegura Nelly. “Queres ir agora?”, pergunta-lhe Paul.”Sim. Tão depressa quanto possível”, afirma Nelly, decidida.

Enquanto Paul se barbeia, impõem-se-lhe à mente as imagens dos festins orgíacos em que Nelly se entregava, de forma lasciva, aos hóspedes do hotel. No seu semblante estampa-se a dor lancinante que essa alucinação lhe inflige e o sofrimento que o assola repercute-se na imperícia do manuseio da navalha, o que faz com que se golpeie e sangre.

Paul regressa ao quarto onde Nelly permanece com os pulsos atados à cabeceira da cama.

Afinal o projecto de recomeço, acordado entre os dois, não passou de uma falsa saída - mais uma alucinação - do inquietante labirinto de loucura em que Paul está perdido.

Paul aproxima-se da mulher e, visivelmente desesperado, esforça-se por organizar o pensamento: “Pensei que a tinha desatado...O que está a acontecer-me? O que fiz eu? Vejamos: Nós estávamos prestes a sair para a clínica, em Clermont, ambos. Ainda aqui estamos. Como antes. Como antes, como?”.

Sacode a cabeça, desorientado e prossegue, na tentativa desesperada de se desenlear da confusão mental: “Não me lembro agora. Estou a ficar confuso. Só espero que ela não tencione...tenho que pôr ordem nos meus pensamentos. Tenho que ter cuidado...Não devo, não posso...se algum dia...não...vejamos: ...

A narrativa fílmica conhece aqui o seu desfecho com um incisivo “**Sans fin**”, que, se aos olhos do espectador comum pode surgir como um tanto inusitado e enigmático, em termos psicopatológicos não poderia ser mais ajustado e inteligível.

*“O que é ser real?” perguntou um dia o Coelho, quando se encontravam deitados lado a lado, perto do resguardo da lareira do quarto das crianças, antes de Nana entrar para o arrumar. “Será ter coisas que vibram dentro de nós, o manípulo do mecanismo que o faz funcionar?”*

*“Ser real não tem a ver com a forma como és feito”, disse o Cavalo. “É uma coisa que te acontece. Quando uma criança gosta de ti durante muito, muito tempo, não apenas para brincar, mas porque realmente gosta de ti, então tornas-te Real”.*

*“Isso magoa?”, perguntou o Coelho.*

*“Às vezes”- respondeu o Cavalo, porque dizia sempre a verdade. “Mas quando se é Real, não nos importamos que nos magoem”.*

*“Acontece assim de repente, como quando se dá corda, ou pouco a pouco?” interrogou o Coelho.*

*“Não acontece tudo de uma vez”, disse o Cavalo. “Vai acontecendo. Demora muito tempo. Por isso não sucede com muita frequência às pessoas que são frágeis, muito nervosas ou que têm de ser tratadas com muito cuidado. Em geral, quando finalmente conseguimos ser Reais o nosso pêlo já caiu quase todo, de tantos carinhos e afagos que nos fizeram. E os nossos olhos descaem, ficamos muito puídos e com as articulações moles. Mas nada disso é importante, porque a partir da altura em que se é Real não se pode ser feio, excepto aos olhos de quem não compreende”.*

*“Suponho que sejas Real”, prosseguiu o Coelho, logo se arrependendo do que disse, por pensar que o Cavalo podia ficar sentido. Mas ele apenas sorriu.*

*“O tio do rapaz tornou-me Real”, disse. “Isso foi há muitos, muitos anos, mas uma vez que se é Real, nunca mais se deixa de o ser. Dura para sempre”.*

Margery Williams, in *The Velveteen Rabbit*

## CAPÍTULO OITO

## Discussão

*“Como ciumento sofro quatro vezes:  
Porque sou ciumento,  
Porque me censuro por sê-lo  
Porque temo que o ciúme fira o outro,  
Porque me deixo dominar por uma banalidade:  
Sofro por ser excluído, por ser agressivo,  
Por ser louco e por ser comum.”*

Roland Barthes, *Fragmentos de um Discurso Amoroso*

---

O ciúme sexual apresenta-se como inevitável, uma vez que radica primordialmente em acontecimentos infantis associados ao conflito edipiano, experiência que integra e condiciona o percurso desenvolvimental de cada ser humano.

A fantasia inconsciente de um terceiro, objecto idealizado do género do sujeito – o temível rival -, replica o rival edípico e está presente em ambos os parceiros da relação amorosa.

Na idade adulta, as experiências infantis de ciúme são actualizadas em circunstâncias similares e condicionam a predisposição para o sujeito responder aos factores desencadeantes de ciúme e a intensidade dessa resposta. O sujeito repete com o parceiro amoroso a relação que teve com o objecto parental de amor e que o faz re-viver o sentimento de abandono, de traição, de frustração, de insegurança; por outro lado, repete com o rival a relação que viveu com o objecto parental rival e que o leva a re-sentir a raiva, o ódio, a vergonha, a inveja, a culpa, a humilhação, a ferida narcísica.

A orientação psicodinâmica, em que este trabalho se enquadra, pode constituir uma mais valia na investigação do ciúme, já que a pesquisa das falhas, dos défices, das incompetências do sujeito ciumento permitirá a leitura compreensiva do seu mundo interno, conduzindo à evidência do subjectivo e à informação sobre o que deverá trabalhar-se, ao nível da relação psicoterapêutica.

Ao conceder a um objecto de amor um lugar preponderante na satisfação das suas necessidades afectivas, o sujeito amante coloca-se numa situação de (inter)dependência que poderá conduzi-lo ao ciúme.

A experiência emocional do ciúme, refere-se ao medo de perder o objecto de amor/o amor do objecto e a imensa fonte de satisfação a ele associada. O ciúme competitivo ou normal surge como reacção à ameaça a uma relação afectivo-erótica que se valoriza, ou à qualidade dessa relação, ameaça essa representada pela intrusão de um terceiro elemento: o rival. O sentido de propriedade do sujeito relativamente ao objecto eleito e o medo face à expropriação por um rival, é fulcral no ciúme. Este funciona como um sensor da (in)segurança que se sente na relação amorosa e cumpre uma função adaptativa ou utilitária, de protecção do amor. Vivê-lo de forma exacerbada é sinal de patologia; desconhecê-lo é sintoma de imaturidade afectiva.

Pode assumir-se o ciúme como o tempero do amor, uma espécie de condimento que o realça, sublinhando o interesse no envolvimento, evidenciando o investimento no compromisso e na manutenção da relação amorosa.

Nos sujeitos mais saudáveis, sentir-se enciumado leva a questionar-se sobre esta emoção, a partilhar com o parceiro este sofrimento e a retirar daí conclusões sobre a sua personalidade, a personalidade do parceiro amoroso e a qualidade e viabilidade da relação. Desde que adequadamente interpretado e gerido, este ciúme pode promover tanto o crescimento pessoal como o enriquecimento da relação.

O ciúme patológico ou mórbido deriva dum medo desmesurado de perder o objecto para um rival, duma desconfiança excessiva e da suspeita infundada, redundando em prejuízo significativo para a relação. A designação de “patológico ou mórbido” remete para a sua natureza essencialmente inadaptada ou disfuncional, uma vez que não só perturba o funcionamento do sujeito ciumento e do seu objecto, como afecta também negativamente a relação de ambos. Desde o primeiro momento, o ciúme de Paul, o ciumento de L’Enfer, filme que apoia a nossa reflexão, que acaba por tornar-se delirante de infidelidade, revela-se patológico: vai-se instalando com carácter progressivamente mais invasivo e não preenche, em momento algum, uma função instrumental ou

adaptativa. Poderia ter servido, por exemplo, como indicador da presença em procurar apoio psicoterapêutico, com vista a desenvolver estruturas internas de auto-regulação e de auto-reparação da sua auto-estima, designadamente ao nível da deficiência falonarcísica.

Não é concebível amar eximindo-se à angústia gerada pela insegurança relativa à posse do objecto de amor /amor do objecto. Por um lado, o termo posse aplicado a um sujeito adquire necessariamente um significado simbólico, já que quem diz possuir o outro não é, na realidade, seu dono; no máximo, sê-lo-á apenas duma parte – o seu corpo -, não da sua interioridade, da sua intimidade, da sua alteridade, ou seja, daquilo que o define como sujeito. Por outro, as relações amorosas não são obrigatoriamente vitalícias e não existe forma de anular a possibilidade de vir a deixar de ser o depositário privilegiado e exclusivo do amor do objecto eleito, quer porque este deixe de amar o sujeito, quer sobretudo porque, o que é narcisicamente mais ruinoso, o abandone a favor dum rival.

O elevado valor conferido à relação com o objecto amado, obriga o sujeito amante a duas tarefas: uma, a necessidade de prevenir a sua possível perda e gerir a angústia associada a essa possibilidade; a outra, a manutenção da relação, apesar do custo que essa angústia representa para a sua economia mental.

Enquanto o ciúme normal se apresenta como transitório, específico e ancorado em factos reais, o ciúme patológico resulta duma preocupação não fundamentada, absurda e emancipada do contexto da realidade objectiva.

Para vivenciar o ciúme de forma construtiva, há que manter o equilíbrio entre o medo de perder o amor do objecto investido e a evidência objectiva de risco de abandono em benefício de um rival.

O ciúme normal é geralmente acompanhado pelo desejo de confirmar ou infirmar o medo da perda; se a suspeita, focalizada num rival plausível, se confirma, o medo dá lugar à tentativa de resolver o conflito e reparar a relação ou, alternativamente, de procurar um acordo sobre o seu fim. Não é nunca este o objectivo que move Paul. Em

vez de tentar esclarecer a suspeita, procurando re-securizar-se, Paul aposta no prolongamento do conflito e na total subjugação de Nelly.

No ciúme patológico, a suspeita recai sobre um rival improvável ou uma multiplicidade de possíveis rivais. Em consonância com a natureza mórbida do seu ciúme, Paul faz recair as suas suspeitas sobre uma multiplicidade de rivais. O cortejo de rivais por si designados inaugura-se com Martineau, um jovem e atraente hóspede do hotel; segue-se-lhe Julien, o barman do hotel, sucedem-se Duhamel, um cineasta amador também hospedado no hotel e acaba por englobar o conjunto dos residentes masculinos do hotel, de forma indiscriminada e independente do estatuto ou idade, tornando-se, por fim, extensivo ao médico da família, Dr. Arnoux.

No amor maduro, adulto, genital, - entendido como a relação amorosa continuada e exclusiva com um parceiro, integrando ternura e erotismo, - o medo da perda não é prevalente e o amor não é questionado; o sujeito experimenta circunstancialmente a emoção ciúme. Ao invés, no ciúme patológico, o amor do objecto é sempre questionado e o medo da perda é uma constante; este ciúme converte-se num modo relacional e o sujeito vive uma existência ciumenta. Paul vai mobilizando uma parte cada vez mais substancial do seu tempo, sobretudo mental, ruminando na suspeita de infidelidade e na forma de comprovar a existência objectiva da mesma, até cristalizar na certeza subjectiva, na “evidência” irrefutável de que está a ser traído.

O que ressalta no ciúme mórbido é uma necessidade exacerbada de controlo total do objecto, não apenas dos seus comportamentos, mas também dos seus sentimentos, intenções, motivações, desejos, pensamentos e fantasias, isto é, da sua alteridade.

O ciumento patológico tem um estilo relacional narcísico: não reconhece a alteridade do parceiro, não tolera a diferença de identidade do objecto privilegiado e para se defender idealiza-o como tendo necessidades iguais às suas, fá-lo à sua imagem e semelhança, uma vez que emocionalmente não consegue suportar que o objecto tenha afectos diferentes dos seus. Contudo, mais cedo ou mais tarde, este sujeito acaba por confrontar-se com o desfasamento entre a avidez de possuir, de conservar, a exigência da presença contínua e total do parceiro amoroso e a constatação de que não é amado

pelo objecto, pelo menos da forma exclusiva e exorbitante que exige. Em resposta, o seu comportamento ganha um cunho de dominação que visa fundamentalmente a afirmação narcísica da existência e do poder do ciumento, à custa da negação da alteridade do parceiro, isto é, da sua existência, da sua autonomia, do seu valor. Na ânsia de não perder o seu objecto de amor, Paul controla os seus passos e coarcta a sua liberdade, invade o seu espaço pessoal e afronta a sua alteridade, fere os seus sentimentos com acusações infundadas, destrói o vínculo amoroso.

Na etiopatogénese do ciúme encontra-se sempre a falha narcísica secundária ou falha falonarcísica, o mesmo é dizer, uma identidade de género ou imagem sexuada frágil. A probabilidade do sujeito sentir ciúme, será tanto maior quanto maior a falha falonarcísica, na origem da qual surgem, como factores dominantes e geralmente cumulativos, um défice de narcisização da identidade de género e/ou episódios de desnarcisização/humilhação narcísica. A forma obsessiva como Paul vive a relação amorosa indicia que ele possui uma identidade de género precária. Ferido por um sentimento de inferioridade, de auto-desvalorização ao nível da imagem sexuada, assola-o a sensação permanente de ansiedade e insatisfação, mina-o a insegurança em si próprio e em relação à competência para reter a mulher, devasta-o o medo de ser traído ou abandonado.

Dependendo da extensão da sua falha narcísica secundária, o sujeito ciumento pode chegar a sentir-se duplamente castrado, inferior, quando falha nos dois ramos da genitalidade: não tem força para competir com o rival nem libido para satisfazer o objecto.

Fóbico no que respeita à confrontação com o rival, por vezes o ciumento acaba por enfrentar a competição, por exercer a rivalidade de forma desviada, acusando o objecto de favorecer este e castigando-o, por esse facto. Para não deprimir, lança mão da defesa paranóide: “ Não sou eu que não presto como macho, é ela que é depravada; não sou eu que temo a competição com o rival, é ele que é um patife; não sou corno manso, ela é uma mulher da rua e ele um proxeneta.”.

Sentindo-se sem suficiente valor sexual, muitas vezes o sujeito ciumento tenta compensar essa auto-desvalorização da sua imagem sexuada através da conquista de um objecto valioso, designadamente do ponto de vista erótico, o que vai potencializar a ansiedade narcísea, expressa na atitude hiper-vigilante contra a ameaça de perda do objecto investido a favor dum rival e no esforço para preservar a posse e precaver a ridicularização decorrente da eventual desapropriação e conseqüente degradação da sua imagem social. Paul evidencia uma particular preocupação em acautelar a preservação da sua imagem social; evidência disso é a raiva que dirige contra a mulher quando esta lhe relata que pediu a Martineau que abandonasse o hotel, a pretexto de que o marido não gostava do comportamento dele. Em termos dos parâmetros de valorização dos atributos eróticos, Nelly representa, para o grupo social, um objecto de elevado valor; logo, potencialmente disputável, o que constitui para Paul um triunfo sobre a sua falha narcísica secundária. Em contrapartida, amplifica a vigilância, a desconfiança e a suspeita que caracterizam a sua atitude face ao objecto de amor e desencadeia ideias obsessivas e rituais compulsivos de verificação.

Constata-se alguma tendência para o uso indiferenciado da noção de ciúme e de inveja, não só ao nível da linguagem quotidiana como até no âmbito da terminologia psico(pato)lógica. Trata-se, contudo, de conceitos distintos: o ciúme ocorre na relação triangular e traduz a necessidade de conservar a posse exclusiva e total do objecto de amor; a inveja acontece na relação dual e representa o desejo ávido de apropriar-se de um bem/característica admirado no objecto – inveja benigna ou inveja-desejo - ou de destruir esse bem/característica, na impossibilidade de dele se apoderar – inveja maligna ou inveja-ataque.

Na vida afectiva real, ciúme e inveja são sentimentos que aparecem por vezes associados e se a inveja surge com frequência isolada do ciúme, é comum que este se apresente acompanhado da inveja.

É usual que o sujeito ciumento oculte o ciúme durante algum tempo, pretendendo com esse comportamento alcançar dois propósitos: por um lado, esconder a vergonha que o ciúme acarreta; por outro, furtar-se à assunção da culpa desencadeada pela porção de inveja que o ciúme comporta. Durante bastante tempo, Paul oculta e dissimula o

ciúme para camuflar a vergonha, evitar a deterioração da relação conjugal e escapar ao reconhecimento implícito da sua inveja em relação a Martineau. É Nelly quem acaba por inferi-lo, no âmbito dum interrogatório mais impertinente e acintoso a que Paul a submete.

Perante esta descoberta, ela sente-se muito lisonjeada, porque interpreta o ciúme do marido como um indicador fiável do interesse que ele sente por si, da profundidade do compromisso e do envolvimento afectivo-emocional e erótico entre ambos, do vínculo amoroso que os une. Contudo, o que começou por ser motivo de gratificante regozijo – o ciúme do seu marido – converte-se rapidamente numa tortura asfíxiante. À medida que o ciúme de Paul vai flagelando impietosamente a relação, Nelly, que sente como caluniosas as acusações do marido, conota-as com falta de amor.

A persistência no envolvimento amoroso profundo com Paul, objecto insatisfatório, controlador, desamante e sádico que investe objectalmente, deixa patente o apego masoquista de Nelly a esta relação.

Um factor de presença constante na etiopatogenia do ciúme é a inveja: inveja do objecto e/ou inveja do rival.

A falta de densidade sexual – masculina ou feminina - que caracteriza o ciumento condiciona o aparecimento da inveja em relação às competências, qualidades e perícias que reconhece no seu objecto e que sente e julga não possuir. É de admitir que Paul inveje as competências de Nelly, designadamente as afectivas, comunicacionais e sociais que, aliadas ao seu potencial erótico, lhe conferem grande facilidade relacional e poder de sedução, o que atíça o seu ciúme.

Nestas circunstâncias, o ciúme pode surgir como o pretexto e a oportunidade para acusar, perseguir e punir o objecto, com vista à sua destruição, com base nos conteúdos das fantasias delirantes ou dos delírios de infidelidade, urdidos pelo sujeito. O sentimento de inferioridade por não possuir o que sente e julga que lhe falta, pode ser tão devastador que desencadeie a necessidade de destruir o objecto, quando este se nega a colocar os atributos invejados ao total e exclusivo serviço do narcisismo do sujeito: é a

componente destruidora da inveja, a inveja-ataque, aqui dirigida contra o objecto, em vez de sê-lo contra o rival, como aconteceria num desenvolvimento edípico saudável. Quanto mais intrusivo e invasivo se vai revelando o delírio, mais o comportamento de Paul sobe de tom em acusações e violência contra a mulher a quem fustiga com interrogatórios e acusações de mentirosa, o que a leva a tomar consciência do inferno em que se transformou a sua vida e de quão encurralada está na loucura daquela relação. Para além da destruição da relação amorosa e dos indivíduos que a compõem, outra repercussão deste ciúme delirante consiste no cerceamento, cada vez mais tentacular, da autonomia e liberdade de Nelly, mesmo a de movimentos, que culmina no cativeiro desta, literalmente amarrada à cabeceira da cama do casal.

Até muito próximo deste desfecho, ela integra a agressão no amor, como se a submissão ao sofrimento fosse o preço justo pela manutenção do amor do objecto amado, numa compensação adaptativa da sua tendência masoquista.

A expiação da culpa inconsciente – culpa outrora sentida e actualmente ignorada, mas que persiste como vector do comportamento cuja motivação real permanece inconsciente -, expressa-se neste caso pela eleição de um objecto de amor sádico, controlador e culpabilizante, a cujas exigências exorbitantes, por um lado, se submete para manter o seu amor e reforçar a proximidade do casal e contra as quais, por outro, vem a rebelar-se de forma potencialmente auto-destrutiva: Na ilusão de promover a remissão do ciúme do marido, Nelly toma a iniciativa de afastar Martineau, o primeiro dos rivais de Paul, bem como de abdicar das suas deslocações à cidade, onde regularmente visitava a mãe e a amiga Marylin; Paul assume esta renúncia como uma confissão tácita, o que exacerba o seu delírio e o conseqüente sadismo sobre Nelly. Esta, cuja conduta reflecte a destruição da sua capacidade de oposição e luta, traduzindo a debilitação do Eu, pede a Paul uma dose do hipnótico que ele usa para combater a insónia, dose que ele deliberadamente duplica e a que ela sucumbe, afundando-se no “sono da morte”.

Ao designar o(s) rival(ais), o ciumento reconhece-lhe(s) implicitamente competência para enamorar o objecto que ele se esforça por conservar para si e inveja –lhe(s) aquilo que admira, valoriza e deseja ardentemente possuir – valor sexual -. Por conseguinte,

para o ciumento, o rival funciona igualmente, ou sobretudo, como objecto propriamente dito (objecto da sua libido-sexual) ou objecto/modelo de identificação (objecto da sua libido narcísica); daí a concepção da homossexualidade latente no ciúme delirante, inaugurada por Freud e partilhada por muitos outros investigadores.

Para o fundador da psicanálise, o ciúme patológico surge como defesa contra o impulso para a infidelidade – ciúme projectado – ou contra o impulso para a homossexualidade – ciúme delirante -. Como o impulso homossexual produz muito mais angústia que o impulso heterossexual, é mais provável que a defesa contra ele implique uma grave distorção da realidade.

À semelhança do que acontece com Paul, alguns sujeitos não suportam a interdependência inerente à relação amorosa, não toleram a ambiguidade e a incerteza do mundo objectal. Para suprimir a angústia deste processo, refugiam-se numa atitude de suspicácia, típica do pré-delirante. Equivale a dizer que, neles a suspeita reveste aspectos particulares: não é plausível; não se baseia em indícios previamente identificados; é generalizada, isto é, aplica-se a todas as interacções, independentemente do indivíduo com quem se interage. As suas interpretações, verosímeis e hipotéticas são por estes indivíduos assumidas como explicações objectivas, exactas e precisas.

A possibilidade de evolução para o delírio representa a última defesa contra a falha falonarcísica: não é o sujeito ciumento que é impotente para conservar o objecto amoroso, é o rival que se aproveita da ingenuidade ou da perversidade do objecto para ambos conspirarem na sua humilhação. Atribuindo a infidelidade de Nelly à natureza compulsivamente perversa da sexualidade dela, Paul assume-se como vítima e defende-se da desvalorização da sua identidade sexual ou imagem sexuada.

Enquanto o ciumento suspeita, o delirante de infidelidade "sabe" que é traído. A dúvida exige a observação e vigilância permanentes, a dissimulação das mesmas e a ocultação da ansiedade. Do ponto de vista psíquico, o delírio é uma solução mais económica: a dúvida dá lugar à "certeza" absoluta, o que subjectivamente representa o desaparecimento da angústia, a favor da indignação ou da resignação. A incontornável inacessibilidade à intimidade da mulher, conduz Paul a um processo de acumulação da

angústia num crescendo de tensão de tal forma intolerável que já não pode ser resolvido a não ser pela irrupção do delírio. Por outras palavras, quando Paul deixa de conseguir elaborar a dor mental provocada pela suspicácia, retira-se da realidade e “fabrica” uma realidade “à sua medida”: o delírio.

É consensual junto dos investigadores de orientação psicanalítica a ideia de que o ciúme pode constituir um fenómeno mental projectivo, quando, por identificação projectiva, o sujeito projecta no cônjuge o seu desejo e fantasia de infidelidade.

No plano inconsciente, o paranóico ensaia a solução “homossexual” repetindo com o rival a relação que queria ter tido com o rival da relação anaclítica, numa tentativa desesperada de se libertar da relação objectal narcísica que o funde ao parceiro amoroso, com o qual repete a relação simbiótica oral-narcísica que teve com o objecto anaclítico. Quando Paul invade o consultório do Dr. Arnoux, profere algumas frases que ilustram a natureza da sua relação de objecto: “Se ela me deixa, não me resta nada; Eu não posso viver sem ela; Devolva-ma, por favor.” Ele não pode permitir-se perder Nelly porque isso acarretaria perder a identidade que forjou através dela; daí o imperativo de impedir que os outros o expropriem desse pilar, o espoliem desse espelho securizante. Refém duma relação objectal narcísica, que enquanto indispensável se lhe impõe como totalitária, Paul ensaia inconscientemente um investimento “homossexual”, ou seja, um investimento fora da relação em objectos do seu sexo – os rivais. Com Nelly, ele repete a relação que teve com o objecto anaclítico; com os rivais, estará a repetir a relação que queria ter tido com o rival da relação anaclítica.

O investimento do sujeito ciumento num objecto exterior à relação - o rival -, acontece pelo imperativo de procurar realizar, na actualidade, o movimento edipiano falhado na infância, mediante o investimento no segundo objecto – o pai –, por forma a viabilizar a separação-individação e a respectiva saída da anaclise. Impõe-se que o esquema relacional de con-fusão totalitária que o prende ao parceiro sexual não seja repetido e por isso o rival é do mesmo sexo do sujeito. Embora o filme não aborde a história pregressa de Paul, designadamente a sua história relacional infantil, o seu padrão relacional anaclítico indicia que a passagem proto-edipiana correspondente ao

investimento no segundo objecto – o pai – não se tenha verificado, comprometendo o processo de separação-individuação e a consequente saída da anaclise.

Quando os objectos cuidadores do bebé sujeito lhe dispensam essencialmente cuidados de sobrevivência negligenciando os cuidados de vivência, ele não vai confiar no seu próprio pensamento nem nos seus próprios sentimentos, o que acarreta um défice ao nível das suas competências de autonomia que se repercute num estilo relacional simbiótico, muito dependente do objecto.

Sem acesso à autarquia narcísica nem à parceria genital, este sujeito experimenta severas dificuldades de separação que, com frequência, estão na origem da vivência patológica do ciúme. Porque se sente incompleto, subordina-se a uma lógica relacional de complementação indo buscar ao objecto as competências que julga e sente que lhe faltam; ao invés, se o sujeito se sentir completo desejará o objecto complementar para constituir a unidade par, numa lógica de complementaridade.

Coimbra de Matos recruta os conceitos de homo-objectalidade e de homosocialidade para caracterizar as situações em que o objecto de eleição para a relação íntima não erotizada é do mesmo sexo que o sujeito, cujo défice de identidade sexuada e de autonomia condiciona o investimento num objecto admirado que funciona não como objecto genital, mas prevalentemente como objecto de identificação, de amparo e de complementação.

Traduzindo a falência do processo de separação-individuação, a estrutura borderline constitui um factor predisponente para o ciúme patológico, na medida em que aprisiona o sujeito à relação infantil dual e exclusiva, fechada sobre si própria e sobre o mundo e consequentemente lhe obstaculiza a triangulação dos afectos. A extrema dificuldade de Paul em vivenciar a relação triangular radica no fantasma de desejo de manter inalterada a relação dual com Nelly, encarada de forma fechada, única e exclusiva, porque assumida como a mais gratificante, tradução inequívoca dos resquícios de dependência infantil em cuja teia este sujeito se encontra enredado.

O sujeito borderline é presa fácil do ciúme, porque tem uma relação objectal de tipo narcísico que o deixa dependente do objecto: as suas relações são de necessidade, - muito mais que de amor e de desejo -, são relações em que o objecto preenche funções necessárias ao seu funcionamento, funciona como objecto lar, objecto abrigo, vale dizer, objecto de segurança, objecto externo de apoio. O sujeito investe narcisicamente o seu objecto amoroso: assume-o como uma parte de si próprio, uma espécie de prolongamento do self, de complemento narcísico, do qual não arrisca separar-se e não se permite estar só e ser independente e autónomo, vendo-se a si mesmo como o centro da actividade do objecto, ou seja, como uma fonte de atenção, apreço e amor.

Na tentativa de resolver uma ambivalência insustentável, o ciumento de perfil borderline utiliza a clivagem afectiva: Sempre que o objecto se subordina e satisfaz as necessidades narcísicas do sujeito, é um bom objecto; desde que o sujeito sinta o seu objecto como frustrante, ele converte-se num mau objecto. Esta relação alternante está bem patente no filme: desde que Nelly se comporte de acordo com as expectativas e desejos, - melhor dito, necessidades, - de Paul, a relação é satisfatória para ele; sempre que ela não cumpre a sua idealização, a frustração domina-o e a raiva narcísica explode.

Em diferentes situações, este delirante de infidelidade manifesta arrependimento pelas acusações e recriminações dirigidas à mulher; contudo, vez nenhuma ele acede ao reconhecimento da sua própria culpabilidade, nem sequer pelas agressões físicas e pela violação selvática perpetrada contra Nelly: Esta é mais uma característica do ciumento de natureza borderline.

A conduta deste sujeito balança entre a relação passional e o ataque de raiva narcísica. Tamanha instabilidade entorpece a capacidade de reacção do objecto, cujo comportamento denota passividade enquanto não se recompõe da perplexidade e confusão induzidas pelo comportamento do sujeito. O comportamento oscilante de Paul desconcerta Nelly que se lhe submete até conseguir recuperar a organização do raciocínio e restaurar a capacidade de decisão, respectivamente tomando consciência da loucura do marido e resolvendo libertar-se daquele inferno relacional.

Do investimento objectal narcísico decorre a angústia de separação, ansiedade profundamente invasiva que deixa o sujeito vulnerável à instalação do ciúme. O objecto do sujeito ciumento de perfil borderline funciona como uma figura de referência, uma imagem tutora longe da qual o sujeito se sente desesperado, desamparado, dada a precária constância afectiva ou permanência no seu mundo interno. Dito de outra forma: o sujeito tem um défice de memória de evocação dos objectos internos, mal organizados, que o torna dependente da presença concreta do objecto de vinculação protectora. Ao longo do filme, Paul parece dependente da presença concreta do seu objecto: assiste-se à somatização da angústia de separação, sob a forma de episódios de polipneia e de insónia, quando Nelly abandona momentaneamente o leito conjugal para conter a angústia de Vincent, filho de ambos, porque o menino tem pesadelos e vai-se constatando a dimensão progressivamente mais invasiva da angústia que domina Paul, em resposta ou por antecipação às ausências de Nelly.

Perante a iminência de ficar longe da mulher, a quem o médico pretende ajudar a abandonar o cativo do lar, a pretexto de interná-la para a tratar da histeria de que o marido a acusa, Paul barrica-se no quarto do casal, ata a mulher à cabeceira da cama e acaba por descompensar enleando-se num estado confusional com desorientação espaço-temporal que serve de termo à narrativa, mas cujo relançamento se adivinha na espiral predizível da sua loucura.

Trata-se de uma descompensação psicótica característica da patologia-limite: quando as situações exigem maior esforço de adaptação, as personalidades borderline tendem a descompensar, a não ser que tenham por perto a figura de referência, a imagem tutora. “Colado” como está a Nelly, Paul sucumbe à angústia de separação e experimenta sentimentos intensos de perda, de desorganização e de desorientação espaço-temporal, como se as experiências de espacialidade e de temporalidade só pudessem ser concebidas na presença do objecto.

No borderline, o objecto é supletivo e não substantivo, vale dizer, funciona como uma segunda pele, está lá para conter a experiência primária. Os elementos assimbólicos são mantidos no lugar em que o objecto, mediante identificação projectiva, é posto no lugar do pensamento do sujeito. A presença do objecto confere ao sujeito borderline uma

pseudo-identidade, uma pseudo-existência, permite-lhe a activação de mecanismos pseudo-neuróticos que viabilizam a sua pseudo-organização/pseudo-autonomia. A falta do objecto desactiva o pensamento do sujeito, deixa-o psicótico, expõe-o à loucura; daí a emergência da raiva narcísica, originada na frustração dum não-resposta do objecto, sempre que este não cumpre a sua função supletiva.

Não há-de ser por acaso que a angústia de separação constitui uma queixa muito difundida entre as pessoas, em geral, e os pacientes, em particular.

Independentemente da sua orientação, os psicanalistas são unânimes em considerar que, no primeiro ano de vida, o bebé humano precisa de um objecto permanente para se desenvolver, para criar uma relação de vínculo e construir as experiências emocionais de pertença e de identidade.

Esta posição é suportada pela evidência empírica, pela investigação biológica, pela investigação psicológica e pela investigação psicanalítica.

Antes de fazer a integração e a constância do objecto, o bebé sujeito necessita de sentir a sua constância dentro do seu objecto; é muito importante que o sujeito possa sentir-se objecto do desejo do seu objecto, sentir-se amado para poder amar.

Contudo, aquilo a que, em larga escala, se assiste é que a singularidade, a idiosincrasia da relação mãe-bébé tem vindo a ser substituída pelo berciamento de famílias institucionais; tem-se, por lei, quatro meses de jogo narcísico com o bebé, após o que este ingressa no berçário e percorre toda uma trajectória em que o ambiente é *borderline*, no sentido em que, por mais empáticas e congruentes que sejam as educadoras de infância, o que prevalece é uma função, no lugar de um vínculo, a primazia é nos cuidados de sobrevivência, em detrimento dos cuidados de vivência.

Supomos que possa residir aqui uma das principais causas para o ciúme patológico; não sentindo o objecto no seu afecto e na sua memória nem se sentindo dentro do afecto e da memória do objecto, o sujeito experimenta desamparo, desespero e não se arrisca a

separar-se e a viajar pelo exterior com medo de quebrar o vínculo, e assim não se permite estar só e ser um sujeito independente e autónomo.

Ao invés, os que dominam a arte de usar o ciúme em doses afrodisíacas sentem menor necessidade de controlar o parceiro amoroso, porque não vêem na independência e autonomia do objecto amado uma condição estimulante para a sua infidelidade. Por isso, conseguem dar ao parceiro “espaço de manobra” não lhe coarctando a possibilidade de ter uma vida plena, sem recearem que isso redunde na degradação da relação; no fundo, sem temerem que os prazeres alcançados fora da relação o afastem da relação.

Porque:

- Apostam no vínculo afectivo-erótico como forma de prevenir os efeitos desestruturantes da insegurança; assim, focalizam-se e conferem prioridade ao prazer que a relação amorosa proporciona.
- Arriscam uma relação mais independente com um objecto sexuado e sexual a quem, pelo menos tacitamente, reconhecem o direito de escolher ser fiel.
- Investem numa relação viva, criativa, intensa e profunda, mas não obrigatoriamente permanente, imutável e vitalícia.
- Conseguiram desvincular-se dos resquícios da dependência infantil, caracterizada pela relação dual única e exclusiva, fechada sobre si própria e sobre o mundo.

*“Alguém contou as vítimas do ciúme? Todos os dias há um revolver que soa num local ou noutro por causa do ciúme; todos os dias há uma faca que penetra num corpo quente; todos os dias alguns infelizes, atormentados pelo ciúme e cansados da vida, afundam-se em abismos insondáveis. O que são todas essas batalhas horrendas, narradas pela História, quando comparadas a esta terrível paixão que é o ciúme?”*

Wilhelm Stekel, *The Depths of the Soul*

## CAPÍTULO NOVE

## Alcance e Principais Limitações do Presente Trabalho

*“Na procura do tormento, na obstinação do sofrer, só o ciumento pode rivalizar com o mártir.”*

E. Cioran, *Syllogismes de L' Amertume*

---

Acerca do desenvolvimento da psicanálise, Freud afirma na sua autobiografia: “... a psicanálise deixou de ser um assunto puramente médico. Entre o seu surgimento na Alemanha e hoje em França, está a história das suas numerosas aplicações a domínios da Literatura e da Estética, à história das Religiões e à Pré-História, à Mitologia, ao Folclore, à Educação e assim por diante.” A utilização destes diferentes domínios das ciências humanas como objecto de investigação psicanalítica, designa-se por psicanálise aplicada e tem merecido vivas críticas por não obedecer ao enquadramento analítico da transferência.

A criança que existe em cada adulto, não renuncia a brincar. Uma vez chegado à adultícia, o indivíduo aparentemente desiste de brincar, porque deixa de fazê-lo abertamente, como enquanto criança quando normalmente evidenciava o seu desejo de fazer como os adultos. Para satisfazer os desejos escondidos – ambições egoístas que não quer reconhecer e anseios eróticos que quer ocultar – o adulto passa a fantasiar.

Um dos veículos privilegiados de expressão da fantasia é a arte e, dentro desta, a criação literária e cinematográfica. Para satisfazer antigos desejos não realizados, originados nas suas experiências infantis, o criador inventaria histórias construídas com materiais quer de origem mais remota, quer de procedência mais contemporânea, o que lhe possibilitaria actualizar as motivações antigas e relembrar as relações com as figuras mais significativas do passado.

Ora, à psicanálise aplicada censura-se o “pecado” de não possibilitar a análise da “transferência” do criador ou do autor. Mas será a transferência o único ou o principal critério definidor da objectividade do processo analítico? Julgamos que é um desses

múltiplos critérios. Lembremos que as interpretações transferenciais não deixam de constituir inferências, de reflectir aspectos subjectivos que dependem do analista e do analisando; são produto da intersubjectividade e não resultado da interpretação dum analista objectivo e são que tem a seu cargo um analisando doente e propenso a assumir como verdade as suas crenças ou ilusões.

Para os detractores da psicanálise aplicada, na análise dos textos literários/ do filme a “transferência” funcionaria em sentido contrário, vale dizer, o contacto dos leitores/espectadores – e entre eles o investigador de orientação psicanalítica – com as personagens, enredos, livros, argumentos, filmes iria desencadear uma “transferência” que enviesaria a sua interpretação. Esta antinomia não se afigura exactamente defensável. Os livros / os filmes devem ser contentores capazes de abranger as várias abordagens pessoais dos diversos leitores/espectadores e que envolvem aspectos não só emocionais, mas também intelectuais, estéticos, filosóficos, sociais, etc.

Os autores não precisam assim de anular a sua “transferência” para com as personagens que criam/ recriam, para com os seus leitores/espectadores e para com as avaliações de que vão sendo objecto; Os investigadores psicanalíticos também poderão prescindir do elenco exaustivo das manifestações psico-patológicas dos autores e permitir-se o uso da “transferência” e da “contra-transferência” para enriquecer as suas reflexões.

Em nosso entender, a real limitação desta investigação reside no facto de o argumento do filme não abordar a história relacional pregressa do delirante de infidelidade; os traumas antigos, infantis, estão ocultos; a motivação da história adulta está omissa e isso sim constituiu um factor limitante da compreensão do seu mundo interno.

Propusemo-nos tratar o tema do Ciúme Sexual. Deixamos aqui o resultado desse trabalho, na convicção de que começámos apenas a aflorá-lo. O resto não perde pela demora, mas é empreendimento para uma vida. Apesar disso, para a nossa vivência pessoal e prática clínica, nada será como dantes, como antes de iniciar esta investigação.

Porque ela nos trouxe à evidência que há que procurar “despistar” a inveja no ciúme e que se impõe atribuir, ou porventura devolver, ao ciúme o lugar de destaque que, por mérito próprio, lhe cabe na dinâmica da vida mental inconsciente e consciente do sujeito. Não é de enaltecê-lo que se trata, mas de reconhecê-lo e acolhê-lo e respeitá-lo e entendê-lo, para duma forma mais plena acedermos à competência relacional que as relações triangulares requerem e a objectalidade reclama.

A atitude oposta consiste em negá-lo, à custa de um severo recalçamento, ou no mínimo ignorá-lo, escamoteá-lo, desprezá-lo e deixar que ele emirja, enfurecido, para boicotar o nosso corpo, alienar a nossa mente e sabotar a nossa alma. Foi esta a opção do ciumento patológico de L’Enfer.

*“A maioria das relações amorosas, se não todas, contem elementos de dependência doentia. Encaremo-lo: a harmoniosa, madura e feliz interdependência é só um ideal a que aspiramos. Para alcançarmos o amor maduro precisamos ter vivido, na infância, um amor parental estável e forte, amor que nos ajude a amarmos a nós próprios. O amor dos nossos progenitores proporciona-nos um forte sentimento de bem-estar e permite-nos dar pelo simples prazer de dar. Isto possibilita-nos, em adultos, viver e exprimir o espectro total das nossas emoções e desejos ...*

*Para sermos capazes de alcançar o amor maduro enquanto adultos, necessitamos de desenvolver um sistema interno de auto-parentalidade que nos proporcione amor incondicional para conosco, auto-orientação sábia e uma forte auto-confiança.*

*Além de um sólido amor familiar, era preciso termos crescido numa cultura em que tivessem lutado para nos libertar da ilusão de que os outros têm a chave para uma vida de promessas sempre satisfeitas: segurança absoluta, confiança incondicional, gratificação constante, poder e comodidade perpétua.”*

Brenda Schaeffer, *Is It Love or It Is Addiction?*

## CAPÍTULO DEZ

## Questões para Futuras Investigações

*“Há no ciúme mais amor- próprio do que amor.”*

La Rochefoucauld, *Réflexions ou Sentences et Maximes Morales*

---

Mais que trazer novas respostas, este trabalho suscita novas linhas de investigação em torno do ciúme sexual. Eis algumas das que, pela sua relevância, nos merecem destaque:

- Ciúme e Famílias Monoparentais: conhecemos hoje as vantagens que a bifocalidade das famílias biparentais possibilita, promove e desenvolve e que se traduzem no enriquecimento da vida mental e relacional da criança. E, contudo, vivemos uma época em que a incidência das famílias monoparentais regista um aumento apreciável, nomeadamente as fundadas na figura da mãe.

Sabemos também que um factor patogénico reforçador da simbiose reside na indisponibilidade afectiva, demissão ou ausência do pai.

Por outro lado, temos presente que a saída da anaclise se faz mediante o investimento no segundo objecto – o pai – e que quando esta passagem proto-edipiana não tem lugar, o Édipo que se constrói é falso, porque apenas aparente.

Recordamos que o paranóico de ciúme, no plano inconsciente, busca desesperadamente viabilizar o processo de separação-individação abortado, repetindo com o rival a relação que teve ou quis ter com o rival da relação anaclítica ou com o objecto que potencialmente poderia ter quebrado essa relação.

Interessa, pois, investigar em que medida estas famílias monoparentais poderão representar um factor de risco acrescido para o desenvolvimento de personalidades anaclíticas com predisposição para o ciúme patológico.

- Ciúme e Períodos Fundadores da Identidade de Género: sabemos que um dos principais factores etiopatogénicos do ciúme reside na chamada falha narcísica secundária ou falha falonarcísica, que origina uma identidade de género precária.

Sabemos ainda que o processo de narcisação da identidade sexual atravessa três fases fundadoras. A primeira - a genital precocíssima -, até aos dezoito meses, em que predomina a identificação especular ou imagóico-imagética; A segunda, - a genital precoce -, dos dezoito aos trinta e seis meses, em que prepondera a identificação idiomórfica e a terceira - a genital infantil -, entre os três e os seis anos, em que prevalece a identificação xenomórfica ou alotriomórfica.

A identificação narcisante conhece um ponto alto na adolescência. Nesse período, a fantasia nuclear da sexualidade encontra-se consolidada e a forma como a adolescência é vivida é fundamental ao nível da estruturação mais ou menos definitiva do valor sexual do sujeito.

Importa investigar as repercussões do défice de narcisação da auto-imagem sexuada e dos episódios de desnarcisação/humilhação narcísica na construção da densidade masculina ou feminina do sujeito, no âmbito dos diferentes períodos fundadores da identidade sexual e da adolescência.

- Ciúme e Escolha do Parceiro Amoroso: de acordo com uma importante corrente de investigadores da psicologia das relações amorosas, os indivíduos escolheriam cuidadosamente os parceiros amorosos por quem se apaixonam. Para tal, servir-se-iam duma imagem romântica internalizada e inconsciente, construída durante os primeiros anos de vida, a partir da vivência relacional com os pais e outros objectos afectivamente significativos, por duas vias: a forma como tinham expressado, ou não, amor pela criança; a forma como tinham expressado, ou não,

amor um pelo outro. A internalização de introjectos patogénicos poderia resultar da relação com ambos os progenitores e da relação entre estes.

Os introjectos patogénicos e as motivações inconscientes poderiam ajudar a compreender comportamentos difíceis de entender, designadamente por que se apaixonam algumas pessoas por parceiros amorosos que parecem tão inapropriados para elas e porque vivem determinados sujeitos agarrados a relações de pesadelo que não conseguem abandonar, muitas delas vítimas de maridos ou mulheres que sofrem de ciúme projectado ou, pior, delirante. À luz desta concepção, a razão residiria no facto de esses parceiros expressarem uma parte reprimida do *self* do sujeito, o que lhe permitiria culpar o objecto pelo seu sofrimento, em vez de procurar dentro de si mesmo e entrar em contacto com a sua dor.

Em suma, as experiências infantis, designadamente de privação, rejeição e abandono, exerceriam uma forte influência na escolha dum parceiro amoroso, uma vez que seriam actualizadas nas relações amorosas da vida adulta. Apaixonar-se não aconteceria por acaso; as pessoas escolheriam um objecto compatível com um objecto interno e com uma relação de objecto internalizada, porque só uma pessoa assim poderia ajudá-las a actualizar experiências infantis e a gratificar necessidades que não haviam sido satisfeitas na infância.

O objecto que melhor se adequaria à imagem romântica internalizada do sujeito também seria a pessoa que estaria em melhores condições de ajudá-lo a resolver os seus traumas infantis. Concretizando: ainda que a lógica pudesse sugerir que uma mulher cujo pai era infiel escolheria um homem cuja fidelidade estivesse acima de suspeitas, o mais provável seria que ela viesse a enamorar-se de homens volúveis, parecidos com o seu pai, porque só um homem parecido com o seu pai poderia dar-lhe o que não havia obtido dele. Paradoxalmente, ela casar-se-ia com um homem parecido com o seu pai e, contudo, desejaria ardentemente que ele não se comportasse como se comportava o seu pai: Desejaria que ele fosse um marido fiel e lhe desse a segurança que não tinha tido em menina. Outro exemplo: Um homem que em criança ou adolescente testemunhara a infidelidade de sua mãe

podia escolher para casar uma mulher cuja característica principal fosse a fidelidade. Para trabalhar o seu trauma infantil, seria possível que suspeitasse que a sua mulher lhe era infiel para curar a sua ferida à custa da comprovação reiterada da inocência dela.

A expansão desta linha de investigação constituiria um contributo interessante para a compreensão mais clara e plena do papel do ciúme na dinâmica das relações amorosas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FÍLMICA

- Alberoni, F. (1992). *Os Invejosos*. Lisboa, Bertrand Editora.
- Alberoni, F. (1997). *Amo-te*. Lisboa, Bertrand Editora, Lda. (1996).
- Albuquerque, A. & Soares, C. (1989). “Ciúme Obsessivo: Análise de Casos” in *Psicologia*, VII, 1: 33-38.
- Amaral Dias, C. (1995). (A) *Re-Pensar*. Porto, Edições Afrontamento.
- Amaral Dias, C. (2004). *Costurando as Linhas da Psicopatologia Borderland (Estados-Limite)*. Lisboa, Climepsi Editores.
- Bach, R. (1984). *The Bridge Across Forever*. New York, William Morrow and Co.
- Barthes, R. (1987). *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. Lisboa, Edições 70 (1977).
- Bick, E. (1968). “The Experience of the Skin in Early Object Relations” in *The International Journal of Psycho-Analysis*, 49, p. 484.
- Belo, A. (2001). *O Pequeno Livro do Ciúme*. Cascais, Arte Plural Edições.
- Bers, S. & Rodin, J. (1984). “Social-Comparison Jealousy: A Developmental and Motivational Study” in *Journal of Personality and Social Psychology*, 47, Nº 4: 766-779.
- Bombarda M. (2001). *O Delírio do Ciúme*. Lisboa, Ulmeiro.
- Bracinha Vieira, A. (1984). “Psicopatologia dos Delírios de Ciúme” in *Psiquiatria Clínica*, 5, Nº 4: 163-195.
- Buss, D. M. & Buunk B. P. & Angleitner, A. & Oubaid, V. (1996). “Sex Differences in Jealousy in Evolutionary and Cultural Perspective: Tests from Netherlands, Germany, and the United States” in *Psychological Science*, 7, Nº 6: 359 – 379.
- Buss, D. M. (2002). *A Paixão Perigosa. Por que é que o Ciúme é Indispensável ao Amor e ao Sexo*. Pero Pinheiro, Entre Letras Editora (2000).
- Cavalcante, M. (1997). *O Ciúme Patológico*. Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos.
- Cioran, E. M. (1987). *Syllogismes de L'Amertume*. Paris, Gallimard.
- Clanton, G. & Smith, L. G. (1998). *Jealousy*. Landham MD, University Press of America.

- Coimbra de Matos, A. (?). *Os Ciúmes Depressivos*. Artigo da Biblioteca da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, com o nº de entrada 665, de 09.04.1980.
- Coimbra de Matos, A. (2001). *A Depressão, Episódios de Um Percurso em Busca do seu Sentido*. Lisboa, Climepsi Editores.
- Coimbra de Matos, A. (2002). *O Desespero, Aquém da Depressão*. Lisboa, Climepsi Editores.
- Coimbra de Matos, A.(2002). *Adolescência, O Triunfo do Pensamento e a Descoberta do Amor*. Lisboa, Climepsi Editores.
- Coimbra de Matos, A.(2003). *Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica*. Lisboa, Climepsi Editores.
- Coimbra de Matos, A.(2003). *Mais Amor, Menos Doença - A Psicossomática Revisitada*. Lisboa, Climepsi Editores.
- Coimbra de Matos, A.(2004). *Saúde Mental*. Lisboa, Climepsi Editores.
- Echeburúa, E.& Montalvo, J. F. (2001). *Celos en La Pareja: Una Emoción Destructiva*. Barcelona, Editorial Ariel, S. A.
- Ferreira-Santos, E. (1998). *Ciúme: O Medo da Perda*. São Paulo, Editora Ática.
- Ferreira-Santos, E. (2000). *Ciúme: O Lado Amargo do Amor*. São Paulo, Editora Gente.
- Ferro, R. (2003). *És Meu*. Lisboa, Publicações D. Quixote.
- Freud, S. (1923). "Certain Neurotic Mechanisms in Jealousy, Paranoia and Homosexuality" in *The International Journal of Psycho-Analysis*, IV: 1-10.
- Freud, S. (1969). *Autobiografia*. Madrid, Alianza Editorial. (1924).
- Friday, N.(1997). *Jealousy*. New York, M. Evans and Company, Inc.
- Fromm, E. (1962). *The Art of Loving*. New York, Harper and Row.
- Fuller, P. (1983). *Arte e Psicanálise*. Londres, Writers and Readers (1980).
- Gibran, K. (2002). *O Profeta*. Mem Martins, Livros de Vida Editores (1923).
- Greenberg, J. R. & Mitchell, S. A. (2003). *Relações de Objecto na Teoria Psicanalítica*. Lisboa, Climepsi Editores (1983).

- Harris, C. R. (2000). "Psychological Responses to Imagined Infidelity: The Specific Innate Modular View of Jealousy Reconsidered" in *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, Nº 6: 1082-1091.
- Kaplan, D. M. (1970). "Comments on the Screening Function of a Technical Affect, With Reference to Depression and Jealousy" in *Int. J. Psycho-Anal.*, 51: 489-502.
- Karmitz, M. (Produtor), Chabrol, C. (Realizador). (1994). *L'Enfer*. MK2 Productions, S.A., CED Productions France 3 Cinéma, Cinémanuel.
- Kernberg, F. O. (1975). *Borderline Conditions and Pathological Narcissism*. New York, Jason Aronson.
- Kernberg, F. O. (1989). *Les Troubles Graves de la Personnalité : Stratégies Psychotérapeutiques*. Paris, Presses Universitaires de France (1984).
- Kernberg, F. O. (1998). *Love Relations. Normality and Pathology*. New Haven and London, Yale University Press.
- Klein, M. (1991). *Inveja e Gratidão*. Rio de Janeiro, Imago (1957).
- Kohut, H. (1971). *The Analysis of the Self*. New York, International Universities Press.
- Kohut, H. (1977). *The Restoration of the Self*. New York, International Universities Press.
- La Rochefoucauld, F. (1998). *Réflexions ou Sentences et Maximes Morales*. Paris, Imprimerie Nationale (1664).
- Lagache, D. (1997). *La Jalousie Amoureuse, I e II*. Paris, Quadrige/Presses Universitaires de France. (1947).
- Lagache, D. (1949). "De L'Homosexualité à La Jalousie" in *Revue Française de Psychanalyse*, 13(3) : 351-366.
- Lelord, F. & André, C. (2002). *A Força das Emoções*. Cascais, Editora Pergaminho.
- Levillain, P. C. & Zammuner, V. L. & Colodrón (1994). "Somos Sinceros al Comunicar Nuestras Emociones a los Demás? El caso de los Celos y la tristeza" in *Revista de Psicología Social*, 9, 2: 151-163.
- Luzes, P. (2001). *Sob o Manto Diáfano do Realismo – Psicanálise de Eça de Queiroz*, Lisboa, Fim de Século.
- Melamed, T. (1991). "Individual Differences in Romantic Jealousy: The Moderating Effect of Relationship Characteristics" in *European Journal of Social Psychology*, 21: 455-461.

- Moraes, V. (1960). *Antologia Poética*, Rio de Janeiro, Editora do Autor.
- Nazare-Aga, I. (2001). *Os Manipuladores do Amor*. Cascais, Editora Pergaminho (2000).
- Pacheco, C. S. (1998). *O Ciúme*. Porto, Edições Afrontamento.
- Parrott, W. G. & Smith, R. H. (1993). "Distinguishing the Experiences of Envy and Jealousy" in *Journal of Personality and Social Psychology*, 64, Nº 6: 906-920.
- Pasini, W. (2004) *La Jalousie*, Paris, Odile Jacob (2003).
- Pierloot, R. A. (1988). "Impersonal Objects in Morbid Jealousy" in *Int. Rev Psycho-Anal.*, 15: 293-306.
- Pines, A.M.(1996). *Couple Burnout: Causes and Cures*. New York, Routledge.
- Pines, A.M.(1998). *Romantic Jealousy: Causes, Symptoms, Cures*. New York, Routledge.
- Pines, A. M. (1999). *Falling In Love: Why We Choose the Lovers We Choose*. New York, Routledge.
- Riviere, J.(1932). "Jealousy as a Mechanism of Defence" in *Int. Journal of Psycho-Anal.*, 13: Nº 4: 414-424.
- Rosenfeld, H. (1988). *Impasse e Interpretação*. Rio de Janeiro, Imago Editora (1978).
- Salovey, P. & Rodin, J. (1984). "Some Antecedents and Consequences of Social-Comparison Jealousy" in *Journal of Personality and Social Psychology*, 47, Nº 4: 780-792.
- Salovey, P. & Rodin, J. (1986). "The Differentiation of Social-Comparison Jealousy and Romantic Jealousy" in *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, Nº 6: 1100-1112.
- Schaeffer, B. (1992). *Loving Me, Loving You: Balancing Love and Power in a Codependent World*, New York, Harper Collins Publishers.
- Schaeffer, B. (1993). *Is it Love or Is it Addiction?*. New York, Harper Collins Publishers.
- Segal, H. (1991), *Sonho, Fantasia e Arte*. Rio de Janeiro, Imago Editores (1918).
- Shakespeare, W. (1966). *Otelo - O Mouro de Veneza*. Lisboa, Editorial Presença.
- Sharpsteen, D. J. (1997). "Romantic Jealousy and Adult Romantic Attachment" in *Journal of Personality and Social Psychology*, 72, Nº 3: 627-640.

- Silva, P. & Marks, M. (1997). "O Problema dos Ciúmes no Casal" in *Psychologica*, 17: 5-17.
- Spielman, P. M. (1971). "Envy and Jealousy – An Attempt At Clarification" in *Psychoanalytic Quarterly*, 59-82.
- Spring, J. A. (1997). *After the Affair: Healing the Pain and Rebuilding the Trust When a Partner Has Been Unfaithful*, New York, Harper Collins Publishers.
- Sommers, P. (1988). *Jealousy, What is It and Who Feels It?*, London, Penguin Books.
- Stearns, P. (1994). "Jealousy" in *Encyclopedia of Human Behavior*, 3: 1-11.
- Tavares, M. S. (2003). *O Equador*. Lisboa, Oficina do Livro.
- Tremblay-Leveau, H. (1998). "Une Approche Wallonienne de la Jalousie" in *Enfance*, N° 1: 49-59.
- Urtubey, L. (1984). "La Jalousie, Porte D'Entré De L'Homosexualité Inconsciente Dans La Cure", in *Revue Française de Psychanalyse*, 48 (3) : 769-774.
- Vaz Serra, A. (1982). "Considerações Clínicas Sobre o Ciúme Mórbito" in *Psiquiatria Clínica*, 3, N° 4: 163-173.
- Ventura, Z. (2005). *Inveja; Mal Secreto*. Porto, Asa Editores (1998).
- White, G. L. & Mullen, P. E. (1989). *Jealousy: Theory, Research and Clinical Strategies*. New York, Guilford.
- Williams, M. (1975). *The Velveteen Rabbit*. New York, Doubleday and Co.
- Zammuner, V. L. (1994). "Felt and Communicated Emotions: Sadness and Jealousy" in *Cognition and Emotion*, 8, N° 1: 37-53.